



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS (FCS)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL (PPGAS)

DAVI SAMURU XERENTE

***Akwẽ kmã krsisimnõze - O Dasipê e o Ritual de nomeação Akwẽ-  
Xerente***

GOIÂNIA  
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

Davi Samuru Xerente

#### 3. Título do trabalho

*Akwê kmã krsisimnôze – O Dasipê e o Ritual de nomeação Akwê-Xerente*

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
  - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Davi Samuru Xerente, Discente**, em 10/10/2025, às 15:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joana Aparecida Fernandes Silva, Usuário Externo**, em 13/10/2025, às 08:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5686599** e o código CRC **AE9174D5**.

---

DAVI SAMURU XERENTE

**Akwẽ kmã krsisimnõze - O *Dasipê* e o Ritual de nomeação *Akwẽ-Xerente***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Área de concentração: Antropologia Social

Orientadora: Professora Dra. Joana Aparecida Fernandes Silva

GOIÂNIA  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Xerente, Davi Samuru

Akwe kmã krsisimnõze - O Dasipê e o Ritual de nomeação Akwe Xerente [manuscrito] / Davi Samuru Xerente. - 2025.  
101 f.

Orientador: Profa. Dra. Joana Aparecida Fernandes Silva.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Dasipê. 2. Etnologia Indígena. 3. Xerente. 4. Nomeação. 5. Corrida de tora. I. Silva, Joana Aparecida Fernandes, orient. II. Título.

CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 011/25-M da sessão de Defesa de Dissertação de Davi Samuru Xerente, que lhe confere o título de Mestre em Antropologia Social, na área de concentração Antropologia Social.

Aos vinte e nove dias do mês de agosto de 2025, às 15:00 horas, no Auditório Marielle Franco, em formato híbrido, realizou-se a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado do PPGAS de Davi Samuru Xerente, intitulada *Akwẽ kmã krsisimnõze – O Dasipê e o Ritual de nomeação Akwẽ-Xerente*. A Banca Examinadora foi composta pelos/as seguintes Professores/as Doutores/as: Joana Aparecida Fernandes Silva (PPGAS/UFG – presidente e orientadora), Luis Roberto De Paula (UNIFESP; Universidade Federal do ABC – membro titular externo) e Alexandre Ferraz Herbetta (PPGAS/UFG – membro titular interno). O candidato apresentou seu trabalho, foi arguido pela Banca e respondeu às arguições. Ao final da arguição, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão reservada, pelo qual foi atribuído ao mestrando o seguinte resultado: aprovado. Reabertos os trabalhos, a presidente proclamou os resultados e encerrou a sessão pública, da qual foi lavrada a presente ata, que vai assinada por ela e os/as demais integrantes da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Joana Aparecida Fernandes Silva, Usuário Externo**, em 02/09/2025, às 13:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Ferraz Herbetta, Professor do Magistério Superior**, em 08/09/2025, às 15:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilo Albuquerque De Braz, Coordenador de Pós-Graduação**, em 16/09/2025, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5574132** e o código CRC **CABC89DC**.

## AGRADECIMENTOS

Eu Davi Samuru Xerente agradeço a *Waptokwazawre* (Deus), que iluminou os meus caminhos durante o meu estudo acadêmico, que me deu sabedoria e inteligências, que sempre cuidou de mim e das minhas famílias, e todos os dias eu agradeço a Deus pela minha vida.

Eu quero também agradecer a comunidade da Aldeia Salto Kripre e o povo *Akwẽ* do Território Xerente e Funil, que me deram o apoio de incentivo para mim estudar na Universidade Federal de Goiânia o curso de Mestrado de Antropologia Social.

Agradeço o professor, Valci Sinã que também incentivo no meu estudo de Mestrado de Antropologia Social na Universidade Federal de Goiânia, que ele me ajudou muito na minha pesquisa de nomeação feminina e masculina.

Agradeço a minha esposa Rosa Brupahi Xerente e aos meus filhos Ismael Srêmse Xerente, Diego Sõiti Xerente, Daina Asakredi Xerente, Rogério Sizapi Xerente, que eles sofrerem com a minha ausência durante o meu estudo de Mestrado de Antropologia Social na Universidade Federal de Goiânia/GO. A Rosa Brupahi Xerente sempre me apoio no meu estudo acadêmico e no meu trabalho.

Agradeço a minha mãe Maria Pirkodi Xerente que me incentivou e me deu o apoio para me estudar, sempre me deu o conselho de incentivo no meu estudo acadêmico.

Agradeço a professora Helena Krukwanẽ Xerente sempre me deu o conselho de incentivo no meu estudo sempre ela me apoiou no meu trabalho.

Agradeço a minha orientadora professora Dr. Joana Aparecida Fernandes Silva que sempre me incentivou no meu estudo acadêmico e na minha pesquisa de campo, que teve a paciência comigo na orientação do meu trabalho muito obrigado professora Joana Aparecida Fernandes Silva por ter me ajudado na orientação do meu trabalho de dissertação de mestrado.

Ao professor Luis Roberto de Paula, que gentilmente colaborou com a revisão do meu texto.

Aos colegas de pós-graduação que me ajudaram bastante na orientação do meu trabalho durante as aulas presenciais na Universidade Federal de Goiânia. Aos colegas que sempre tiveram respeito e carinho por mim, um indígena, que em momento algum me trataram como diferente, e muito obrigado pelo carinho de vocês.

Quero agradecer aos colegas de Mestrado de Antropologia Social onde conheci todos eles durante as aulas, quando eles me ajudaram muito nos meus trabalhos, quando eu precisei de alguns deles para entender os textos em português durante a leitura de um livro. Como sou

indígena para mim, a língua portuguesa é minha segunda língua e por ser de uma tradição da oralidade, escrever é um enorme desafio.

Ao Secretário de Estado da Educação do Estado do Tocantins, o professor Fabio Pereira Vaz, agradeço pela concessão da minha licença de dois anos para cursar meu mestrado de Antropologia Social, na Universidade Federal de Goiânia/GO.

Agradeço aos anciãos e anciãs da Aldeia Salto Krippe, e todos os anciãos das Aldeia do povo Xerente que me receberam nas suas Aldeias e nas suas casas para fazerem as entrevistas sobre a minha pesquisa de nomeação feminina e masculina e da festa cultural.

Agradeço aos professores de programa de Pós-Graduação de Antropologia Social – PPGAS/UFG, que tive a honra de oportunidade de cursar algumas disciplinas obrigatórias e optativas com os professores Dr. Alexandre Ferraz Herbeta, Dra. Luciene Oliveira Dias, Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers, Dr. Camila Mainardi, e a minha orientadora professora Dra. Joana Aparecida Fernandes Silva. Muito obrigado por tudo eu aprendi das coisas do mundo de Antropologia.

# **AKWĒ KMĀ KRSISIMNÔZE - O DASIPÊ E O RITUAL DE NOMINAÇÃO AKWĒ-XERENTE**

## **RESUMO**

Esta dissertação apresenta um estudo sobre a nomeação feminina e masculina, dando continuidade de grandes trabalhos já realizadas pelos pesquisadores não indígenas e indígenas mais a fim de cada vez mais buscar novos horizontes, e assim contribuir e fortalecer a identidade cultural do povo Akwê juntamente com os anciãos.

**Palavras-chave:** Akwê-Xerente, rito, nomeação, dasîpê, corrida de tora

## **ABSTRACT**

This dissertation presents a study on male and female naming practices. It gives continuity to major research previously carried out by non-indigenous and indigenous scholars, aiming to seek new perspectives. Thus, it seeks to contribute to and strengthen the cultural identity of the Akwê people, alongside the elders.

**Keywords:** Akwê-Xerente, ritual ceremonies, naming, dasîpê, log race

## **DASÍPÊ KĀTÔ PIKŌI NĪSIZEM AMBĀ NĪSIZEM NĀ HĀ ROMWASKUZE**

Resumo na língua materna

Wawê nŏrĭ kĀtŏ dakmĀdkĀwa za simĀ tsikburŏ, WarĀ wa za simĀ tsikburŏikw dasĭpê tē krkmĀsbirĀi pĭbumĀ. AhĀmre tŏ ptĀ kahĀsnĀ zatŏ tsĭpēs tanĕkŏwa ponkwanĕ kĀtŏ mrĕpranĕ wai nĀ za tsĭpēs dasĭpê ahĀmre Akwĕ nŏrĭ tmĀ wĕ zawredi.

Tazi za kbure romkmĀdĀ simĀ kba waskukw, nha bdĀ za aimŏ sĭpsĕ kba pĭbumĀ kĀtŏ dure tē kmĀ krĀinĭstu psĕ kba mnŏ pĭbumĀ. MĀrĭ za tahĀ dasĭpsĕ wa krĀiwatbro pĭbumĀ. DawanĀsnĀ tŏ Pikŏi nĭsĭsep nĀ za kmĀ pēs, wawĕ nŏrĭ tŏ psĕsnĀ za romkmĀdĀ dasĭpê w aro tē wasku waptem nŏimĀ twa tanĕsnĀ wat kakuĭkrerĕ.

KĀhĀ hĀisuka ĭkrĕkrarĕ tŏ Pikŏi nĭsĭsep nĀhĀ kĀtŏ AmbĀ nĭsĭsep nĀhĀ Akwĕ nĭsĭsĭsep nĀ hĀ romkmĀdĀ krĭssrowaptĀ mnŏ sanĀmr kwapimĀ wanĭsĭsĭzem nĀ hĀ romkmĀdĀ tetŏ aimŏ krsrowaptkĀ pēs.

Tĕtŏ ponkwanĕ romkmĀdĀ krhĕmba, Doi kĀtŏ Īsake, tĀkĀ krwasiwawi mnŏze tŏ wanĭm romkmĀdĀ tkrĕ prĕ mnŏ pĭbumĀ, krdassanĀmr mnŏze, danĭsize, wanŏkrĕze, wasĭsnĀ krwamrŏ mnŏze kĀtŏ kbure krĭhĕmba mnŏ wanĭm romkmĀdkĀ wa.

kĀhĀ ĭt kakuĭkrerĕ tŏ wanĭsĭzem nĀ hĀ romkmĀdĀ wat kakuĭkrerĕ, tŏ sbirĀirĕ nĀ re wat aimŏ ĭt pkorĕ wanĭsĭzem mnŏ *dasĭpkozem dasiwawizem* nĀ kĀtŏ wasiwawize tŏ 6 nĀ ĭhĕmba mnŏ nĀ, kĀnĕ snĀ:

*Īsapro tdĕkwai nŏrĭ*

*KuzĀ tdĕkwa, Kbazi tdĕkwa, Krito tdĕkwa*

*Īsake tdĕkwai nŏrĭ*

*Wahirĕ tdĕkwa, Krozake tdĕkwa, Kraiprehi tdĕkwa nŏrĭ.*

AmbĀ nĭsĭsize tŏ skudabĀ krhĕmba, ĭsapro tdĕkwai kra kmĕ mrŏ wa tŏ ĭsake tdĕkwai nŏrĭ za kmĀ kuiwa, twa pikŏi nĭsize tŏ skudabĀ aimŏ krhĕmba, are tŏ skudabĀ krhĕmba mnŏ nĀre tŏ dasĭtĕ mnŏ bĀ danĭsize krkmĀ danŏpre tŏ waihku snĀ.

Ambâ nĩsize tō smĩsi romkmãdkâ wat aimō krhêm̄ba, tō nōkwai m̄ã dat sōmr wamsi za kra kmã sisi, tanē kōwa tō kmã siwar wamsi danĩsizem nã. Twa ambâ nĩsizem nã hã romkmãdã tō kãñē. Ambâ dure sisi pibumã tō siwaprosi za nĩsi, tō sikuiwa knã za kmã psên, tanē kōwa kmãhrân. Akwē nĩsizem nã hã romkmãdã adu Akwē waĩba mba prēdi tō, ambâ kãtō pikōi nĩsize. Ambâ kãtō pikōi nĩsize krsikmã krãinĩstu mnōze tō dasĩpsē mbat aimō krsikmã krãinĩsut. Danĩsizem nã romkmãdã tō ahãmã hawit aimō krhêm̄ba, are ahãmre hã romkmãdã tō psē snãt aire aimō krsmĩkwar, tanē kōd tãkãinnĩ hã.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>CAPÍTULO 1 – QUEM SÃO OS AKWĒ-XERENTE</b> .....	23
1.1 - A organização social Xerente é patrilinear.....	24
1.2 - A entrevista com o professor Manoel Simnârê Marinho Xerente...	25
1.3 - Rituais de casamento tradicional do povo Akwĕ. ....	26
1.4 - Casamento na Aldeia Salto – Kripre .....	28
1.5 - Danõhuĩkwa - os mensageiros que ajudam os anciãos na organização da festa cultural.	30
1.6 - Akwĕ siwawize kâtô romsiwawize - Pinturas Corporais entre os Akwĕ .....	32
1.7 - A comida tradicional do povo Akwĕ .....	37
<b>CAPÍTULO 2- DASĪPÊ: A FESTA CULTURAL DO POVO AKWĒ</b> .....	40
2.1 - Minha etnografia sobre o Dasĩpê (festa cultural).....	41
2.2 - O dasĩpê na Aldeia Salto - Kripre visto através da pesquisa de campo em 2025.....	44
2.3 - Nomeação feminina Wakrtidi/Waktidi .....	49
2.4 - Entrevista com a Brupahi sobre a escolha de nome da nossa filha .....	52
2.5 - O planejamento do Dasĩpê pelos anciões e a importância da participação dos mais jovens e professores. ....	54
2.6 - O Dasĩpê e o papel dos mensageiros na festa cultural do povo Akwĕ Xerente .....	58
2.7 - Os rituais que acontecem no Dasĩpê do povo Xerente.....	60
2.8 - As corridas de tora.....	63
<b>CAPÍTULO 3– O RITUAL DE NOMINAÇÃO FEMININA E MASCULINA</b> .....	67
3.2 - Krkodi é ritual de nomeação feminina – Bakrtõnĩsize .....	79
3.3 - Waikwadi é um nome feminino que significa peixe piranha .....	80

3.4 – Tpêdi significa peixes .....	81
<b>CAPÍTULO 4- O RITUAL DE PADI - TAMANDUÁ BANDEIRA E A CORRIDA DE TORAS.....</b>	<b>84</b>
4.1 - Kuĩwdê waskuze – a origem de tora de buriti do Povo Akwě .....	86
4.2 - Tora Pequena - kuĩwdê ktõrê/krtõrê .....	89
4.3 - Htãmhã kãtô e Stêromkwa (dois partidos) .....	90
4.4 - Kuĩwdê nĩtro – Corrida de tora grande.....	92
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>100</b>

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Alexandre Chaparzane Xerente.....	23
Figura 2- Manoel Sirnãrê Marinho Xerente.....	25
Figura 3- Casamento de Camila Xerente, mês fevereiro 2025 .....	28
Figura 4- Os dois mensageiros na Aldeia Salto Kripre.....	31
Figura 5- Desenhos de cada um dos clãs .....	33
Figura 6- Professor Valci Sinã .....	35
Figura 7- Pintura Corporal do povo Akwẽ.....	36
Figura 8- Carne moqueada e o fogo para moqueá-la.....	38
Figura 9- Os anciãos Akwẽ, os conhecedores de saberes tradicionais Xerente.....	40
Figura 10- Warã – casa grande.....	44
Figura 11- Os quatros mensageiros escolhidos na Aldeia Salto .....	45
Figura 12- Fazendo brincadeiras.....	46
Figura 13- Genipapo sendo preparado para a pintura corporal.....	47
Figura 14- Clãs parceiros se pintando.....	48
Figura 15- As mulheres também podem pintar os clãs parceiras.....	49
Figura 16- Os homens cantando em círculo e durante a nomeação de Wakrtidi/Waktidi .....	50
Figura 17- As meninas sendo pintados e caracterizadas.....	50
Figura 18- Corrida de tora pequena. ....	51
Figura 19- Brupahi, minha esposa .....	52
Figura 20- Augusto Sõwẽkõ Xerente.....	54
Figura 21- Sebastião Srêzdazute Xerente .....	59
Figura 22- Valdemar Sõiti.....	61
Figura 23 - PIKÕI NĪSIZE – nomes femininos.....	71
Figura 24- WAHIRÊ SNĪ AMBÂ NÕRAI SISIZE - Nome masculino do clã wahirê .....	74
Figura 25- Batismo de nomeação masculina na Aldeia Salto Kripre no ano de (2021) .....	76
Figura 26- Silvino Sirnãwẽ Xerente .....	78
Figura 27- Ritual de Tpêdi (Aldeia Recanto Krite _ julho de 2007 .....	79
Figura 28- Ritual de Tpêdi.....	81

Figura 29- Ritual do Padi Tamanduá na Aldeia Salto Kripre .....	84
Figura 30- Afonso Tiikwa Xerente .....	87
Figura 31- Corrida de tora pequena .....	89
Figura 32- Preparação de Tora grande na Aldeia Traíra .....	91
Figura 33- Tora grande na Aldeia Traíra.....	93

## MEMORIAL

Sou um pesquisador indígena *Akwẽ Xerente*, me chamo *Davi Samuru Xerente* e tenho quatro filhos. Sou casado nas normas do meu povo, mas pela lei não indígena sou solteiro, porque o cartório da cidade não reconhece o casamento tradicional feito dentro da nossa cultura do povo *Akwẽ*.

Nasci, cresci e moro com o meu povo *Akwẽ*. Atualmente moro na *Aldeia Salto – Kripre*, no município de Tocantínia, no estado de Tocantins. Conheço um pouco da cultura do povo *Akwẽ* pela minha vivência desde criança, mas através dessa pesquisa acredito que pude conhecer melhor minha cultura.

Pude fazer a pesquisa com o meu povo *Akwẽ* sobre o tema da nomeação feminina e masculina que acontece durante o *Dasĩpê*, uma festa cultural do nosso povo. A pesquisa foi feita na Aldeia Salto e nas aldeias vizinhas com os anciãos e anciãs e os jovens *Akwẽ*. Todos eles foram entrevistados para saber o que pensam do *Dasĩpê* e da nomeação feminina e masculina.

Eu ingressei no mestrado na Universidade Federal de Goiânia no ano de 2023, no Programa de Pós – Graduação em Antropologia Social. Tive que morar em Goiânia sozinho, longe da minha família e do meu povo, sentindo assim muita saudade, mas sempre pensando em aumentar meu conhecimento sobre meu povo e ampliar o meu conhecimento sobre o mundo global.

No mês de fevereiro de ano 2023, eu cheguei na Universidade Federal de Goiânia em Goiânia antes de começar as aulas. Durante dois meses, em fevereiro e março fiz um curso de leitura dos livros para melhorar minha escrita. Quando cheguei aqui na faculdade, estava com a dificuldade na escrita na língua portuguesa e também parar ler e interpretar o texto dos autores. Isso porque na minha cultura a língua materna é considerada a primeiro a língua e a língua portuguesa é nossa segunda língua, aprendida apenas a partir dos sete anos. Como *Akwẽ* tenho dificuldade para me expressar em português e de entender os autores na escrita na língua portuguesa.

Como parte do treinamento na escrita e de observação etnográfica, durante a disciplina Escrita Etnográfica fiz um relato etnográfico sobre a Rodoviária Central de Goiânia, em novembro de 2023. Essa foi uma proposta da professora Joana Fernandes e da professora Selma Cristina dos Santos.

Percebi, por exemplo, que logo na entrada de rodoviária de Goiânia, já se nota as pessoas no ponto onde ficam os passageiros que embarcam e desembarcam para suas cidades e suas

casas. Algumas chegam e vão de táxi ou de uber. A área é grande e tem ótima infraestrutura física e é muito bonita por dentro. Lá oferecem variedades de coisas como lojas de roupas, lojas de esportes, lojas de perfumes, restaurantes, vendas de passagens, enfim tem condições de atender as pessoas que estão viajando e os turistas. A rodoviária de Goiânia fica localizada no centro da cidade e atende rotas que levam para todas as regiões do Brasil. Se percebe o lugar bem movimentado onde as pessoas fazem compra de roupas, calçados, muitas pessoas aproveitam com os seus familiares na rodoviária para deliciarem o almoço ou janta, tomar sorvetes etc. Como a rodoviária de Goiânia é também um shopping, muita gente frequenta com os seus amigos.

Outro exercício que fiz, foi um relato etnográfico sobre a Pracinha de Vila Itatiaia de Goiânia, em dezembro de 2023. Na pracinha de Vila Itatiaia muitas pessoas fazem caminhadas no final da tarde. Na praça também tem uma quadra de esporte, outra de skate, e muitos adolescentes frequentam essas quadras para se divertirem e brincarem com os amigos. É muito importante fazer menção também à arborização da praça. Existem muitas plantas, variados tipos de árvores do cerrado e frutíferas que deixam a paisagem muito linda. Essas árvores atraem os pássaros para se alimentarem das frutas. Quando as árvores estão cheias de pássaros, muitas pessoas que frequentam o local param para observar. A formação dessa paisagem com a arborização feita na praça traz um clima de ar puro da natureza.

A escrita da etnografia me ajudou muito na minha formação como pesquisador indígena *Akwê*. A leitura de relatos etnográficos também ajudou a contribuir muito com a minha pesquisa de campo. Todos os pesquisadores indígenas e não indígenas precisam muito de auxílio de uma pessoa experiente que sabe orientar os pesquisadores que estão começando. As aulas de orientação com os professores foram muito importantes para ensinar a fazer a ler a bibliografia e os relatos etnográficos. Lemos etnografias de ótimos autores que fizeram trabalhos de relevância e qualidade em suas pesquisas de campo estudando outros povos, etnias, histórias, organizações, crenças.

Consegui entender os exercícios de etnografia e de observação em campo e fazer depois uma escrita de texto. Aprendi que é importante também que a etnografia seja feita por uma pessoa participante na vida da comunidade e junto com os anciões, sábios e sábias. Aprendemos as coisas nas salas de aula e na comunidade que a gente vive e pesquisa.

Entendi que para fazer uma boa etnografia precisa ter esse preparo que vai acontecendo com as aulas de professores, a leitura de autores, os treinamentos da escrita e as práticas feitas através de pesquisa de campo. Isso tudo foi me ajudando a entender melhor os comportamentos

*Akwê*, a organização social, as trocas de mercadorias, o respeito entre os parentes, a importância das chefias e dos líderes, além do mundo espiritual e muitos outros assuntos.

Na disciplina optativa **Tópicos Especiais em Antropologia Social, Cosmologias, Ontologias e Saúde Indígena**, aprendi que as cosmologias indígenas estão ligadas às plantas e animais. Essa aula foi administrada pela professora **Joana Aparecida Fernandes Silva**, dando conhecimento como cuidar do corpo e saúde. Os povos indígenas acreditam que na natureza cada ser vivo tem os seus donos. Antigamente os povos indígenas eram todos saudáveis. Hoje em dia os povos indígenas comem muito a alimentação industrializada e, por isso, muitos estão doentes, como por exemplo, com diabete e pressão alta. Nessa disciplina, a professora Joana trabalhou com vários autores em sala de aula como, por exemplo, o livro **A Queda do Céu**, de Davi Kopenawa e do antropólogo Bruce Albert. Davi Kopenawa é um indígena que sempre se preocupou com a preservação do meio ambiente no território Yanomami, defendendo o seu povo contra desmatamento e invasores não indígenas que exploram o garimpo ilegal, que contamina os rios e os peixes. Muitos indígenas Yanomami se contaminaram e ainda se contaminam com as doenças trazido pelos não indígenas no território Yanomami.

Lemos também o pesquisador Alexandre Chaparzane Xerente que realizou a sua pesquisa sobre os conhecimentos antropológicos *Akwê* com os anciãos do seu povo *Xerente*. Muitos indígenas *Akwê* acreditam que todos os seres vivos que vivem na natureza têm os seus donos. Os mais velhos contam que a floresta tem também seu dono, assim como os animais e peixes.

A disciplina obrigatória **Teoria Antropológica I** foi ministrada pela professora **Luciene de Oliveira Dias**. As aulas foram direcionadas para a relação entre etnografia e antropologia. Durante as aulas nós fizemos as leituras de etnografias de pesquisadores indígenas e não indígenas. Foi muito importante fazer a leitura dos autores indicados para entender o que é teoria antropológica. Portanto, durante as aulas nós, acadêmicos indígenas, estudamos como fazer uma pesquisa de campo, reforçando assim a importância da pesquisa de campo na formação acadêmica de um pesquisador Indígena *Akwê*. A professora Luciene levou para sala de aula vários autores para ler e debater. No primeiro dia de aula lemos e debatemos o autor Malinowski, principalmente, como esse autor propôs o diário de campo durante a sua pesquisa. O diário de campo é muito importante para as pessoas que estão fazendo entrevistas no campo de pesquisa com os anciãos e anciãs. Lemos também o texto do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira chamado “Tempo e Tradição: interpretação a Antropologia”. Lembrei também que temos tradição, costumes e memórias dos ancestrais do nosso povo indígena.

A disciplina obrigatória **Prática de Pesquisa I** aprendemos que a pesquisa antropológica envolve os estudos etnográficos sobre as histórias e culturas tradicionais. A pesquisa de campo é muito importante para compreender melhor a vida dos povos indígenas e quilombolas e, depois, para escrever a dissertação de mestrado ou tese de doutorado sobre essas comunidades. Essa disciplina foi ministrada pela professora **Camila Azevedo de Moraes Wichers** e também lemos vários autores que já fizeram pesquisas de campo com povos indígenas e quilombolas. Lemos, por exemplo, autores como James Clifford (“Sobre a Autoridade Etnográfica”), Roberto Cardoso de Oliveira (“O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever”); Marisa Peirano (“Etnografia não é método”). Quando os pesquisadores vão para o campo têm que fazer a observação e olhar, saber ouvir e escrever a etnografia durante e depois da sua pesquisa de campo. A professora Camila também ajudou na orientação da escrita e revisão bibliográfica para a elaboração da dissertação.

Na disciplina obrigatória **Prática de Pesquisa II**, a professora **Fabiana Jordão Martinez** trabalhou como elaborar e desenvolver um projeto de pesquisa. Cada acadêmico apresentava o seu projeto para turma em sala de aula para que todos nós pudessem conhecer os projetos dos colegas. E a professora Fabiana também ajudou na teoria fazendo a leitura de outras obras de etnografia e de antropologia. Lemos o artigo etnográfico do antropólogo Clifford Geertz (“Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”) e também do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira que orienta os pesquisadores que vão para o campo conversar muito com os líderes da aldeia e saber ouvir bem eles, para depois poder escrever a sua dissertação acadêmica.

Na disciplina obrigatória **Teoria Antropológica II**, a professora **Camila Mainardi** trabalhou também com a leitura de etnografia e de antropologia. A professora Camila sempre levou vários textos de autores de Antropologia para discutir em sala de aula, onde os acadêmicos participam do debate sobre as teorias antropológicas que foram escritas por pesquisadores não indígenas e indígenas. Por exemplo, Ruth Benedict (“A diversidade de culturas”); Margareth Mead (“A adolescência em Samoa”), Manuela Carneiro da Cunha (O conhecimento tradicional); Davi Kopenawa e Bruce Albert (A Queda do Céu); João Paulo Barreto (Introdução: *Kumuã na kahtiroti – uhuse*: uma teoria sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro).

Na aula da disciplina **Antropologia, Educação e Interculturalidade**, ministrada pelo professor **Alexandre Ferraz Herbetta**, aprendemos que, através da antropologia, podemos conhecer a relação entre a educação e a interculturalidade. A antropologia pode ajudar a compreender o mundo dos não indígenas e compreender o nosso mundo enquanto indígenas.

Por exemplo, nas escolas indígenas os jovens indígenas podem conhecer mais ainda sua própria cultura, mas também entender o mundo global. Antropologia e Educação podem ajudar a conhecer melhor os saberes tradicionais dos povos indígenas, pois cada povo indígena tem a sua cultura diferente, o modo de viver e cuidar da natureza. Aprendemos também a conhecer histórias e rituais dos quilombolas. O professor Alexandre também trabalhou com autores não indígenas e indígenas. A pesquisa do autor João Paulo Barreto, do povo indígena Tucano, também foi lida e discutida, pois esse autor indígena fez a sua etnografia com o seu povo sobre o modo de vida tradicional observando a organização social, as crenças, os espíritos, o corpo etc. Lemos também o autor indígena Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé. Ele fez a sua etnografia com o seu povo Panhi Apinajé e pesquisou o espaço territorial preservado pelos Panhi, lugar que os indígenas podem desenvolver suas práticas sociais e políticas de organização social e a formação da pessoa. O povo Apinajé sempre está fazendo a preservação do meio ambiente, do território e pesquisando os conhecimentos tradicionais sobre a ancestralidade, o único caminho para desenvolver e fortalecer o povo Panhi. Gersem Baniwa foi outro autor que lemos. Ele fala sobre a antropologia indígena que ajuda compreender os dois conhecimentos, os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas e o mundo global dos não indígenas. Isso ajuda muito os pesquisadores indígenas a desenvolver a etnografia do seu trabalho de antropologia. E é também, através da educação escolar indígena que os jovens indígenas podem compreender os conhecimentos do mundo global. Aprendemos também que o autor Antônio Bispo dos Santos fez a sua etnografia sobre a sua cultura, as danças, línguas e sempre reforçou a importância da diversidade cultural. Antônio Bispo também era uma pessoa que se preocupava muito com a preservação do meio ambiente e do seu território.

## INTRODUÇÃO

No meu trabalho quero pesquisar a nomeação feminina e a masculina que acontece durante o *Dasîpê*, um ritual que é uma tradição milenar do meu povo, e que os anciãos *Akwê* nunca deixaram de praticar. Junto aos vários rituais no processo da nomeação feminina e masculina tem os rituais da tora pequena e grande que são muito importantes para o povo *Akwê*. No *Dasîpê* os anciãos ficam à disposição para contar as histórias dos antepassados para os *Wapte*, os adolescentes e jovens.

Como representante do povo *Akwê* venho, nesse trabalho, contribuir com o fortalecimento do meu povo fazendo um estudo acerca do *dasîpê* em que os anciões se reúnem e organizam a festa cultural do povo *Akwê*.

Antes de começar o *dasîpê*, a que chamamos festa cultural, os anciãos se reúnem com a comunidade local para decidir quais rituais vão realizar o período da festa cultural.

Antigamente, o *dasîpê* podia durar até três meses e as pessoas que participavam eram todas muito animadas e alegres. Hoje em dia, essa festa cultural dura no máximo quinze dias. Talvez o tempo mais curto seja porque tem poucas crianças para receber os nomes em *Akwê*, ou porque hoje se perdeu muito da liberdade que tínhamos antigamente, por causa escola e de outros compromissos que antes não existiam.

A nomeação feminina é muito importante para o povo *Akwê* pois é um momento quando os jovens podem conhecer nossa história, os conhecimentos tradicionais e aspectos dos nossos rituais. Além disso, o *dasîpê*, onde a atribuição de nomes é feita, une a comunidade *Akwê*. Todas as noites os anciãos chamam as pessoas presentes para contar as histórias dos antepassados.

Aproveitei a pesquisa também para entender um pouco mais da corrida de toras grande e pequena, muito importantes no *dasîpê*. A tora grande precisa ser carregada por duas pessoas porque é muito grande, de cerca de cinco metros, e muito pesada. Quis pesquisar e entender também sobre as pinturas corporais, os clãs de cada metade e as quatro associações femininas no povo *Akwê Xerente*.

O Povo *Akwê-Xerente* reside na margem direita do Rio Tocantins, próximo ao município de Tocantinia (TO) e conta com uma população estimada em 4.524 pessoas espalhadas por cento e dez aldeias (IBGE/2022). Essa população é só de pessoas *Akwê* que vivem dentro das duas terras indígenas Xerente, a Terra Indígena *Xerente*, é uma área maior, com um total de 167.542.1058, identificada oficialmente pela FUNAI como a área ocupada pelos *Akwê* no ano

de 1972 e a Terra Indígena Funil, com a superfície de 15.703.7974 foi demarcada em 1979. Essas duas terras são próximas uma da outra, e ficam distantes cerca de 80 quilômetros de Palmas, capital do Estado.

O povo indígena *Xerente*, autodenominados *Akwẽ* (gente importante), pertence ao tronco linguístico Macro-Jê (Giraldin, 2002). A sua organização social é clânica: são seis clãs divididos em duas metades, também chamados pelos Xerente de “partidos”. Eu, por exemplo, sou do clã ou do partido<sup>1</sup> *Wahirê tdékwa*. Os *Akwẽ* é uma sociedade patrilinear, pois culturalmente as crianças pertencem à família do pai, sendo o tio materno é uma figura de importância entre eles.

O povo *Akwẽ Xerente* sobrevive de roça feita braçalmente, onde eles plantam o milho, arroz e mandioca, batata doce. Também vendem a metade da colheita para conseguir dinheiro para comprar coisas que hoje são importantes para sustentar a suas famílias. E cada família do povo *Akwẽ* faz as suas roças para fazer o plantio. Os *Akwẽ* exploram seu território através da caça e pesca e da coleta de frutos e da agricultura com a roça de toco. Os grandes conhecimentos tradicionais do povo *Akwẽ* estão ligados com a natureza, os cânticos e as plantas medicinais. A subsistência do povo *Akwẽ* também pode vir do artesanato, uma nova fonte de renda através da venda de cestarias, bordunas, arcos e flecha, colares. Alguns *Akwẽ* são professores, merendeiras, faxineiras e vigias noturno que trabalham nas escolas indígenas que das aldeias das nossas duas terras indígenas. Outros trabalham na área de Saúde Indígena como técnicos de enfermagem, motoristas, vigias, agentes de saneamento ambiental, agentes de saúde indígena, prestando serviço também nas mesmas aldeias. Os salários recebidos por esses trabalhadores indígenas ajudam também a sustentar as suas famílias.

A festa cultural Dasĩpê acontece quando os anciões percebem que tem muitas crianças na idade para batizar, ou seja, colocar os nomes *Akwẽ*. Uma parte importante do ritual conta com a preparação de pinturas corporais onde são usados materiais como pau-de-leite ou jenipapo, urucum, algodão, penugens de aves, coca, gravatas, borduna, colares, pulseiras, maracá, entre outras coisas. As pinturas corporais são de acordo com os *partidos* ou *clãs*: os que se pintam com o símbolo do traço (os clãs *Wahirê*, *Īsake e Krãiprehi*) e os que se pintam com o símbolo do círculo (os clãs *Kuzã*, *Kbazi e Krito*).

O povo *Xerente* mantém muito forte ainda a preservação da sua cultura tradicional e de sua língua materna. Os mais velhos do povo *Akwẽ* estão preocupados com a pressão do mundo não indígena e, por isso, incentivam muito aos jovens *Akwẽ* para não se esquecerem da nossa tradição, porque nossa cultura é muito rica em conhecimentos tradicionais. Os mais jovens são muito importantes para manter a nossa identidade no futuro.

Alguns pesquisadores *Akwẽ*, e também pesquisadores não indígenas, estudaram a nomeação feminina, masculina, corrida da tora pequena, e o corrida de tora grande.

As corridas de tora são realizadas por dois outros tipos de partido, que não correspondem aos seis partidos clânicos. Eles são chamados *Htâmhã* e *Stêromkwa* e se referem à posição dos irmãos de acordo com a ordem de nascimento, se mais velhos ou mais novos.

Valci Sinã (2011) pesquisou os nomes do povo *Akwẽ Xerente* e ele fez o levantamento dos nomes de acordo com cada clãs, ***Kuzâ, Kbazi, Krito, Wahirê, Ĩsake/krozake, Krãiprehi***, porque, entre nós cada clã tem o seu conjunto de nomes próprios.

A nomeação feminina, que acontece antes da nomeação masculina, é realizada de manhã e de tarde. Os anciões e os pais das meninas se reúnem no centro da aldeia que é a sede da festa para realizar os cânticos que vão indicar para cada criança qual será seu nome *Akwẽ*. Em seguida os homens saem em direção de casa, fazendo o círculo cantando em casa em casa, e o tio da menina a acompanha, ajudando na cantoria de nomeação feminina; as tias dançam ao lado de suas sobrinhas, e as *tarê* (meninas), então recebem o nome na língua *Akwẽ*.

Muitos acadêmicos *Akwẽ Xerente* estão pesquisando seu próprio povo e contando a história do seu povo a partir de suas próprias ideias. Os trabalhos são realizados nas universidades e juntam os conhecimentos acadêmicos com os conhecimentos não indígenas.

De acordo com o pesquisador Valteir Tpêkru Xerente (2021), os nomes femininos e masculinos são escolhidos entre os nomes que pertencem ao clã do pai. Cada clã tem, portanto, seus nomes próprios. Antes de receber o nome, a menina é pintada e é enfeitada por alguém do clã parceiro (que sempre é da outra metade Xerente). Essa pessoa parceira dos clãs da outra metade é chamada *ĩsiwaze*. Assim, uma pessoa do clã *kuzâp tdêkwa*, da metade *Doi*, vai pintar uma pessoa do clã *Wahirê tdêkwa*, da metade *wahirê tdêkwa*; a do clã *kbazi tdêkwa* pinta o clã *isake/krozake tdêkwa* e a do clã *krito tdêkwa* pinta a do clã *krãiprehi tdêkwa*. Esse tipo de relação entre os clãs de cada metade acontece em todas as festas *Akwẽ Xerente*. No caso da festa de nomeação feminina, é o tio quem pinta a menina e a leva para o centro do *Warã* para ser batizada tradicionalmente e receber o nome *Akwẽ*.

No *Warã* os homens ficam concentrado para ajudar os anciãos na organização do *Dasípê*. Os anciãos são responsáveis na cantoria de nomeação feminina e masculina.

Os nomes masculinos são dados já no final da festa tradicional do povo *Akwẽ*. Os dois mensageiros preparam um local na mata, um pouco afastado da aldeia, onde é feita a cantoria pelos anciãos dos nomes masculinos. Os cânticos são responsabilidade dos anciãos ou dos pajés, que conduzem a música de cantoria dos nomes masculinos. Durante o ensaio da cantoria masculina, as mulheres não podem participar da cantoria na mata.

E no final dessa festa tradicional do povo *Akwê* também tem a corrida de tora grande. Para fazer a finalização do *Dasîpê*, os rapazes e homens se organizam nos dois partidos, *Htâmhã* e *Stêromkwa*, que vão disputar na corrida de tora grande. Só depois da corrida de tora grande, todas as pessoas que estavam participando da festa cultural se despedem dos parentes da aldeia onde teve o *Dasîpê* e deixam muita saudade. Cada um volta para sua aldeia com suas famílias e assim se encerra a festa cultural *Dasîpê* do povo *Akwê*.

De acordo com o pesquisador Silvino *Sirnãwê* Xerente (2022), que escreveu uma dissertação de mestrado intitulada *Dasîpê Akwê Xerente: História do Dasîpê Xerente*, essa festa cultural acontece a cada um ou dois anos e dura entre dois ou três meses. Os anciões dos seis clãs participam do *Dasîpê*, mas só os anciões do clã *Wahirê tdêkwa* e do clã *Kuzâ tdêkwa* comandam a cantoria onde são indicados os nomes femininos e masculinos. Se por acaso, não tiver nenhum ancião de uma das metades, por exemplo, dos *Wahirê tdêkwa*, os clãs parceiros dá outro lado podem sozinhos comandar a festa *Dasîpê*.

A nomeação feminina começa cedo aproximadamente às 7 horas da manhã. Os anciões saem cantando e chamando a comunidade que está reunida e participando da festa cultural do povo *Akwê* para trazer os seus filhos e filhas para centro da aldeia no *warã*. As meninas que vão ser batizadas recebem os nomes *Akwê* do pai e dos tios. A menina tem que ser caracterizada e pintada com o jenipapo ou com o pau de leite misturado com o carvão para participar da cantoria. Os homens cantam em círculo de casa em casa.

No final da festa cultural do *Dasîpê* são batizados no nome indígena os meninos (*turê*) que já tiveram seus nomes escolhidos pelos seus pais, passando a mensagem para toda comunidade de que o nome próprio *Akwê* é muito importante para o fortalecimento da cultura *Akwê* porque cada criança vai saber para o resto da vida do clã de qual faz parte.

Leonardo Tome de Sousa (2024), pesquisador não indígena, pesquisou sobre o parentesco, território, corpo, grafismo e memória do povo *Xerente*. Ele comparou as pesquisas dele com pesquisas etnográficas feita com os *Akwê* por outros pesquisadores. Ele pesquisou também a situação arqueológica estudando as imagens que ficam em um paredão dentro do território xerente. Em sua pesquisa, Leonardo também escreveu sobre o *Dasîpê* contando como que é feita essa festa tradicional no povo *Xerente*.

A pesquisadora a Clarisse Raposo dos Anjos (2019) escreveu sobre o parentesco e nomeação com o povo *Xerente* para entende melhor a organização dentro da cultura do povo *Akwê Xerente*. Ela destacou que parte dos nomes femininos no povo *Akwê* é formada pelo nome de algum animal, por exemplo: *Tpêdi (peixe+di)*, *Arbodi (morcego+di)*, *Aptudi (abelha+di)*, *Sekwahidi (libélula+di)*. Esses nomes femininos vêm dos rios e das matas. Por exemplo: *Tpêdi*

- peixes é o nome feminino que de um animal que vive nos rios. *Arbodi* - morcego, é o nome feminino de um animal que vive nas matas. *Aptudi* – abelha, é e o nome feminino de um animal que vive no cerrado e nas matas ciliares. *Sekwahidi*, nome de outra abelha que vive na beira dos rios ou dos córregos. Muitos nomes próprios vêm da natureza e por isso que o povo *Xerente* sempre está cuidando dela e preservando do meio ambiente. Dois mensageiros fazem a limpeza de um terreno na mata para que os homens passem entre três a cinco dias fora da aldeia. Lá os anciões juntamente com os jovens cantam em círculo e batem o bastão no chão para batizar menina. Cada nome tem um cântico diferente. Antes de realizar a nomeação masculina, os anciões e os homens que estão participando do *Dasîpê* entram na mata para fazer o ensaio de cantoria e de lá saem em duas fileiras em direção ao centro da aldeia, onde os nomes masculinos serão cantados no pátio central. Durante os dias que os homens ficam na mata, as mulheres e as crianças permanecem na aldeia e se dedicam à preparação de comida tradicional, por exemplo, o bolo de massa de mandioca com a carne de caça. Esse bolo é chamado de *hârbu* e é oferecido em outras trocas rituais entre os clãs parceiros (os *Dasisdanârkwa*).

O pesquisador Afonso *Tikwa Xerente* (2020), desenvolveu o trabalho sobre o *Dasîpê* e da corrida de tora pequena e grande. O *Dasîpê* sempre acontece no tempo seco, no mês de junho ou julho. No início da festa tradicional do povo *Akwê Xerente*, o ancião chama a comunidade para o *Warã*, no centro da aldeia. Nessa hora são escolhidos dois mensageiros de clãs parceiros que vão ajudar na organização da festa cultural, dando apoio aos anciões durante todo o cerimonial. Os rituais de nomeação feminina e masculina só são realizados se tiver muitas *baknõ e turê* (meninas e meninos). Leva vários dias para todas as meninas e meninos receberem o nome em *Akwê*. Os nomes recebidos por cada criança, lembrando, pertencem aos clãs de seu pai.

A corrida de tora de buriti pequeno é feita para alegrar as pessoas que estão participando do *Dasîpê*. E à noite tem as danças ao som do maracá, com os cantores *Akwê* e com toda a comunidade que está na festa de nomeação. Antes de começar o ritual de nomeação feminina, o pai apresenta para os mais velhos de cada clã alguns nomes que ele e sua esposa escolheram para a filha. Os mais velhos farão o cântico de nomeação feminina.

Os anciões conferem se o nome escolhido pelos pais da menina pertence mesmo ao clã do pai. No dia da nomeação feminina, o tio manda pintar a menina com a pintura do clã do seu pai, coloca os colares de tiririca e amarra o cabelo dela com a fita de buriti, deixando-a bem enfeitada e bonita. Depois de enfeitada, ela é levada para o centro da aldeia onde estão os mais velhos da festa. A menina sempre é acompanhada pelo tio e pelas tias. As tias sempre dançam atrás da menina. Depois de passar de casa em casa anunciando o nome que a menina vai receber,

na terceira ou quarta casa o tio tira a menina do círculo de cantoria. A mãe da menina não participa das danças. Ela fica no *Warã*, esperando a filha dela chegar. Depois de tirar a menina, o tio continua cantando junto com os anciões da festa cultural. No final da cantoria da nomeação, o tio da menina prepara a comida típica do povo Xerente para fazer o pagamento das tias que dançaram para sobrinha. Essa comida típica não pode faltar no final de nenhuma nomeação feminina.

Todas as pessoas da aldeia, ou das aldeias vizinhas, onde acontece a festa de nomeação precisam obedecer às regras criadas pelo povo *Akwê* e anciãos. Tanto os adultos, como as crianças respeitam os anciãos. Quando as anciãs pedem ajuda na cantoria, as mulheres mais jovens obedecem sempre, principalmente na hora do batismo da nomeação dos *turê nōrĩ* (meninos).

No *Dasîpê* acontece muitos ensinamentos dos anciãos sobre os nomes masculinos e femininos. Todos os dias os mais velhos estão no *Warã* esperando os *Wapte* (os jovens) para ensinar e contar uma história da ancestralidade, onde se ensina e se mostram as pinturas corporais clônicas, as pinturas de tora grande das metades *Htâmhã* e *Stêromkwa*. Os nomes, as pinturas corporais e as corridas de tora são parte da tradição cultural *Akwê* muito respeitadas e valorizadas pelos nossos anciões e pela comunidade.

## CAPÍTULO 1 – QUEM SÃO OS AKWĒ-XERENTE

Nesta parte quero apresentar alguns elementos importantes para que se possa entender nosso povo.

No dia 13 de fevereiro de 2025 entrevistei o pesquisador *Alexandre Chaparzane Xerente* que mora na Aldeia Porteira. Ele pertence do clã *Īsake*.

Figura 1- Alexandre Chaparzane Xerente



Foto: Davi Samuru Xerente, 2023

Alexandre falou bastante sobre a organização social do povo *Akwĕ Xerente*. Segundo ele, existe a história da origem da nossa organização social que é contada pelos anciãos e que fala da relação entre cunhados (*Īssakmō*) e os filhotes de uma arara azul (*Krta/kra*). Outra versão contada também pelos anciãos, é que a organização do povo Xerente foi criada pelo *Waptokwazawre* (nosso senhor Deus). *Sdakro*, (*Waptokwazawre*) é quem escolheu as pinturas clânicas. Assim que alguns anciãos contam.

Tem alguns autores não indígenas e indígenas que escreveram sobre a organização social Xerente. O povo *Akwĕ Xerente* é organizado em duas metades: *Wahirê tdĕkwa* e *Doi tdĕkwa*. A partir dessas duas metades, os Xerente organizam seu sistema clânico que tem seis clãs, três de cada lado.

Todos concordam que existem metades, clãs ou partidos que são *Īsrō dĕkwa* e *Īspto tdĕkwa* e *Sdakraĕ Wahirê tdĕkwa*, *Īspto tdĕkwa*; *kuzâ*, *kbazi*, *krito* e *Wahirê tdĕkwa*, *Īsake tdĕkwa*, *Krăiprehi tdĕkwa*. Os partidos clânicos funcionam também como partidos e clãs parceiros. Por exemplo, *wasisdanrkwa/sisdanărkwa*, *kuzâ* e *Wahirê*, *sisdanărkwa kbazi* e

*Īsake/krozake* e os clãs parceiros *sisdanãrkwa Krãiprehi e krito*. A organização social do nosso povo também pode ser observada pelas pinturas corporais clânicas.

Através de estudo dos autores não indígenas e autores indígenas nós considerarmos que a nossa história está muito forte entre o povo Xerente, mas precisamos escrever, gravar e perguntar sobre a nossa história aos anciãos que são os saberes tradicionais.

Sabemos que mudou muitas coisas em mais de 300 anos de contato com os não indígenas. Mas nós mantemos a nossa cultura muito viva. Nossa organização social afirma que não pode se casar dentro do mesmo clã ou da mesma linhagem. Se houver uma briga entre pessoas do mesmo clã, uma pessoa considerada *sisdanãrkwa* (ou seja, que pertence a outro clã parceiro) vai entrar no meio para apaziguar o conflito.

### **1.1 - A organização social Xerente é patrilinear**

Na organização social do povo *Akwẽ Xerente* cada clã tem um conjunto de nomes próprios. Esses nomes em *Akwẽ* são muito importantes para a identificação das pessoas Xerente. Os nomes próprios do menino ou da menina pertence ao clã do pai. Por isso nossa sociedade é considerada como uma sociedade patrilinear.

A sabedoria sobre essa organização social é guardada e repassada pelos nossos anciãos para as gerações mais jovens, por exemplo, quando acontecem as festas culturais como o Dasípê.

Segundo Alexandre Chaparzane Xerente dentro da organização social os filhos usam a pintura corporal clânica do pai: se for do clã *Wahirê tdêkwa* os filhos ou as filhas pertence do clã *Wahirê*. Se o pai for do clã *Kuzâ tdêkwa*, os filhos pertencem do clã *kuzâ*. É assim que os anciãos orientam para nós *Akwẽ* obedecer a organização dentro da cultura do povo *Xerente*.

Os filhos também vão receber seus nomes próprios do clã do pai: se o pai pertence do clã *kbazi*, os filhos ou as filhas vão receber os nomes próprios do clã *kbazi tdêkwa*.

Na organização do povo *Xerente* as mães não têm direito aos filhos, ou filhas, porque eles não pertencem aos clãs delas. Assim, quando o marido se separa da sua esposa, ele leva todas as crianças com ele. Na organização do povo *Akwẽ* a mãe não pode ficar com suas crianças após uma separação.

Na minha modesta opinião é muito triste quando a mãe fica sem as crianças, pois a mãe é quem cuidou das crianças. Mas isso ainda faz parte da cultura *Xerente*.

Mas, antigamente as mulheres também não tinham direito de participar das reuniões na organização política do povo *Xerente*. E hoje em dia as mulheres conquistaram os direitos iguais nessa parte: as mulheres já participam das reuniões, dando sugestões, participando da

democracia, assumindo cargos importantes nas instituições educacionais e de saúde. Na política é muito importante que as mulheres ocupem os seus espaços como lideranças indígenas.

## **1.2 - A entrevista com o professor Manoel Sirnârê Marinho Xerente sobre o povo Xerente**

No dia 10 de abril das 2025, às 9:00 horas da manhã, eu entrevistei o professor Manoel Sirnârê Marinho Xerente na Escola Estadual Indígena Waïkarnãse, onde ele trabalha como professor bilíngue. Ele mora na *Aldeia Salto*, na Terra Indígena Xerente, no município de Tocantínia, e pertence ao clã *Kuzãtedkwa*.

*Figura 2- Manoel Sirnârê Marinho Xerente*

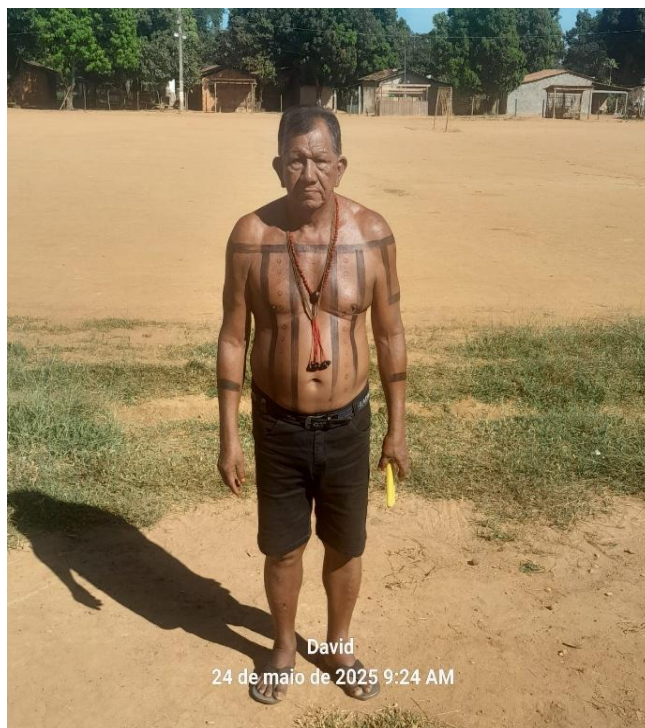


Foto de Manoel Sirnârê Marinho Xerente feita por Davi Samuru Xerente, ano 2025

No dia 10 de abril de 2025, às 9:00 horas da manhã, eu entrevistei o professor Manoel Sirnârê Marinho Xerente na Escola Estadual Indígena *Waïkarnãse* onde ele trabalha como professor bilíngue. Ele mora na *Aldeia Salto* no município de Tocantínia/TO e pertence ao clã *Kuzãtedkwa*.

A minha entrevista com o professor Manoel Sirnârê Xerente foi sobre o sistema patrilinear do povo *Akwẽ Xerente*.

Segundo Manoel Sirnãrê, o sistema patrilinear vem desde os antepassados e, portanto, faz parte da organização social do povo *Akwê Xerente*. Esse sistema é contado pelos anciãos do povo *Xerente* em muitas situações. Por exemplo, as pinturas corporais clânicas que são repassadas para os filhos e filhas pelo pertencimento deles à linhagem clânica do pai.

Os filhos também só podem receber nomes próprios do clã do pai. Portanto, na cultura do povo *Xerente*, os filhos ou as filhas as mulheres não pertencem ao clã das mães. Os anciãos contam que antigamente as mulheres não tinham direito a nada. Ainda hoje quando o casal *Akwê* se separa, os filhos ou as filhas vão ter que morar com o pai. Isso é uma lei dos *Akwê* a ser cumprida por todos.

Mas hoje em dia alguns anciãos já entendem que as mulheres ou as mães tem o direito de cuidar das crianças quando tem a separação. Nesse caso, os clãs parceiros marcam uma reunião entre os clãs do pai e da mãe para fazerem um diálogo e um acordo. Em alguns casos, o acordo tem dado a oportunidade para que algumas mães possam cuidar das crianças depois da separação.

Na cultura do povo *Akwê Xerente*, o sistema patrilinear também orienta o tipo de pintura corporal que cada pessoa vai usar na sua vida. Por exemplo, as pinturas corporais são importantes para que os *Xerente* respeitem no casamento tradicional que só pode ser feito entre pessoas que se pintam com círculos e pessoas que se pintam com traços ou listras.

O professor Manoel Sirnãrê Marinho *Xerente* contou também sobre como funciona a organização social *Xerente* nas situações de conflito. Quando o conflito é grave, os anciãos representando os clãs parceiros fazem uma grande reunião para aconselhar os indígenas envolvidos para terminarem com o conflito.

### **1.3 - Rituais de casamento tradicional do povo Akwê.**

Antigamente o casamento do povo *Xerente* acontecia entre pessoas dos clãs parceiros:

A pessoa do ***clã wahirê tdekwa*** casava com a do ***clã kuzâ tdêkwa***

A pessoa do ***clã kbazi tdêkwa*** casava com a do ***clã ãsake/krozake tdêkwa***

A pessoa do ***clã krãiprehi tdêkwa*** casava com a do ***clã krito tdêkwa***

Assim que acontecia o casamento tradicional do povo *Akwê*. Os anciãos contam que o casamento no passado trazia surpresa para o futuro casal: se um rapaz fosse um bom caçador ou bom trabalhador na roça de toco, o pai de uma menina já comunica ao tio de amarração dela que ela deverá casar com aquele rapaz. O tio materno da menina no mesmo dia já comunica o pai do rapaz sobre a intenção do outro pai em fazer o casamento. E marcavam o dia de levar a

menina para a casa do pai do rapaz para a realização do casamento. Então, o casamento era meio surpresa: nem os moços nem as moças sabiam das conversas entre os pais e os tios de cada um sobre o casamento. Quando é de noite, o tio da menina já se preparava para levar ela juntamente com um ancião do clã dela na casa do seu futuro genro. Chegando na casa dele, o pai já chama o rapaz para sair para o quintal e comunica que o tio da menina trouxe ela para casar com ele. O rapaz tem que aceitar o casamento. A mãe do rapaz coloca a esteira no chão para o rapaz e a menina sentarem e fazerem o cerimonial de casamento. Os representantes de cada um dos dois clãs fazem um discurso de aconselhamento do casal. Assim que acontece o casamento surpresa no povo *Xerente ainda nos dias de hoje?*

O papel do tio da amarração da menina no casamento tradicional do povo *Akwẽ Xerente* é muito importante. Quando se aproxima o dia do casamento tradicional *Akwẽ*, o tio da menina se prepara e se organiza para caçar **paca, veado, porcão ou anta**. Quando o tio matar uma caça, essa caça é moqueada na brasa. No casamento cerimonial não pode faltar carne de caça moqueada e farinha, assim como acontece em outros rituais dos *Xerente*.

Antes do casamento, a esposa do tio faz a pintura corporal clânica com o jenipapo misturado com o carvão e enfeita o corpo da noiva. Em seguida, o tio da menina amarra os dois tornozelos da menina com uma cordinha, de uma fibra retirada da natureza. O tio também prepara o colar de dente de capivara para colocar no pescoço da noiva. Os anciãos contam que o colar de dente de capivara é usado quando a menina se casa virgem. Aí sim pode usar o colar de dente de capivara no casamento tradicional do povo *Xerente*.

A noiva é levada para a casa do noivo pelo tio, acompanhados pelos parentes dela do mesmo clã da noiva. Chegando perto da casa do noivo, o tio entrega a cuia cheia de carne moqueada, ou peixe assado com farinha, para noiva. Ela coloca em cima da sua cabeça para entregar para o noivo. Quando o noivo pega a cuia, entrega para sua mãe. Depois do casamento, o noivo, a sua mãe e seus parentes podem comer essa comida.

O tio da menina coloca a esteira (*waptã*) no chão. O noivo e a noiva sentam-se no *waptã*, junto com dois anciãos dos clãs parceiros, que fazem um discurso ritual, dando conselhos para os recém-casados, para eles se cuidarem, se amarem e viverem bem, como uma família. A duração do discurso cerimonial dos anciãos demora aproximadamente entre dez minutos.

Depois da cerimônia do casamento tradicional do povo *Akwẽ*, as pessoas que fazem parte do clã da noiva recebem a carne moqueada com farinha, mas as pessoas de outros clãs não podem comer essa comida que foi oferecida pelo tio da menina. Isso faz parte das regras do povo *Xerente*.

Quando os anciãos terminam os discursos, o tio da menina pega no braço da noiva para levá-la de volta para casa dela, para sua despedida de solteira. Nesse momento acontece o ritual de choro da mãe e dos parentes dela e é muito emocionante. E, no mesmo tempo, a família do noivo também faz a despedida do noivo com o ritual de choro.

O casamento tradicional do povo Xerente não é a mesmo do passado por um motivo: antigamente o casamento não era permitindo dentro do mesmo clã. Hoje em dia muitos *Akwẽ* estão casando com uma pessoa do mesmo clã. Isso não faz parte da cultura do povo *Akwẽ Xerente*. Os certo é sempre se casar com pessoas de clãs diferentes. Também hoje em dia, os casais podem se escolher.

#### 1.4 - Casamento na Aldeia Salto – Kripre

Durante minha pesquisa de campo presenciei um casamento tradicional do povo Xerente aqui na Aldeia do Salto. O casamento aconteceu às 15:00 horas da tarde, no mês de fevereiro de 2025. O noivo Francirlei *Kasuwamrĩ* Xerente pertencente ao clã *kbazi* e a noiva Camila *Smĩkadi* Xerente, pertencente ao clã *kuzã*. Nesse caso, o casamento é considerado na mesma metade. Para muitos anciãos, esse casamento não poderia acontecer porque os noivos são considerados como irmãos. Os antepassados não permitiam casar na mesma metade e muito menos no mesmo clã.

Figura 3- Casamento de Camila Xerente, mês fevereiro 2025



Foto: Davi Samuru

Hoje em dia muitos *Akwẽ* estão se casando dentro do mesmo clã: *Wahirê* se casando com *Wahirê* e *Kuzâ* se casando com *Kuzâ*; *Krito* se casando com o *krito*; *Krãiprehi* se casando com *krãiprehi*. Para os anciãos esse tipo de casamento são considerados fora da tradição *Akwẽ*.

Na foto acima percebi que o noivo e a noiva estão sentados no banco. Os parentes da noiva e noivo assistem à cerimônia de casamento. Os dois anciãos, Augusto Sõwẽkõ Xerente, do clã *Kbazi*, e o ancião Ranulfo Xerente, do clã *Kuzâ*, estão sentados para fazerem o discurso cerimonial para o casal. Antigamente os noivos só podiam se casar na esteira, sentados no chão. Hoje em dia já mudou um pouco: acontece o casamento tanto sentados na esteira, como em bancos. Os anciãos sempre incentivam o povo Xerente a não esquecerem das tradições do nosso povo *Akwẽ*.

Na foto também podemos ver a presença de um cofo cheio de peixe assado e farinha, alimentação que vai ser distribuída para as pessoas que fazem parte do clã do noivo, depois da cerimônia de casamento tradicional. Os anciãos contam que antigamente o casamento tradicional dos *Akwẽ* era distribuído peixe assado e carne de caça bem moqueada na brasa.

Hoje em dia o tio materno traz para distribuir no casamento carne de boi ou frango comprado na cidade porque as caças e os peixes estão sumindo no *território indígena Xerente*. Há muita invasão de caçadores não indígenas dentro do nosso território.

O povo *Akwẽ* vive na margem direita do rio Tocantins e por isso boa parte do nosso território é banhada por esse rio. Além disso, muitos rios menores e córregos atravessam nosso território. Mas o Rio Tocantins quase não tem mais peixes por dois motivos. Primeiro, porque tem muitos pescadores não indígena que usam rede e arpão. Segundo, porque foram feitas duas grandes barragens nesse rio abaixo: do lado de baixo, a Barragem de Tucuruí; do lado de cima, a Barragem de Lageado. Por causa dessas barragens, os peixes não conseguem se movimentar pelo rio como antigamente. A pior das barragens foi a do Lageado que trouxe muito impacto ambiental. Antes dessa barragem, o povo *Akwẽ Xerente* trabalhava nas vazantes do rio Tocantins e ali plantava milho, feijão, melância e mandioca, além de pescar muitos tipos de peixe.

O ancião Augusto Sõwẽkõ Xerente conta que muitas coisas que aconteciam no casamento tradicional do povo *Xerente* estão mudando. Além do casamento dentro do mesmo clã, os filhos homens estão morando com os pais. Antigamente, os filhos homens quando casavam iam morar na casa do sogro, ou seja, na aldeia da noiva. Agora isso está mudando também.

Quero aqui contar a história do meu casamento. Eu sou do clã *Wahirê* e me casei com Rosa Brupahi Xerente, que pertence do clã *Īsake*. Tenho quatro filhos: três meninos - Ismael *Srẽmse* Xerente, Diego *Sõiti* Xerente, Rogério *Sizapi* Xerente - e uma filha, Daiana *Asakredi*

Xerente. Quando me casei com a *Brupahi* a gente estava sentado em cima de um banco, enquanto os dois anciãos de diferentes clãs estavam sentados na esteira e faziam o discurso de aconselhamento. A carne moqueada foi a carne de boi comprada na cidade junto com a farinha. Os parentes do clã *Wahirê* puderam saborear a alimentação depois da finalização do discurso cerimonial dos anciãos.

O casamento tradicional reforça o respeito entre as famílias e os clãs parceiros (*Wasiwaze/Sisdanãrkwa*). Por exemplo, entre *Wahirê tdêkwa* e *Doi tdêkwa*.

Apesar das mudanças, os *Akwê* ainda valorizam bastante o casamento tradicional e isso acontece porque os anciãos estão sempre incentivando que essa tradição cultural seja preservada.

### **1.5 - Danõhuĩkwa - os mensageiros que ajudam os anciãos na organização da festa cultural.**

A palavra *Akwê Danõhuĩkwa* é traduzida para o português como mensageiro. Como os sentidos em ambas as línguas são distintos, explico o que significa *Danõhuĩkwa* para nós. Os *Danõhuĩkwa* (mensageiros) ajudam os anciãos na organização do *Dasĩpê*. Por exemplo, eles são os responsáveis por buscar a lenha na mata que vai ser utilizada para fazer a fogueira no *warã* (centro da aldeia) onde os anciãos ficam durante o dia e a noite.

Os mensageiros também buscam o jenipapo na mata e preparam para as pessoas da comunidade se pintarem para participar do *Dasĩpê*. Os mensageiros são responsáveis ainda por convidar as comunidades das aldeias vizinhas para participar da festa cultural.

A pintura corporal dos mensageiros é diferente das pinturas clânicas. O corpo recebe o desenho de duas colunas verticais, tanto na frente como atrás, com quatro bolinhas unidas entre elas por um traço.

Os mensageiros são muito respeitados pelas comunidades que participam da festa cultural. Eles são um tipo de policial na festa cultural do povo *Akwê*. Antes de começar o *Dasĩpê*, os mais velhos revelam para as comunidades os dois nomes escolhidos e seus clãs para serem os mensageiros.

Após os *Danõhuĩkwa* (mensageiros) serem escolhidos, eles são confirmados através de um ritual no centro da *aldeia*. As irmãs, tias e primas do mesmo clã são chamadas para fazerem uma roda ritual envolta dos mensageiros. Elas ficam ao lado deles para fazer um tipo de proteção e de um jeito que ninguém consiga por a mãos neles. Enquanto isso, as mulheres dos outros clãs rodeiam os dois mensageiros para

tentar pegá-los e fazem isso rindo e zombando. Às vezes conseguem chegar e até tirar a roupa dos homens escolhidos. Esse pequeno ritual faz parte do *Dasîpê* é feito de maneira muito divertida e alegre.

*Figura 4- Os dois mensageiros na Aldeia Salto Kripre*



Fonte: Silvino Sinãwê Xerente (2021)

Em seguida, os escolhidos recebem as tarefas dos anciões, por exemplo, tirar o pau – de - leite líquido de um arbusto para usar nas pinturas corporais, buscar água e lenha e outros tipos de atividades.

Os mensageiros também são responsáveis por outros serviços a pedido dos anciões durante toda a festa do *Dasîpê*. Por exemplo, eles devem buscar e preparar as toras de buriti para as corridas rituais.

Segundo Valteir Tpêkru Xerente, os anciões sempre estão incentivando a preservação da história dos Akwe, dos rituais como é o caso do *Dasîpê* e do território.

Para o povo *Akwê* a natureza é muito importante e os anciões têm um papel muito importante na preservação do território *Xerente*, pois ensina os mais novos os conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais, os nomes próprios, os cânticos.

[...] De acordo com as histórias contadas pelos nossos antepassados, vamos deixar registrado um pouco do conhecimento sobre a festa tradicional do povo Xerente. Antigamente, para se realizar a festa tradicional, primeiramente acontecia uma reunião entre os anciões da aldeia e, ali, eles combinavam tudo

sobre o que iria acontecer durante a realização da festa. Também, era escolhido o local onde se realizaria a festa[...] (pág. 19, ano 2019).

Antes de começar o *Dasĩpê*, os anciãos convocam as reuniões com as comunidades locais no pátio da aldeia (*Warã*) para decidir quando e onde vai ser feita a festa tradicional. Sempre os *Wawẽ nõrĩ* (os anciãos) incentivam a realização das festas rituais.

[...] Depois da escolha do local, também serão escolhidos os mensageiros e eles são enfeitados pelos clãs parceiros da aldeia. Esse mensageiro fica responsável em convidar pessoas de outras aldeias diferentes. Após o convite do povo, com a chegada de várias pessoas de aldeias diferentes, começa a festa cultural[...] (Valteir Tpêkru, pág. 19, ano 2019).

Segundo Valteir Tpêkru Xerente, no primeiro dia da festa cultural, vários rituais são realizados (as danças tradicionais, os cânticos, corrida de tora pequena). A corrida de tora pequena sempre é realizada na parte da manhã e da tarde. E as danças de maraca são realizadas à noite com os cantores de *Wapte* (jovens), para alegrar os participantes da festa cultural.

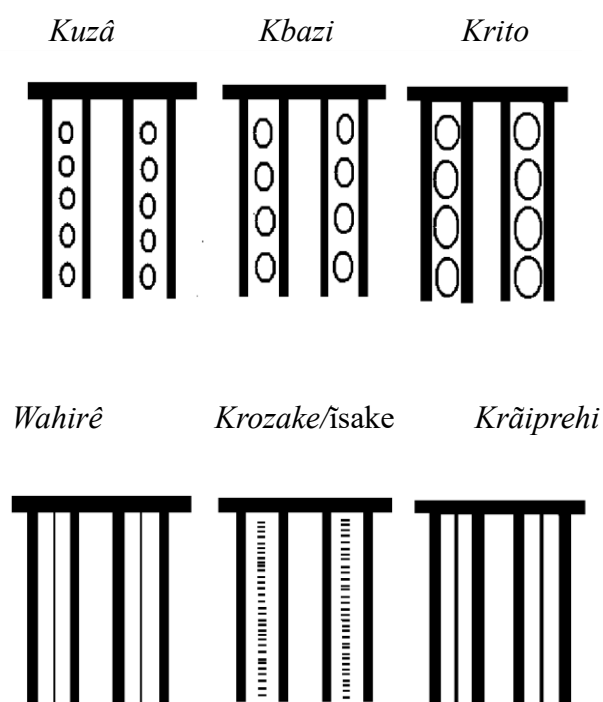
Os *danõhuĩkwa* (mensageiros) são os responsáveis pela preparação de tora de buriti pequena, *Kũĩwdê krtõrê*, para que os homens, as mulheres e as crianças possam correr em volta do pátio. Muitas vezes a tora de buriti pequena é colocada entre 2 a 4 km fora aldeia. De lá partem dois grupos competidores que correm até no centro do *warã*.

Antes da corrida de tora grande, os mensageiros cortam o pé de buriti e depois seu tronco é preparado e cortados em vários pedaços. A tora de buriti é preparada ainda na mata. Depois os mensageiros levam as toras nas costas (ou no carro) para deixar no local onde vai começar a corrida de tora grande. Antes da corrida de tora de buriti começar, os anciãos fazem aconselhamento para os corredores para correrem com cuidado.

## **1.6 - Akwẽ siwawize kãtô romsiwawize - Pinturas Corporais entre os Akwẽ**

A pintura corporal é muito importante para identificar os seis clãs do povo *Akwẽ*. Dentro da nossa organização cultural, uma das principais bases para o respeito entre todo povo é o que chamamos de clãs parceiros, que na nossa língua chama *Wasisdanãrkwa/dasisdanãrkwa*.

Figura 5- Desenhos de cada um dos clãs



Fonte: Valci Sinã (2011)

Na cultura do povo *Akwẽ* a pintura corporal é a nossa identidade, o nosso registro, a nossa cultura com valor ancestral milenar. Significa a vida e a continuação da nossa cultura. Reafirmar o significado da pintura corporal é muito importante para que as novas gerações entendam que a pintura corporal serve para nós como carteira de identidade: ela situa cada um dos *Akwẽ* em nosso contexto social. Por isso, os anciãos sempre pedem para o povo *Akwẽ* preservar os saberes tradicionais relacionados à pintura corporal.

Os *Akwẽ* dividem sua sociedade em duas metades e cada uma com um grafismo próprio, com traços horizontais ou verticais. Cada uma dessas metades é dividida em clãs diferentes e para cada clã há também um tipo de pintura diferente: traços finos, traços grossos, círculos pequenos, médios e grandes. Isso significa que um *Akwẽ* que não pinta o seu próprio corpo não vai saber se identificar perante os outros membros de sua comunidade e nem vai poder ser identificado pelos outros. Há muitos rituais onde todos os *Akwẽ* – homens e mulheres, velhos, adultos, jovens e crianças – podem ser pintados e aprender a respeitar a importância da pintura corporal. A pintura corporal clânica é de grande importância para nós, pois significa a identidade do povo *Akwẽ*, tanto para os que estão vivos hoje, quanto para as gerações futuras do nosso povo.

Antes dos rituais de nomeação, as crianças podem eventualmente ser pintadas. Para elas há dois padrões básicos de pintura: o da onça e do tamanduá bandeira. Esses padrões são aplicados em crianças recém-nascidas e até dois ou três anos de idade, independentemente de ser menino ou menina. Só depois dessa idade vão poder usar as pinturas como a dos adultos.

Os anciões contam que a nossa pintura corporal surgiu dos antepassados que vieram do subsolo. Um dia uma das pessoas vinda de lá se transformou em tatu-canastra e deixou um rastro no caminho para chamar atenção de um caçador *Akwẽ*. Esse caçador seguiu o rastro e chegou até o lugar onde o tatu-canastra morava numa aldeia no subsolo. O caçador *Akwẽ* conseguiu entrar no buraco de rastro de tatu-canastra com intenção de matar o tatu. O *Akwẽ* ficou sem entender por que foi até uma *aldeia* no subsolo onde esse tatu morava. E nesse dia os tatu-bolas estavam fazendo uma festa cultural. Quando o *Akwẽ* chegou ao meio do caminho, ele encontrou com o tatu-canastra que disse para o *Akwẽ*: - *Ei*, você está me procurando a mim e não um tatu. Na verdade, o tatu tinha virado gente. Agora você pode seguir adiante, pois esse caminho vai até a minha aldeia e lá está tendo festa cultural. Mas você deve tomar muito cuidado porque ali adiante tem uma cobra enorme e nem todo mundo consegue passar por ela. Você vai fazer o seguinte, eu vou a frente e você me acompanha e assim conseguiremos chegar até onde quero levar você e quando chegarmos à *aldeia* os indígenas estava na festa cultural. Quando esse *Akwẽ* chegou na aldeia dessa outra gente, ele participou da festa cultural e esse *Akwẽ* aprendeu muitas coisas interessantes da cultura deles durante a festa cultural.

E foi lá que surgiu a pintura corporal do povo *Akwẽ*. Quando o *Akwẽ* voltou para sua aldeia ele reuniu a comunidade local e contou o que havia acontecido com ele durante os dias que havia passando fora da *Aldeia*. Esse *Akwẽ* contou para comunidade que ainda viu várias outras pinturas corporais feitas de diversos desenhos. Ele desenhou todas essas pinturas para o povo para que todos pudessem ver como eram as pinturas dos clãs feitas por aquela gente do subsolo. Até aquele momento não havia o respeito entre os clãs do povo *Akwẽ*. E cada família escolheu uma pintura clânica para o seu grupo de parentes. E tiveram um diálogo muito importante para que houvesse respeito entre os clãs de cada grupo e entre os clãs parceiros. Foi assim que surgiram as duas metades e os seis clãs dentro do nosso povo *Akwẽ*.

*Ïspto tdêkwai nõrĩ*, **donos dos círculos** e *Ïsake tdêkwai nõrĩ*, **os donos das listras** tem uma rede de obrigações direitas e deveres iguais, sempre respeitando as regras que rege a união e o respeito entre os *Akwẽ*. Assim que os anciões contam a história de surgimento da pintura corporal clânica no povo *Akwẽ Xerente*.

Figura 6- Professor Valci Sinã



Foto: Valci Sinã, setembro de 2011

Na aldeia Salto Kripre, em 14 de fevereiro de 2025, eu entrevistei o professor Valci Sinã trabalho na Escola Estadual Indígena Waïkarnãse no município de Tocantínia/TO. Conversamos sobre a pintura corporal e os clãs *Akwẽ Xerente*. O Valci Sinã pertence ao clã *Kuzâtdékwa*, que são os donos dos círculos.

Gravei a fala do Valci Sinã no celular e depois transcrevi a fala dele no notebook. Essa entrevista ajudou muito na minha pesquisa sobre nomeação feminina e masculina.

Nós usamos as pinturas corporais clânicas não todo dia, mas em ocasiões especiais. Só podem usar as pinturas as pessoas pertencentes a cada um dos seis clãs. As pinturas são a base da nossa identidade cultural.

Uma ocasião muito especial para o povo *Akwẽ* é a festa Dasîpê.

As pinturas corporais clânicas com círculos identificam os clãs *Kuzâ*, *Kbazi*, *Krito* à metade Doi. As pinturas corporais clânicas com em listras identificam os clãs *Wahirê*, *Ïsake/Krozake*, *Krâïprehi* à metade Wahirê. O nome Wahirê é dado tanto para uma das metades, como para um dos clãs que faz parte dela. Esses seis clãs são muito importantes na organização social e cultural do povo *Akwẽ Xerente*.

Outra ocasião especial em que as pinturas corporais clânicas também são usadas é no casamento tradicional do povo *Akwẽ*. Quando um *Wapte* (jovens) se casar, ele tem que se pintar com a pintura corporal clânica a que pertence. Antigamente os *Akwẽ* só podiam se casar com os clãs pertencentes às metades diferentes. Por exemplo: os *Wahirê* não podiam casar com o mesmo clã do *Wahirê* porque para os anciãos esse casamento é considerado como casamento de irmã com irmão. Então, segundo a regra tradicional, as pessoas da metade e do clã *Wahirê tdékwa* só podem casar com as pessoas da metade Doi, de preferência com as pessoas do clã

*Kuzâ tdêkwa*. Outra maneira mais fácil de identificar o jeito certo de casar antigamente é observar que os jovens que têm pintura corporal em círculos só podem casar com aqueles que tem pintura corporal de listras. Hoje em dia muitos *Wapte* (jovens) são casados com o mesmo clã, *Wahirê* com *Wahirê*, *Kuzâ* com *Kuzâ*. Isso antigamente não era permitindo pelos anciãos.

No *Dasîpê* todas as pessoas que participam dessa festa cultural são pintadas com as pinturas corporais clânicas para poder serem identificadas com os clãs a que pertencem.

As pinturas corporais clânicas são muito importantes para o povo *Akwê*, pois é através delas que existe as regras que mantêm a organização social e cultural *Akwê*.

Os anciãos sempre estão incentivando para que os jovens *Xerente* respeitem o sistema clânico e conheçam bem a pintura corporal que representa cada um dos clãs.

*Figura 7- Pintura Corporal do povo Akwê*



Foto: Valter Krãirdu Marinho Xerente (desenho) e Valci Sinã, ano 1994.

Segundo o professor Valci Sinã a nossa pintura corporal pode ser usada de maneira menos controlada e sem especificar o clã em outras ocasiões que não fazem parte da organização social Xerente.

Por exemplo, quando os *Akwê* fazem uma pequena apresentação cultural na cidade ou numa escola para os não indígenas, as pessoas podem se pintar à vontade com a pintura corporal.

Os não indígenas que moram na *aldeia* ou são casados com a mulheres indígenas, podem usar a pintura corporal sem muito controle e, portanto, o não indígena é considerado sem clã. Outras vezes os anciãos pedem para que as pessoas não indígenas que moram nas *aldeias* para eles se pintarem com a pintura da pessoa *Akwê* que eles são casados. Por exemplo, um homem

não indígena que casa com uma indígena Akwê do clã Wahirê vai usar a pintura do clã Wahirê. Outra maneira é que se o não indígena vai morar na *aldeia* sem casar com os Akwê, os anciãos apresentam para ele os seis clãs para ele escolher à vontade.

Quando chega uma autoridade na aldeia, como o prefeito ou governador, os anciãos e os homens usam a pintura corporal.

A preparação da pintura é feita de diversas maneiras. Por exemplo, os homens ou as mulheres vão na mata para tirar o pau de leite e misturam com o carvão de taboca. E o jenipapo também é retirado do pé que fica na mata. Em seguida, o jenipapo é ralado e misturado com o carvão, onde o líquido do jenipapo fica preto e pronto para fazer a pintura corporal. Todas os homens, as mulheres e as crianças vão se pintar com esse material que são retiradas da natureza.

O povo *Akwê* também se pinta com o urucum (*bã*), uma frutinha vermelha. Os homens e as mulheres passam no rosto e na barriga. O urucum também é muito importante para a pintura corporal dos *Akwê*.

A pintura corporal de crianças pequenas (entre 1 e 4 anos) representa animais que vivem na natureza, como por exemplo o tamanduá-bandeira (*padi*), a paca (*krawa*), a onça (*huku*).

As crianças não podem ter pinturas clânicas porque são muito pequenas para fazer esse tipo específico de pintura corporal. Os anciãos afirmam que quando os *Akwê* pintam suas crianças com a pintura corporal que representa os animais, eles estão protegendo os seus filhos contra as doenças e os espíritos maléficos que habitam a floresta.

## **1.7 - A comida tradicional do povo Akwê**

Durante o *Dasîpê*, essa comida não pode faltar: a carne moqueada na brasa e a farinha que são oferecidas para todos os participantes do *Dasîpê*.

Tem muitas coisas importantes que fazem parte da alimentação tradicional do nosso povo.

Por exemplo, são as mulheres vão na mata para buscar a lenha e pequenas pedras para fazerem a fogueira. As lenhas e as pedras são trazidas no cofo que é feito com a palha de buriti. Quando as mulheres chegam em casa, elas colocam a lenha no chão e por cima são colocadas as pedras. Em seguida é feita a fogueira para moquear a carne de caça, de boi ou de frango. Depois de acender e queimar bem toda a lenha, a carne é colocada em cima de uma brasa de pedra. Em cima da carne são colocadas as palhas de piaçaba. Em seguida são feitas a cobertura com a terra, onde a carne é cozinhada no máximo durante uma hora para que fique bem

saborosa. Antigamente o povo *Xerente* só se alimentava de carne de caça moqueada na brasa. Naquele tempo os *Akwê* eram todos saudáveis e muito fortes.

Figura 8- Carne moqueada e o fogo para moqueá-la



Romario Xerente, Foto: CEMIX – WARÃ, março de 2025

Da roça de toco se pega todo tipo de alimento: mandioca, batata doce, feijão, arroz, feijão, fava. Esses alimentos são plantados ainda com adubo orgânico. A roça de toco é feita com trabalho braçal onde se planta uma variedade de alimentos. O povo *Akwê* primeiro faz a roçagem e em seguida são derrubadas as árvores maiores, com o machado. Depois do mato derrubado ficar seco, todo local é queimado e limpo. Onde ficam só as cinzas, que se transforma em adubo orgânico, é feito o plantio da roça de toco. Ali se produz muitos alimentos para sustentar as famílias na aldeia. Os alimentos são bem saudáveis e fazem muito bem a saúde do povo indígena *Xerente*. Com a massa de mandioca são feitos a farinha, o beiju e o bolo de mandioca.

As mulheres são responsáveis para buscar a mandioca na roça de toco. Depois de arrancada do chão, a mandioca é colocada no cofo e levada para as casas. Quando as mulheres chegam com a mandioca em casa, a casca de mandioca é retirada e em seguida a mandioca é ralada. Depois que a mandioca é ralada, a massa é colocada no tipiti para fazer o processamento de secagem. Na hora que a massa é secada é feita a farinha e os bijus para que os *Akwê* possam saborear com a carne moqueada na brasa.

Os bijus são feitos de massa de mandioca, uma das comidas preferidas dos *Akwê*.

O povo *Xerente* gosta muito de se alimentar com os bijus misturados com peixe assado ou com carne moqueada. Essa comida faz bem à saúde humana.

Antigamente o povo *Akwẽ* vivia somente da caça, de peixes e de frutos do cerrado. A caçada era feita pelos homens adultos mais experientes. Os homens caçavam em grupo ou de maneira coletiva e nesse tempo os homens não usavam espingardas e nem outras armas do de fogo. Os homens caçadores usavam apenas as armas tradicionais: a borduna e o arco e flecha. Quando os homens terminam da caçada voltavam para a *aldeia* e as mulheres tratavam e preparavam a carne. Depois as mulheres preparavam a fogueira para moquear a carne na brasa. Depois a carne era retirada da brasa para eles comerem com farinha e com suas famílias.

Os homens mais experientes caçavam na mata fechada e na beira dos rios onde tem a mata ciliares, animais como anta, caititu, cotia, paca, veado. Os animais gostam de viver na mata fechada.

Segundo **Genivaldo Romkre Xerente** (2021), que pesquisou sobre a alimentação tradicional do povo *Xerente*, antigamente os *Xerente* viviam de caça e peixes. Os anciãos contam que os homens *Akwẽ* caçavam no tempo seco no verão. No tempo da chuva, os *Akwẽ* não caçavam muito porque é muito difícil de encontrar os animais na mata.

[...] Os *Akwẽ* têm costume de caçar, principalmente no verão, porque na época da chuva é mais difícil encontrar animais e mais difícil andar na mata. Os *Akwẽ* gostam de caçar anta, caititu, veado, quati, paca, tatu entre outros. Atualmente as caça, na nossa Terra Indígena, que ainda encontramos mais são a paca, anta e caititu; as demais, estão escassas. [...] (pág. 13, ano 2021)

O povo *Xerente* se alimenta também de frutas do cerrado e das frutas que ficam na beira dos rios nas matas ciliares. As frutas também estão entre os alimentos principais do povo *Akwẽ*. As frutas do cerrado mais coletadas pelos *Xerente* são: pequi, murici, caju, oiti. E as frutas que ficam na beira dos rios são a bacaba e o buriti. Com a bacaba e com o buriti os *Akwẽ* fazem suco para comerem com a farinha e *beijus*. As mulheres vão no cerrado em busca de coleta de frutos no cofo. O pequi, caju, murici, oiti alimentam seus filhos e a suas famílias que estão em casa. Os *Akwẽ* comem o pequi assado ou cozido com os *beijus* e farinha.

Hoje em dia a caça tradicional está acabando porque tem muita invasão de caçadores não indígenas no território indígena *Xerente*. E nos rios que passam dentro do território indígena *Xerente*, também não está tendo pouco peixes porque muitos pescadores, não indígenas, estão pescando com redes. À noite eles também estão pescando com o arpão. Essa invasão está sendo prejudicial para o povo *Akwẽ/Xerente*.

Os anciãos estão sempre pedindo para o povo *Akwẽ* impedir a entrada de pessoas estranhas nas aldeias para preservar e defender o nosso território *Akwẽ/Xerente*.

## CAPÍTULO 2- DASĪPÊ: A FESTA CULTURAL DO POVO AKWĒ

A festa cultural é organizada pelos anciãos *Akwê/Xerente*, os conhecedores da ancestralidade do nosso povo. Quem coordena a festa tradicional *Dasîpê* são seis anciãos representando os seis clãs: *Wahirê tdékwa*, *Īsake/Krozake tdékwa*, *Krâiprehi tdékwa* (os donos das listras); *Kuzâ tdékwa*, *Kbazi tdékwa*, *Krito tdékwa* (os donos das bolinhas).

No primeiro dia do *Dasîpê* todas as pessoas da comunidade começam a se pintar com as pinturas clânicas usadas só nos rituais pelos *Akwê*. No *Dasîpê* temos os *Nârkwa* que são os clãs parceiros: por exemplo: o *Wahirê tdékwa* pode pintar o *Kuzâ tdékwa* e por sua vez o *Kuzâ tdékwa* pode pintar o *Wahirê tdékwa*. E assim acontece com cada um dos outros pares de clãs o povo *Akwê*.

Durante a festa cultural um grupo das mulheres se organiza e se junta para conseguir o jenipapo. A pintura corporal é preparada misturando o sumo do fruto e o carvão de taboca para que a mistura possa ficar preta. A pintura corporal com jenipapo pode demorar até quinze dias para sair do corpo das pessoas.

Muitas pessoas que vem de outra aldeia para participar da festa cultural já vem preparadas trazendo o jenipapo pronto para o cerimonial da pintura corporal do *Dasîpê*.

Figura 9- Os anciãos *Akwê*, os conhecedores de saberes tradicionais *Xerente*



Fonte: Silvino Sinãwê Xerente (2015)

Para preparar o *Dasîpê*, um dos momentos cerimoniais mais importantes do nosso povo, os anciões se reúnem no *warã*, no pátio da aldeia, para decidir e organizar a festa cultural. A diversidade e riqueza cultural *Akwê* são repassadas para as novas gerações que aprendem com as cantorias, as medicinas dos raizeiros, a pintura corporal, as corridas de tora e todos os outros rituais que compõem o *Dasîpê*.

Antigamente, a alimentação no *Dasîpê* era com a carne de caça, peixes e farinha de mandioca. Para sustentar as pessoas no *Dasîpê*, os anciões selecionavam uns dez caçadores para matarem muitas caças e peixes para as pessoas se alimentarem durante todo o período que durava a festa cultural. Hoje em dia são poucos *Akwê* que se alimentam só de comida tradicional. Os *Akwê* estão se alimentando com os alimentos industrializados e, muitas vezes na festa cultural a alimentação consumida é a de carne de boi que vem da cidade junto com a carne de frango, arroz e o feijão. Isso porque atualmente no território indígenas *Akwê* não está tendo muita caça e nem peixes nos rios. Um dos motivos é a entrada de muitos invasores não-indígenas para caçar com a espingarda e pescar com o arpão.

Na festa cultural os anciões escolhem dois mensageiros de cada clã para ajudar na organização da festa tradicional do povo *Akwê*. O primeiro dia do *Dasîpê* começa com a nomeação feminina e depois seguem vários rituais a corrida de tora.

## **2.1 - Minha etnografia sobre o Dasîpê (festa cultural).**

Eu, Davi Samuru Xerente, fiz a etnografia sobre a nomeação feminina e masculina com o meu povo *Akwê*. Sou *Akwê* e moro na *Aldeia Salto* no município de Tocantínia/TO. Como pesquisador indígena *Akwê* já participei a festa cultural várias vezes na Aldeia Salto onde aprendi um pouco sobre o *Dasîpê*. Quando eu era criança foi batizado com nome Samuru na festa cultural do povo *Akwê/Xerente*. Esse nome foi escolhido pelo meu avô Sizapi que pertence ao clã *Wahirê*.

Essa pesquisa foi realizada a partir de estudos metodológicos sobre etnografia e leituras bibliográficas de autores *Akwê* e não indígenas (artigos, material extraescolar, dissertações, teses) que já pesquisaram sobre a festa cultural *Dasîpê* para que eu pudesse aprofundar meus conhecimentos sobre uma parte da nossa cultura tradicional. Fiz entrevistas, gravei áudios e tirei fotos dos entrevistados, anciões, anciãs, professores e outras pessoas que participam da festa.

Na festa cultural *Dasîpê* já participei da corrida de tora pequena e da corrida de tora grande. Sou do partido *Htâmhã*. Como pesquisador *Akwê* também já participei do ritual de cantoria de nomeação masculina na mata, ensaiando a cantoria durante uma semana em um lugar afastado na mata que ficava a uns quinhentos metros da aldeia. No *Dasîpê* também já participei da cantoria de nomeação feminina juntos com os anciãos e os homens. Todos eles fazem o batismo das meninas durante a festa cultural do povo *Xerente*. Andava junto com eles, cantando com os anciãos com bastão batendo no chão em círculo. Isso foi muito importante com a minha aprendizagem sobre o *Dasîpê* e da nomeação feminina.

Eu tenho quatro filhos, três meninos e uma menina. Todos eles foram batizados com os nomes próprios em *Akwê*, no *Dasîpê*. Os nomes em português e indígena deles ficou assim: Ismael Srêmse Xerente, Diego Sôiti Xerente, Rogério Sizapi Xerente, Daiana Asakredi Xerente. Todos os nomes dos meus filhos e da minha filha são da metade *Wahirê*. O nome Sôiti de um dos meus filhos é do clã *Îsake*. Fui com o ancião Srêzdazute na casa do ancião *Îsake Sôiti* para pedir para ele doar o nome Sôiti do clã dele para o meu filho. Por isso, meu filho Diego pode ser batizado com o nome próprio Sôiti, do clã *Îsake*. Isso mostra que os nomes indígenas circulam entre os clãs desde os tempos antigos.

Durante a nomeação dos três filhos homens participei de cinco dias do ensaio da cantoria na mata. Todos os dias cantava em círculo, voltando para direita e para esquerda, porque o pai é obrigado a participar da cantoria de ritual de nomeação masculino. Quando a minha filha recebeu a nome de *Asakredi* participei de ritual da nomeação feminina cantando junto com os anciãos e os homens dentro da aldeia, de casa em casa, e sempre cantando em círculo. Muitas pessoas participam da cantoria de nomeação feminina e masculina.

Eu escolhi os nomes próprios dos meus filhos e filha, todos do clã *Wahirê*, e depois de selecionar eu fui apresentar para os anciãos do clã *Wahirê* porque eles sempre precisam dar a palavra final sobre os nomes indígenas. Por isso nós aprendemos desde pequenos na nossa cultura a valorizar os nomes próprios indígenas do povo *Akwê*.

Quando participei do ensaio de cantoria de nomeação masculina na mata no *Dasîpê*, fui escolhido pelos anciãos da organização para batizar os nomes masculinos: no *warã* (ou centro da aldeia) cada ancião que apresentava um nome para mim e eu tinha que repetir esse nome em voz bem alta para todos escutarem, confirmando o nome indígena de batismo da criança.

Nós, *Wapte* (jovens Xerente), temos que participar da festa cultural onde são ensinados os conhecimentos tradicionais pelos anciãos, de cada clã parceiro. Os anciãos são muito importantes para o povo *Xerente* porque passam oralmente os saberes indígenas para as novas gerações. Hoje em dia, nós jovens *Xerente* temos que registrar e fazer livros para serem usados

nas escolas onde os professores Xerente possam trabalhar na sala de aula com os estudantes *Akwẽ*.

Eu comecei o curso de Antropologia Social no ano de 2023 e durante esse período até julho deste ano de 2025, não tinha acontecido nenhum novo ritual Dasĩpê na Aldeia Salto. Eu gostaria muito de participar de um Dasĩpê agora que já sei um pouco melhor como fazer pesquisas etnográficas com povos indígenas e agora foi possível.

Para mim, como pesquisador indígena *Akwẽ*, foi muito importante poder participar da festa cultural sobre a nomeação feminina e masculina, um momento muito importante para observar e fazer entrevistas com todos os anciãos, bem na hora do cerimonial. Para esta pesquisa entrevistei os anciãos e as pessoas que já participaram da festa cultural em outros momentos, e também para me lembrar quando eu participei para batizar meus filhos.

Os anciãos para o povo *Akwẽ* são considerados como a biblioteca porque são os conhecedores da história do povo *Xerente*. Os conhecimentos dos anciãos são guardados na memória e transmitidos pela oralidade de cada grupo de anciãos dentro de cada clã e entre os clãs. Quando nós *Akwẽ* perdemos os anciãos, perdemos os conhecimentos tradicionais do nosso povo, tipo uns livros queimados, porque o conhecimento dos anciãos não está escrito nos livros, mas na memória e na oralidade.

É por isso que hoje em dia os próprios anciãos estão incentivando os acadêmicos *Akwẽ* a pesquisar e escrever as histórias e cosmologias dos Akwe para serem guardadas nos livros. Com isso, todos indígenas *Akwẽ* poderão sempre precisar pesquisar nos livros escritos pelos próprios indígenas *Xerente*.

O meu trabalho de pesquisa sobre os rituais de nomeação feminina e masculina é muito importante para o povo *Akwẽ*. Esse trabalho acadêmico também vai servir para outros pesquisadores e também para professores indígenas *Akwẽ* trabalharem seu conteúdo na sala de aula com os estudantes indígenas *Xerente*.

Os professores indígenas podem trabalhar com a pintura corporais, a pintura clãnicas, e com a nomeação feminina e masculina, casamentos tradicionais do povo *Xerente*, corrida de tora pequena e tora grande. Se os professores trabalharem com esses temas com os estudantes *Xerente*, eles poderão conhecer melhor a cultura indígena *Akwẽ*.

Nós *Akwẽ* temos que valorizar cultura e a identidade do nosso povo *Xerente*, o nosso conhecimento ancestral repassado pelos anciãos para os jovens *Akwẽ*. Portanto os jovens têm que conhecer e aprender sobre a festa cultural e os rituais que são apresentados pelos *wawẽ nõrĩ*, os anciãos. Os anciãos são os guardiões da nossa história e do território do nosso povo *Xerente*.

A festa cultural é um momento de aprendizagem para nós pesquisadores indígenas *Akwê*, pois podemos acompanhar e observar os vários rituais de nomeação feminina e masculina. E muitas pessoas das aldeias vizinhas e da cidade participam da festa cultural. Hoje em dia, a tecnologia já entrou dentro da aldeia. Muitos *Akwê* usam a tecnologia com o celular para registrar os rituais apresentados na festa cultural do povo *Xerente*. E os não indígenas que participam da festa cultural também registram os rituais de nomeação femininos e masculinos.

## 2.2 - O dasîpê na Aldeia Salto - Kripre visto através da pesquisa de campo em 2025

O dasîpê que aconteceu na Aldeia Salto- *Kripre*, no município de Tocantínia/TO, é um evento que celebra a cultura indígena do povo *Akwê Xerente* e promove a valorização das tradições culturais e tradições locais, o povo *Akwê* desempenhou um papel fundamental durante o evento que ocorreu entre os dias 28 de junho a 11 de julho de 2025, no ritual de nomeação feminina e masculina, com a corrida de tora pequena e grande, as danças culturais, as músicas tradicionais. Minha observação participante ocorreu nestes dias.

Figura 10- *Warã* – casa grande

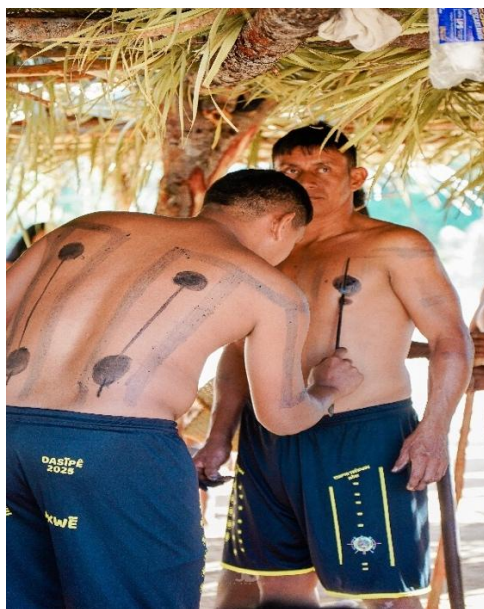


Foto: Davi Samuru Xerente, junho de 2025.

No dia 25 de junho de 2025, a comunidade local da Aldeia Salto fez o *Warã* (barracão) no centro da Aldeia. Uns dez homens foram na mata cortar palhas de babaçu e a madeira; depois, fizeram o monte de palha na beira da estrada e o carro da FUNAI foi buscar e daí foi levada para o centro da Aldeia Salto.

Os anciãos, os homens e mulheres podem ficar durante o dia e quando contam as histórias da ancestralidade do povo *Akwê*. Os anciãos pediram para os mensageiros para fazer quatro casinhas em volta do *Warã*. A foto acima mostra a casinha onde os anciãos e os homens podem cantar, conversar e descansar.

*Figura 11-Os quatros mensageiros escolhidos na Aldeia Salto*



Fotos: Davi Samuru Xerente, junho de 2025

A abertura do *dasîpê* na Aldeia Salto - *Kripre*, aconteceu no sábado no dia 28 de junho 06 de julho de 2025, como foi dito acima. Pela manhã do primeiro dia, os anciãos escolheram

os quatros mensageiros, dois do clã *Wahirê tdékwa* e dois do clã *kuzp tdékwa* para ajudar na organização.

No *Warã* manhã bem cedo foram escolhidos os dois mensageiros para ajudar os anciãos. Os mensageiros são escolhidos de acordo com o *dasisdanãrkwa* (clãs parceiros), os mensageiros em pintura própria, só eles podem se pintar com essa pintura corporais dos mensageiros.

Esse ano de 2025, na Aldeia Salto, os dois mensageiros escolhidos foram do clã *Wahirê tdékwa* e o companheiro deles foram escolhidos do clã *Kuzã tdékwa*. Estes são os clãs que estão relacionados pelos costumes do *Sisdanãrkwa/Wasisdanãrkwa* (os clãs parceiros). Porque os dois clãs se respeitam muito, os mensageiros são muito respeitados no *dasîpê*. Todos os anciãos participam da escolha dos dois mensageiros depois da escolha dos mensageiros, eles precisam ir às aldeias vizinhas para convidar as famílias para participar do *dasîpê*.

*Figura 12- Fazendo brincadeiras*



Foto: Davi Samuru Xerente, mês de junho, ano de 2025

Quando os mensageiros são escolhidos, as primas irmãs dos dois clãs os protegem dos puxões dos cabelos deles e das caçoadas. Essa brincadeira dura no máximo cinco minutos e serve para as pessoas presentes verem quais foram os dois mensageiros escolhidos.

Depois da escolha, os anciãos chamam os dois mensageiros para conversar e orientar nas tarefas que precisam cumprir: buscar lenha e buscar o jenipapo para as pessoas serem

pintadas. Os mensageiros são os guardiões dos anciãos. Os anciãos explicam para as pessoas presentes que, se alguém não respeitar os dois mensageiros durante o ritual, também está desrespeitando os anciãos no *dasîpê*. Na foto acima dá para perceber que as primas os estão protegendo dos outros clãs.

A pintura corporal é ralada e misturada com o carvão de taboca para ficar bem preto, pronto para fazer a pintura corporais clônicas.

*Figura 13- Genipapo sendo preparado para a pintura corporal*



Foto: Davi Samuru Xerente, mês de junho, ano de 2025

Os mensageiros vão na mata para tirar muitos jenipapos e quando os mensageiros chegam no *Warã* com o jenipapo é distribuído entr as pessoas presentes. O jenipapo é preparado pelas mulheres *Xerente* com o carvão.

A pintura corporal com o jenipapo dura no corpo mais ou menos uma semana, pois o jenipapo demora vários dias para sair. Os *Akwẽ* se pintam com o jenipapo para serem identificados pelos clãs parceiros e para mostrar para os filhos que a qual clã o pai pertence.

O jenipapo é uma planta nativa que fica nas matas ciliares, local onde os mensageiros e as mulheres fazem a colheita de fruta de jenipapo, para fazer a pintura corporal nas crianças e os homens.

Figura 14- Clãs parceiros se pintando.



Foto: Davi Samuru Xerente, mês de junho, ano de 2025

Os clãs parceiros fazendo a pintura corporais clânicas de cada clã. Na foto de cima, Alexandre Krêwamzu Xerente, do clã *kuzâ tdêkwa* (os donos das bolinhas) fazendo a pintura corporal em Arlindo Wdêkruwê Xerente, do clã *Wahirê tdêkwa*, os donos da lista. Na foto à esquerda, quem está fazendo a pintura corporal é Arnaldo Dakukrekwa Xerente, do clã *Īsake tdêkwa* que faz a pintura corporal em Neuton Rkâwê Xerente do clã *kbazi tdêkwa*. Assim que acontece no primeiro momento no *Warã* onde os homens estão concentrados.

Antes de começar, todos os homens de cada clãs fazem a pintura corporal dos clãs parceiros;

- a) *Wahirê tdêkwa* e *Kuzâ tdêkwa*
- b) *Īsake tdêkwa* e *kbazi tdêkwa*
- c) *krãiprehi tdêkwa* e *krito tdêkwa*

Na cultura do povo *Akwê* esses clãs parceiros se respeitam muito.

Figura 15- As mulheres também podem pintar os clãs parceiros



Foto: Davi Samuru Xerente, mês de junho, ano de 2025

Os anciãos pedem para as mulheres pintarem os clãs parceiros igual ao dos homens. Na foto à direita, o *Kbazi tdêkwa* está pintando a mulher do clã *Īsake tdêwa*, e na foto esquerda a menina do clã *Īsake* está pintando a mulher do clã *Kbazi tdêkwa*. Na organização social a pintura corporal clânica é muito importante para o povo *Akwê Xerente*. As mulheres indígenas *Xerente* também tem um papel muito importante no *dasĩpê*, pois fazem a comida tradicional, e elas também são responsáveis pela pintura corporais nos seus filhos e o seu marido.

### 2.3 - Nomeação feminina *Wakrtidi/Waktidi*

No dia 29 de junho de 2025, começou a nomeação feminina de manhã cedo, duas meninas receberam o nome de *Wakrtidi/Waktidi*, *Wakrtidi/Waktidi* é um nome específico. A *tarê* (menina) do clã *Wahirê* e a *tarê* menina, do clã *Kbazi/krbazi* que são os clãs parceiros.

Toda manhã, bem cedo, o ritual de cantoria de nomeação feminina *Wakrtidi* é feito. Os anciãos e os homens cantam entre as casinhas que ficam em volta do *Warã*, essa cantoria de *Wakrtidi* vai durar uma semana até concluir a nomeação de *Wakrtidi/Waktidi*, aí sim as duas meninas receber o nome de *Wakrtidi/Waktidi*.

Durante a nomeação feminina de *Wakrtidi/Waktidi*, todos os dias de manhã cedo, os homens cantam em círculo, batendo com o bastão no chão, essa batida com o bastão acompanha ritmo da cantoria de nomeação feminina.

E à tarde, os anciãos liberam para batizar as meninas de todos os clãs que queiram batizar suas filhas para atribuir os nomes *Akwẽ*, porque a nomeação feminina é muito valorizada no povo *Xerente*.

*Figura 16- Os homens cantando em círculo e durante a nomeação de Wakrtidi/Waktidi*



Foto: Davi Samuru Xerente, mês de junho, ano de 202

*Figura 17- As meninas sendo pintadas e caracterizadas*



Foto: Davi Samuru Xerente, mês de junho, ano de 2025

No *Warã*, essas duas meninas receberam o nome de *Wakrtidi/Waktidi*; elas são pintadas pelas mulheres dos clãs parceiros, onde são caracterizadas e o cabelo da menina é amarrado com a fita de buriti. Depois as duas meninas participam da cantoria junto com os homens que estão cantando em círculo entre as casinhas que ficam em volta do *Warã*.

No final de ritual de nomeação de *Wakrtidi/Waktidi* o pai da menina prepara a comida típica, os peixes assado e farinha para fazer o pagamento para as mulheres que pintaram as meninas com a pintura corporais, passaram o urucu no rosto, colocaram algodão e os colares no pescoço.

*Figura 18-Corrída de tora pequena.*

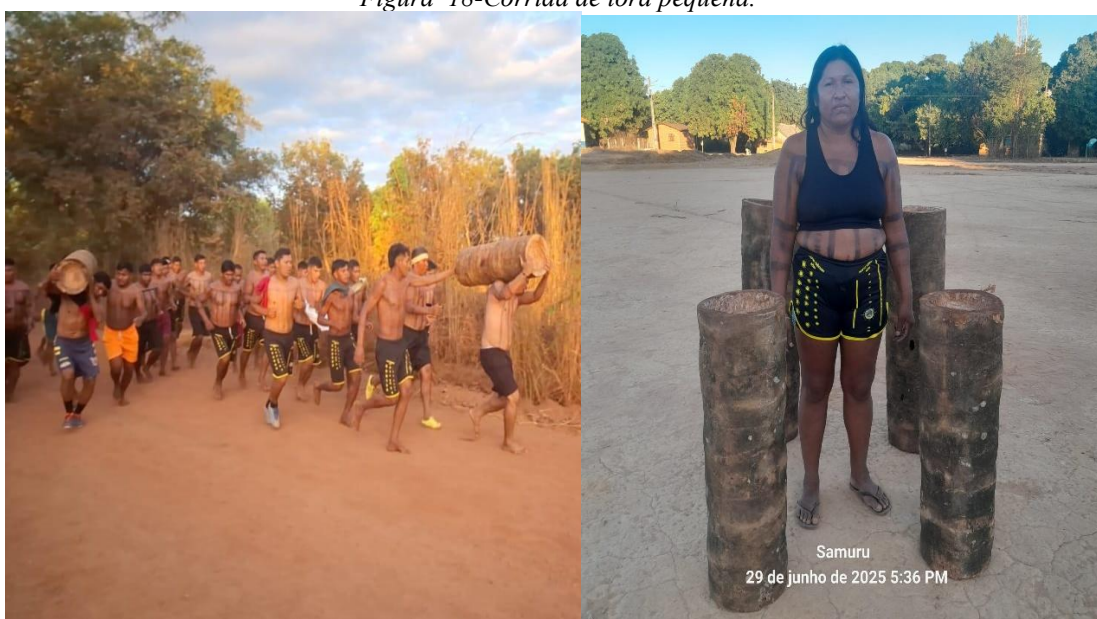


Foto: Armando Sõpre Xerente, mês de julho, ano 2025

Foto: Davi Samuru Xerente, mês de julho, ano 2025.

Durante o *dasîpê* na Aldeia Salto, todas as tardes houve corridas de tora pequena. Todos os dias os mensageiros foram até o brejo e cortaram a tora de buriti em dois pedaços para os homens correrem. A tora pequena é carregada individualmente e durante a corrida, os homens se revezam para carregá-la, até a chegada no centro da Aldeia no *Warã*.

A tora de buriti das mulheres é menor e pesa no máximo 40 quilos. As toras de buriti são deixadas fora da aldeia, a uns 500 metros de distância. As mulheres foram no local da tora de buriti e os mensageiros dividiram e formaram dois grupos para carregar e correr até o centro o centro da aldeia.

## 2.4 - Entrevista com a Brupahi sobre a escolha de nome da nossa filha

No dia 07 de março de 2025 entrevistei minha esposa, Rosa Brupahi Xerente, moradora da *Aldeia Salto*, na Terra Indígena Xerente. A Rosa Brupahi Xerente é a mãe da nossa filha Daiana *Asakredi* Xerente. Ela também já participou da festa cultural na Aldeia Salto onde vive com a sua família. A Rosa Brupahi Xerente é do clã *ĩsake/Krozake*.

“Sou mulher indígena do povo *Akwẽ* e meu nome é Rosa Brupahi Xerente. Eu gosto muito de ouvir a história dos antepassados do meu povo *Xerente*. Gosto muito de ouvir os anciãos e anciãs onde estou adquirindo os conhecimentos do nosso povo *Akwẽ*. Quem participa da festa cultural aprende muitas coisas sobre os rituais que são ensinados pelos anciãos na festa cultural. Os anciãos são muito importantes na organização social do povo *Xerente*. Para os *Akwẽ* os anciãos são considerados professores, e eles passam os saberes tradicionais para os jovens. Os anciãos sempre estão valorizando e defendendo a nossa cultura. Os anciãos são nossos guardiões do nosso território do povo *Akwẽ Xerente*”.

(entrevista com Brupahi)

*Figura 19- Brupahi, minha esposa*



Foto: Davi Samuru Xerente, março de 2025

A *Brupahi* me lembrou que ela selecionou dois nomes próprios *Arbodi* e *Asakredi*. Esses dois nomes ela apresentou para a mãe dela, que se chama *Smĩkadi*, e perguntou se os nomes *Arbodi* e *Asakredi* são do clã *Wahirê*. *Smĩkdi* confirmou que sim, que são do clã *Wahirê*. Depois de perguntar a sua mãe, *Brupahi* escolheu o nome *Asakredi* e no dia da festa cultural, a minha filha Daiana foi batizada com o nome *Asakredi*. O nome dela ficou Daiana *Asakredi* Xerente. Muitas pesquisas dizem que o pai ou a mãe são os responsáveis por escolher os nomes das

crianças. Na festa do Dasîpê, os anciãos têm o papel de confirmar os nomes escolhidos pelos pais e mães.

*Brupahi* contou que já participou dos rituais comandados pelos anciãos na festa cultural, por exemplo: a corrida de tora pequena, a corrida de taquara. A *Kuîwdê Krtôrê*, corrida da tora pequena, acontece entre as mulheres e muitas vezes ela é disputada entre as casadas e as solteiras. As mulheres casadas sempre ganham das solteiras porque as mulheres casadas são mais fortes na *Kuîwdê Krtôrê*. Mas, no final da corrida, todo mundo comemora junto a chegada de tora pequena no *Warã*. A *Kuîwdê Krtôrê* das mulheres acontece todos os dias de manhã e à tarde. Todos os dias os mensageiros cortam duas toras de buriti para as mulheres e também para os homens correrem durante toda a festa cultural.

A *Brupahi* já participou da corrida de velocidade entre as mulheres: elas formam dois grupos para correrem com a tora por 100 metros. A corrida de taquara faz parte da cultura do povo *Xerente* e muitas pessoas que estão participando da festa cultural assistem essa corrida com muita torcida.

*Brupahi* também já participou das danças culturais com o maracá que acontecem à noite. Todos devem participar das danças e cantorias *Akwê*, sejam as mulheres casadas, as mulheres solteiras, os homens, os jovens; os anciãos e os pajés comandam a cantoria para animar os *Wapte* nas danças culturais. Os anciãos incentivam os jovens *Akwê* a praticarem as danças no povo *Xerente*.

Na festa cultural as mulheres têm o papel muito importante: elas ficam em casa cuidando da preparação dos alimentos, fazendo o *berarubu*, feito de massa de mandioca misturado com a carne de caça, tipo uma grande torta. As mulheres preparam a carne moqueada na brasa, enquanto os homens estão cantando no ritual de nomeação feminina. As mulheres sempre ficam reunidas à noite no *Warã*, onde fica a casa grande, onde elas ouvem as anciãs. À noite, as anciãs ensinam para as mulheres as histórias dos antepassados. No *Warã* as mulheres aprendem a cantar com os mais velhos e velhas. Esses ensinamentos das anciãs são muito importantes para as mulheres, pois elas conhecem os saberes do povo *Xerente*.

O ritual de *dasîpê* é muito importante para o povo *Akwê* onde os jovens, meninos e meninas, adquirem os conhecimentos tradicionais do povo *Akwê*. Na festa cultural, os anciãos sempre estão à disposição de repassar os saberes tradicionais e a história dos nossos antepassados para os jovens *Xerente*.

## 2.5 - O planejamento do Dasĩpê pelos anciões e a importância da participação dos mais jovens e professores.

No dia treze de dezembro das 2024, às 15:00 da tarde, eu entrevistei o ancião Augusto Sõwêkõ Xerente, que mora na *Aldeia Salto* (Tocantínia/TO). Ele fala muito bem a língua materna e a língua portuguesa. Ele pertence o clã *Kbazi* e falou sobre o *Dasĩpê* e a nomeação feminina e masculina.

O ancião Augusto Sõwêkõ Xerente contou que antes de começar *Dasĩpê*, os anciões de cada clã fazem uma reunião entre eles para decidir onde vai ser o local e a data da festa cultural. Depois de decidirem o local e a data, os anciões já começam a pensar em duas pessoas que vão ocupar a função de mensageiros na festa cultural. Ele contou que antigamente tinham dois mensageiros: os anciões escolhiam um *Wapte* do clã *Wahirê* ou *Krãiprehi* e um do clã *Doi* para ajudar os anciões na organização da festa. Depois de escolherem dois mensageiros, os anciões já encaminhavam os dois mensageiros para convidar as comunidades das aldeias vizinhas para participar da festa cultural.

Figura 20- Augusto Sõwêkõ Xerente



Foto: Davi Samuru, dezembro de 2024

Augusto Sõwêkõ Xerente falou também que antigamente a festa cultural durava até três meses, que era feita “de longo prazo”, e que a alimentação vinha dos produtos da roça de toco

(farinha de mandioca, feijão, milho, arroz). Os anciãos escolhiam uns dez caçadores profissionais para caçar os porcos e outros animais para eles se alimentarem durante o *Dasîpê*. Os anciãos também escolhiam uns dez pescadores para pescarem peixes para ajudar na alimentação das comunidades que participavam do *Dasîpê*. O ancião Augusto *Sôwêkô* Xerente falou que desde jovem já participava da festa cultural juntamente com muitos anciãos Xerente. Ele falou também que gostava de ouvir o seu pai contar sobre a história e a festa da nomeação feminina e masculina do povo *Xerente*.

A abertura da nomeação feminina acontece com a escolha do nome feminino *Smîkadi*. Em seguida segue a nomeação feminina com a indicação dos nomes pelos pais e mães para quem quiser receber o nome *Akwê* durante a festa cultural.

A duração de ritual de nomeação feminina é de aproximadamente cinco dias. Toda vez que acontece a nomeação feminina os homens fazem a cantoria em círculo e de casa em casa. Na terceira casa, o tio materno, como já falei anteriormente, tira a menina para fora do círculo da cantoria onde essa menina já foi então batizada em nome indígena *Akwê*. Todos os dias e sempre logo pela manhã, os anciãos chamam os jovens e os homens para levarem os seus filhos para o *warã*, onde os anciãos de cada clã estão reunidos. Antes das meninas serem batizadas, as meninas precisam ser pintadas por seus pais, com o jenipapo misturado com o carvão de taboca. Só depois que leva as suas filhas para o *Warã* para ser batizada.

O ancião Augusto contou também que durante a festa cultural os mensageiros cortam a tora de buriti durante os dias que acontece a festa cultural. Elas são usadas nas corridas de tora pequena e grande. A corrida de tora pequena é feita durante todos os dias da festa cultural. A corrida de tora pequena é uma preparação dos jovens *Xerente*. No decorrer da festa cultural *Dasîpê* são praticados todos os dias a corrida de tora pequena com os homens e as mulheres praticando o esporte cultural onde os jovens ficam fortes para carregar a tora de buri, os anciãos estão pedindo para os jovens *Akwê* praticarem a corrida de tora pequena, porque a corrida de tora pequena e tora grande faz parte da história do povo *Xerente*.

Quando os jovens *Xerente* praticam o esporte cultural por exemplo: a corrida de taquari, corrida de tora pequena e tora grande, a corrida de velocidade, isso é um preparo físico para os homens *Xerente*, porque prática o esporte cultural faz bem à saúde psicológico e mental, então isso faz bem para o nosso corpo humano.

Segundo Augusto, depois de nomeação feminina começa a organização para fazer o ritual de nomeação masculina. Os anciãos pedem para os mensageiros começarem a fazer a limpeza na mata, onde será feito o ensaio de ritual de cantoria entre os anciãos e os homens que participam da festa. Esse lugar onde é feito o ensaio de cantoria fica aproximadamente a uns

quinhentos metros da aldeia onde está acontecendo o Dasîpê. Nesse ensaio de cantoria só os homens e anciãos podem participar da cantoria. Ou seja, as mulheres e as crianças são proibidas de participar desse ritual que faz parte do Dasîpê. Enquanto os homens estão fazendo o ensaio de cantoria na mata, as mulheres ficam responsáveis por preparar as comidas para que seus esposos possam almoçar no local de ensaio de cantoria. As mulheres não podem também levar a comida para mata. São os mensageiros que fazem isso a partir da orientação dos anciãos: os dois mensageiros passam de casa em casa para pegarem as comidas para levar para os homens que estão na mata.

Os anciãos e os homens ficam na mata aproximadamente de cinco ou dez dia para fazer o ensaio de cantoria da nomeação masculina. Ao mesmo tempo, no intervalo desse ritual, os anciãos contam histórias tradicionais e aconselham os jovens *Wapte* que estão participando também do ensaio, a valorizar a cultura do povo *Akwê*.

Todos os homens cantam em círculo, todos eles andam para o lado direito e voltam pelo lado esquerdo, até que os anciãos parem de cantar. Ao todo são sete músicas que os anciãos e os homens cantam durante o ensaio das músicas em *Akwê*. Os anciãos sempre dão intervalos para as pessoas que estão participando da cantoria para que eles possam se alimentar, beber água, comer batata doce ou beiju com a carne moqueada. Depois dos intervalos, todos retornam para cantar novamente. Essa atividade vai até as 16 hora da tarde todos os dias. Depois que acaba, todos que estavam participando da cantoria saem da mata e vão para a aldeia para assistir ou participar das corridas de tora pequena.

Antes de saírem da mata, os *Wawe* (anciãos) de cada um dos clãs - *Wahirê*, *Ïsake/Krozake*, *Krâiprehi*, e *Kuzâ*, *Kbazi*, *Krito* - fazem os discursos para os *wapte* (jovens) e para os homens, dando conselhos e pedindo para ter respeito entre os parentes. Isso é muito importante para os anciãos. Em seguida, os anciãos pedem para os homens começarem a se pintar no rosto e nas pernas: cada um dos homens usa um bastão curto e um colar feito com cipó, retirados na mata. E cada membro do clã parceiro, chamado *sisdanârkwa*, será o responsável para fazer a pintura corporal no outro parceiro.

No ensaio de cantoria em *Akwê*, os anciãos e os homens começam a se organizar para fazer a nomeação masculina. Os homens de cada clã parceiro fazem duas fileiras e, em seguida, os homens seguem o caminho nas mesmas duas fileiras em direção ao centro da aldeia juntamente com os anciãos. Chegando ao centro da *aldeia*, as fileiras de homens se cruzam três vezes antes de começar a nomeação masculina.

O ancião Augusto contou que quando os homens chegam no *Warã*, os pais estão aguardando com os seus filhos para serem batizados. Chegando no *Warã*, os pais já começam

a apresentar os seus filhos para anciãos do seu “partido” (o nome que os Xerente dão aos seus clãs). O ancião leva o *turé* (menino) para os homens que estão fazendo o batismo de nome do próprio do povo *Akwê*. Enquanto acontece o ritual de nomeação masculina, os anciãos pedem para os mensageiros para cortarem a tora grande no mato e que vai ser utilizada na corrida das toras grandes para encerrar a festa cultural. Eles cortam um pé de buriti em dois pedaços. Depois de preparar a tora grande, elas são colocados fora da aldeia para fazer a competição de toras grandes que vai dividir os homens em dois grupos: *Htâmhã* e *Stêromkwa*. De manhã cedinho, os anciãos chamam os homens e as pessoas que estão participando da festa cultural para o *warã*, onde os homens corredores vão se pintar antes da corrida de tora grande. Os anciãos aconselham os homens corredores para tomar muito cuidado durante a corrida para que a tora grande não caia e machuque alguém.

Em seguida os homens fazem duas fileiras: os que pertencem aos *Htâmhã* ficam de um lado, os que pertencem ao *Stêromkwa* ficam do outro. Os anciãos ficam na frente de cada fileira e vão cantando e fazendo gritos de guerra em direção onde está a tora grande. Chegando no local onde a tora grande está, os homens corredores já começam a se posicionar e a se prepararem para correr. A equipe que chegar em primeiro lugar é considerada vencedora. Nesse dia muitas pessoas já aguardam no *warã* a chegada das equipes que estão disputando a corrida da tora grande. Chegando no *warã*, depois de decidido quem ganhou a corrida, todos os homens corredores e anciãos fazem um círculo em volta de tora grande, cantando e ao mesmo tempo comemorando a vitória daqueles homens corredores que ganharam. É um momento de muita alegria para todas as pessoas que estão participando da festa cultural.

E assim se encerra essa festa cultural do povo *Akwê*. É nessa hora também acontece o ritual de *Padi* (Tamanduá Bandeira). Dois homens Xerente enfeitados e parecendo *Padis*, saem da mata e vão para o centro da *aldeia* onde estão as pessoas confraternizando com as equipes dos homens corredores da corrida da tora grande. Esses dois *Padi* ficam dançando no meio do povo, entram no círculo e dançam juntos com os homens guerreiros que correram pela equipes dos *Htâmhã* e dos *Stêromkwa*. Os *Padi* só aparecem no encerramento da festa cultural do povo *Akwê*.

Ivo Schroeder pesquisou sobre o ritual de nomeação feminina e masculina que sempre acontece na festa cultural indígena *Dasîpê* e mostrou a importância também nessa festa da presença do ritual dos *Padi*:

[...] A estação após as chuvas, a partir de abril e propicia para a realização de festas, no Brasil Central. Pode ser em abril, no dia do índio, ou mais tarde, em junho ou julho, por ocasião das férias escolares. A festa indígena que os Xerente chamam de *Dasîpsê*,

dura 7 a 10 dias, com uma sequência padrão de atividades, onde se destacam a nomeação feminina e masculina, as danças de pajé, as corridas de tora pequena e grande. Além disso, as associações masculinas – dakrsu – podem propor atividades como a saída do Padi (Tamanduá), a imposição de alguns nomes femininos que permitem sofisticções, agregando – se performances extras; e, ao longo dos dias, inúmeras competições e brincadeiras fazem parte do programa. [...] (pág. 66, ano 2006).

O *Dasîpê* é sempre realizado no tempo seco, principalmente nos meses de junho e julho, onde todas as pessoas das aldeias vizinhas podem participar, porque são meses de férias em todas as escolas. Fazer nesses meses facilita muito a participação dos professores e estudantes Xerente. E essa participação incentiva todos os professores também a trabalhar em sala de aula com os estudantes sobre os rituais que foram repassados pelos anciãos no *Dasîpê*.

Toda as noites acontece a cantoria e as danças culturais com os cantores *Akwê*. A noite todo mundo participa das danças de cantoria para que todos aprendem a dançar e cantar ao mesmo tempo.

O planejamento da festa ritual pelos anciãos são passados pela oralidade e guardando na memória dos *wawê nõrĩ*.

## **2.6 - O *Dasîpê* e o papel dos mensageiros na festa cultural do povo *Akwê* Xerente**

O ancião Sebastião Srêzdazute Xerente contou que no *dasîpê* ele já ocupou a função de mensageiro. O mensageiro é aquele que ajuda os anciãos na organização da festa cultural *Dasîpê*.

No dia 13 de abril de 2025, às 11 horas da manhã fiz a entrevista com o ancião Sebastião Srêzdazute Xerente. Ele mora na Aldeia Romão no município de Tocantínia/TO e pertence do clã *Wahirê*. A entrevista foi realizada na residência dele e a conversa foi muito boa sobre o *Dasîpê*.

O ancião Sebastião Srêzdazute Xerente contou que antes de iniciar o *Dasîpê*, os anciãos escolhem dois mensageiros: um do clã *Wahirê* e um do clã *Kuzá* que são os clãs parceiros para ajudar os anciãos na organização da festa cultural. Depois de escolher os dois mensageiros, os anciãos pedem para os mensageiros e outros homens para cortar as palhas de babaçu, pequenas madeiras e taboca para fazer um barraco no centro da aldeia. Depois de fazerem a barraca, os anciãos chamam os homens e as mulheres da comunidade na barraca para dar início a festa cultural do povo *Akwê*. No primeiro dia da festa cultural, os anciãos e os homens começam com a nomeação feminina. Todos os dias os anciãos chamam os pais das meninas para apresentam

os nomes das suas filhas para os anciãos. Logo em seguida os anciãos começam a se organizar para fazer a cantoria de nomeação feminina nas casas dentro da aldeia.

*Figura 21- Sebastião Srêzdazute Xerente*



Foto: Davi Samuru Xerente, abril de 2025.

Depois da nomeação feminina os anciãos pedem para os mensageiros escolherem um local na mata, fora da aldeia, lugar que será roçado e campinado com a enxada. Lá os anciãos e os homens que participam do cerimonial vão fazer o ensaio de cantoria de nomeação masculina durante cinco dias.

Cada participante dos clãs parceiros passa o carvão no rosto e nas pernas e depois de terminar essa pintura, os homens vão fazer duas fileiras e caminhar em direção ao centro da aldeia. Cada família apresenta aos anciãos os nomes *Akwẽ* que escolheu para dar aos seus filhos. Depois de receber o nome próprio indígena, esse rapaz só é chamado pelo nome *Akwẽ*. Por exemplo, se ele é batizado com o nome *Srêmse*, ele vai ser chamado a partir desse momento com esse nome próprio *Akwẽ*.

Os mensageiros buscam também a lenha na mata para fazer a fogueira no centro da aldeia onde fica a casa de barraca feita de palha de babaçu. Lá será realizado o batismo de nomeação masculina.

A corrida de tora pequena traz muita alegria para as pessoas que estão presentes ou participando da festa cultural do povo *Xerente*. No *Dasîpê* homens, mulheres e crianças participam da corrida de tora pequena de buriti que é um esporte cultural muito bonito de se

ver. Os mensageiros também cortam um pé de buriti para preparar uma tora pequena para os homens e as mulheres possam correr durante a festa cultural. A corrida de tora pequena acontece na parte da manhã e a na parte da tarde.

O ancião Sebastião Srêzdazute Xerente contou ainda que a nomeação masculina sempre acontece na final da festa cultural *Dasîpê*. Depois de nomeação masculina vem o encerramento da festa cultural com a corrida de tora grande.

O ancião Sebastião contou que ele já participou de muitas das festas culturais do povo *Akwê* e que gosta muito de participar do *Dasîpê*. Para ele, nossa cultura indígena é muito bonita, sejam os cânticos, as danças, os rituais de nomeação feminina e masculina, as pinturas, as corridas de tora pequena e grande. Como todo ancião *Akwê*, ele disse que nosso povo tem que continuar a valorizar a nossa identidade e nossa cultura.

No povo *Akwê* os anciãos sempre são muito respeitados. Os anciãos sempre dão conselhos e contam as histórias para as mulheres e homens e os *Wapte* (jovens).

Os ensinamentos dos anciãos estão sendo escritos e gravados pelos jovens acadêmicos. Esse material no futuro pode se transformar em livros didáticos e pedagógicos que poderão ser usados pelos professores Xerente nas escolas da nossa terra indígena.

## **2.7 - Os rituais que acontecem no *Dasîpê* do povo Xerente**

O ancião Valdemar Sõiti contou que gosta muito de participar do nosso *Dasîpê*. Para ele, quem participa da festa cultural pode adquirir muito conhecimento da história do povo Xerente. Ele disse que ama a cultura Xerente, as histórias e tradições do nosso povo e nossa língua materna.

Eu fiz a entrevista com o ancião Valdemar Sõiti que pertence do clã *îsake*, no dia 20 de abril de 2025 na Aldeia Recanto. A minha entrevista com o ancião Valdemar Sõiti foi sobre o ritual que acontece no *dasîpê*. O ancião Valdemar Sõiti contou que a festa cultural que traz muito conhecimento tradicional para os *Wapte* (jovens). Na festa os anciãos apresentam vários rituais, sendo que no primeiro dia começa com os rituais de nomeação feminina.

Os anciãos fazem durante vários dias o ritual do nome próprio indígena numa aldeia e fazem cantorias de casa em casa. A *tarê* (menina) é batizada e recebe o nome próprio *Akwê*. O nome próprio de cada criança batizada sempre tem que fazer parte da pintura corporal que identifica cada um dos seis clãs. O ancião Valdemar *Sõiti* também contou que cada clã tem o seu conjunto de nomes próprios. Cada clã é identificado pelas suas pinturas corporais e com

isso é possível que cada Xerente saiba quem é a pessoa que pertence ao clã parceiro de cada clã.

*Figura 22- Valdemar Sõiti*



Foto: Davi Samuru Xerente, 20 de abril de 2025

De acordo com ancião Valdemar Sõiti, no povo Xerente existe uma organização social que faz com que exista o respeito entre o povo *Akwẽ*. Os anciãos pedem muito para que os jovens Xerente conheçam seus clãs para que aprendam a respeitar os clãs que são parceiros.

Os anciãos pedem para os jovens *Xerente* para não deixar de praticar a cultura indígena *Akwẽ* e os rituais que acontecem na festa cultural do povo *Akwẽ/Xerente*.

O ancião Valdemar Sõiti também explicou que a nomeação masculina acontece no final do *Dasĩpê*. Antes de acontecer esse ritual de nomeação masculina, os anciãos e os homens vão para a mata, fora da aldeia e lá eles fazem cantorias durante uns cinco dias. Quando os anciões

e os homens entram na mata para fazer o ensaio de cantoria, eles ficam até umas 17 horas da tarde. Ao meio-dia, os homens que estão participando da cantoria na mata, almoçam ali mesmo onde eles estão cantando. Ninguém pode sair daquele lugar enquanto está acontecendo esse ritual que faz parte do *Dasîpê*. São os mensageiros que levam o almoço para os homens que estão concentrados na mata. As mulheres são responsáveis por preparem o almoço dos maridos e dos filhos que estão na mata.

Quando todos os homens dos clãs parceiros começam a se pintar no rosto e na perna com o carvão de taboca misturado com um pouco de água, os anciãos pedem para que todos os clãs façam filas para que cada anciãos de cada clãs faça seu discurso. Esse discurso é aconselhado pelos anciãos que vão passando orientações para os jovens *Xerente*, para que eles possam se respeitar e respeitar os clãs parceiros. Isso valoriza a cultura do povo *Akwê* que é repassada oralmente no *Dasîpê*.

Antes dos homens saírem da mata, os anciãos pedem para os homens jovens *Xerente* tirarem madeira curta, com o comprimento de um metro. Depois de ensaio de cantoria, os anciãos e os homens seguem o caminho em direção ao centro da *aldeia* onde as pessoas estão aguardando para assistirem os batismos de nomeação masculina. Os nomes próprios são muito importantes para os anciãos e o povo *Xerente*.

O ancião Valdemar Sôiti *Xerente* explicou também que a corrida de tora grande sempre é realizada no encerramento da festa cultural do povo *Xerente*. A corrida de tora grande é realizada na parte da manhã, por volta das 8 horas. São os homens dos partidos *Htâmhã* e *Stêromkwa* que fazem a disputa entre os dois grupos. A equipe que chega em primeiro lugar é considerada vencedora, mas no final, todo mundo comemora junto.

E no encerramento da festa cultural também acontece o ritual de *Padi* (tamanduá bandeira). Na chegada da tora grande no centro da *aldeia*, os dois *Padi* chegam também no pátio da aldeia e ficam dançando no meio do povo que ficou até o final da festa cultural do povo *Akwê/Xerente*. Os anciãos sempre são os organizadores da festa cultural. Sem a participação dos anciãos no *Dasîpê*, essa festa cultural não aconteceria no povo *Xerente*.

O ancião Valdemar Sôiti também contou que no encerramento do *Dasîpê* os anciãos pedem para as preparem comida típica com carne moqueada e farinha. Depois da corrida de tora grande, os homens se sentam em círculo com todos os clãs parceiros. Esse é um outro momento de alimentação durante a festa cultural onde as mulheres podem levar as comidas típicas para os seus maridos, em uma bacia. Quando os homens recebem a comida, eles se levantam e entregam uma bacia de comida para outros homens do clã parceiro. Por exemplo: um home do clã *Wahirê tdêkwa* entrega a comida de carne moqueada para um home do clã

*Kuzâ tdêkwa*. Essa troca de comida típica *Akwê* entre os clãs parceiros é muito importante para os anciãos e para todos os *Akwê*. Por exemplo, esse é um momento também onde os jovens e as crianças podem conhecer e identificar os seus clãs e os clãs parceiros. Os jovens *Xerente* aprendem vários conhecimentos tradicionais do nosso povo *Xerente* durante a festa cultural e os anciãos sempre estão preocupados com as nossas tradições culturais e a preservação da nossa língua materna. Eles são os guardiões que preservam a cultura do povo *Xerente*.

## 2.8 - As corridas de tora

Segundo Afonso Tiikwa *Xerente*, a corrida de tora grande sempre acontece no final do *Dasîpê*. Os mensageiros vão à mata cortam o pé de buriti em dois pedaços grandes. Depois eles enfeitam as duas toras grandes cada uma com pinturas dos dois partidos de corrida: ***Htâmnhã*** e ***Stêromkwa***.

[...] Os dois mensageiros são encarregados de colocar as pinturas nas toras, cada uma vai receber a pintura de seu partido, enquanto que os dois mensageiros que ficaram na aldeia são responsáveis por conduzir os dois grupos que estão indo buscar a tora. É uma regra que os dois grupos saiam em fileiras, o partido dos ***Stâmnhã*** sai em fila, e o partido do ***Steromkwa*** sai atrás[...] (Afonso Tiikwa *Xerente* ano 2020, pág. 99)

O partido ***Htâmnhã*** tem a sua pintura que se chama de ***kukâihâ*** (casca de jabuti). Os filhos mais velhos pertencem ao partido ***Htâmnhã***. O outro partido, ***Stêromkwa***, usa a pintura de ***Amkeparu*** (que é um símbolo de listra de cobra). Os filhos mais novos pertencem ao partido ***Stêromkwa***.

Na cultura do povo *Akwê/Xerente* muitas regras precisam ser cumpridas antes das corridas de tora grande. Por exemplo, os homens não podem dormir junto com as suas esposas e nem podem ter relação sexual. As pessoas que não cumprem essa regra podem cair durante a corrida de tora grande e, com isso, podem se machucar muito, por exemplo, quebrar o pé ou os braços. Por isso, os anciões aconselham muito a comunidade antes das corridas, lembrando toda as regras que precisam ser cumpridas por todos.

Na chegada de tora grande no *warã*, a equipe que pertence a um dos dois partidos da corrida da tora grande - ***Htâmnhã*** ou ***Stêromkwa*** - será considerada vencedora. Depois da comemoração do partido vencedor, os homens dos dois partidos fazem um círculo dando as mãos uns para os outros no centro da aldeia. Com isso todos celebram e confraternizam no final da festa cultural. Por isso, a corrida de tora grande é um ritual tão importante para o povo *Akwê Xerente*.

Afonso Tikwa Xerente, que pesquisou o *Dasîpê*, escreveu sobre o ritual *Padi* (tamanduá bandeira na língua xerente). Esse ritual *Padi* acontece no final da festa cultural do povo *Akwê Xerente*. Os anciãos pedem para os mensageiros para se enfeitarem com palha de buriti fazendo com que eles se pareçam com tamanduá bandeira. Todos os clãs fazem a imitação de tamanduá bandeira.

[...]A dança do Padi (tamanduá-bandeira) acontece depois da corrida de tora grande e assim que os homens vão à busca de tora, dois homens se afastam para o mato, junto com um ancião para se caracterizarem como tamanduá-bandeira[...] (Afonso Tikwa Xerente ano 2020, pág. 64).

No final do *Dasîpê* muitas pessoas esperam no *warã* aguardando a chegada de tora grande. Quando a tora grande chega no centro da aldeia, os homens que correram com a tora grande fazem o círculo dando as mãos e ficam dançando e cantando em volta de tora grande. Quando terminam as cantorias e as danças, chegam os dois mensageiros enfeitados de tamanduá-bandeira e eles entram no meio do círculo dos homens que já estão dançando no centro da aldeia. No centro do círculo, os dois tamanduás-bandeiras ficam dançando e procurando a bacia de comida típica que os anciãos já tinham deixado preparada para eles pegarem. Quando o *Padi* sai do círculo com a bacia cheia de comida, as esposas deles já aguardam eles para pegar os alimentos que eles ganharam dos anciãos. O ritual de *Padi* para o povo xerente é também muito importante, pois é ritual que encerra o *Dasîpê* (festa cultural).

Segundo o Valci *Sinã*, que escreveu sua etnografia sobre a nominação masculina entre o povo *Akwê Xerente*, cada clã tem um conjunto próprio de nomes indígenas. A organização social Xerente têm duas metades e cada uma delas têm três clãs. Na metade que se chama Wahirê, os três clãs que pertencem a ela - *Wahirê, Îsake/Krozake, Krâiprehi* - se pintam com listras ou traços. Na outra metade que se chama Doi, existem os outros três clãs que se pintam com círculo- *Kuzâ, Kbazi, Krito*.

Se uma pessoa de um dos clãs da metade das listras quiser um dos nomes que pertence a um dos clãs da metade dos círculos, essa pessoa precisa dialogar com os anciãos que poderão ou não autorizar esse empréstimo. É muito importante que cada pessoa que participar da festa tradicional do povo *Akwê* conheça os nomes que pertencem aos seus clãs.

[...] Primeiro, a pessoa tem que conhecer os nomes da sua metade ou de seus clãs. Segundo, se a pessoa tiver dúvida sobre a que metade/clã pertence o nome, ele é obrigado a tirar suas dúvidas com um dos anciãos do mesmo clã ou com um dos anciãos dos clãs oposto. Só a partir desse momento é que pode ocorrer o registro ou a nomeação/doação de nomes dos seus filhos[...] (Valcir Sinã, pág. 15, ano 2011).

O pesquisador Valci *Sinã* mostra que o *Dasîpê* fortalece os cerimoniais de nomeação feminina e masculina e isso incentiva as novas gerações a valorizar sua identidade pessoal e coletiva, pois cada jovem recebe um nome indígena que faz parte da organização clânica do seu povo *Akwê*.

Valci *Sinã* também pesquisou que os nomes próprios indígenas também têm sentido na formação da identidade das pessoas *Akwê*. Os nomes têm ligação com as florestas, as águas, a terra, os animais, pássaros etc. É muito importante manter a identidade viva da nossa tradição e essa formação do corpo físico e da parte espiritual acontece também através dos cânticos e danças que acontece nos rituais de nominação masculinos e femininos.

[...] O ritual de *Tpêdi* é um dos rituais que nos lembram da importância dos nossos rios e de tudo que nele existe. Esse ritual é todo baseado no peixe, inclusive na alimentação, tudo com peixe. Esse ritual pode durar, mais ou menos dois de, dois ou três dias, qual duas meninas são batizadas, recebendo o nome de *Tpêdi*[...] (Valcir *Sinã*, pág. 21, ano 2011).

Antes de acontecer esse ritual de *Tpêdi* (peixes), os anciãos organizam e preparam o para-peixes. Depois de fazer o para-peixes, os anciãos escolhem um homem para representar o *kuihá* (Jacaré) que simula uma tinguijada nos rios (uso da planta tinguí para pegar peixes) que passam no território *Xerente*. Depois que o para-peixes está pronto, o homem disfarçado de jacaré deita na porta fazendo de conta que está esperando os cardumes passarem para ele possa comer um peixinho. Esse ritual *Tpêdi* (peixes) mostra a relação direta que os *Akwê* têm com os rios e a natureza. Por isso, os anciãos estão sempre preocupados em incentivar nosso povo a preservar a natureza. É com a natureza preservada que os homens podem trazer a carne de caça e pesca para sustentar a suas famílias nas aldeias sem depender dos produtos dos não indígenas. Como acontece em todas as festas culturais, no encerramento da festa de nomeação feminina *Tpêdi*, todo mundo que participou fica muito alegre e animado.

Clarisse dos Anjos Raposo fez sua etnografia sobre os conhecimentos tradicionais do povo *Akwê Xerente*. Um dos assuntos que ela estudou foi o da comida típica do povo *Akwê*. Os alimentos tradicionais são muito saudáveis e quando o povo *Akwê* consumia somente esse tipo de alimento, as pessoas eram muito mais saudáveis. Elas não adoeciam tão facilmente como agora. Hoje se come muito alimento industrializado cheio de sal e gordura.

No *Dasîpê* as mulheres sempre preparam os alimentos tradicionais, ou seja, as carnes de caça e dos peixes, que são assados ou moqueados. Durante essa festa cultural as mulheres são responsáveis pela preparação de uma alimentação chamada *berarubu*. O *berarubu* é feito com a mistura da massa de mandioca, carne boi ou de caça e peixes. Depois de rechear a massa com as carnes, a mistura é enrolada com folha de bananeira e em seguida é colocada num local

onde a brasa fica embaixo e em cima da mistura. A massa com a carne permanece aproximadamente 1 hora assando na brasa. Esse processo de cozimento da carne é bem demorado. Quando a massa e a carne são retiradas da brasa, a carne fica macia e muito saborosa. Essa é uma comida típica do povo *Akwẽ* e ainda é muito valorizada na nossa alimentação tradicional.

[...]Faz-se um buraco no chão, que é forrado com pedras porosas de tom avermelhado e de fácil combustão (pedra canga). Depois disso, a massa de mandioca é recheada com carne de gado, peixe ou caça e embalada com folhas de bananeira ou de diversos tipos de palmeira. Coloca-se as porções generosas dessa massa recheada, embrulhadas com as folhas sobre as pedras em brasas ardentes e novamente cobre-se com folhas[...] (Clarice dos Anjos, pág. 307, ano 2019).

Muitas vezes o *berarubu* é feito durante a festa cultural. Durante os cinco dias em que os homens vão na mata para fazer o ensaio de cantoria para nomeação de masculina, na aldeia só as mulheres e crianças ficam em casa. Nesse momento é preparada a comida típica do povo *Akwẽ*. Junto com o *beraburu*, o *hârkbû* (grande bolo de massa de mandioca) pode ser feito também. Esses alimentos também são trocados entre o *dasisdanârkwa* (os clãs parceiros). Esses alimentos também são ofertados para os homens corredores na tora grande. O *berarubu* também é oferecido para os espíritos protetores nos rituais de *Padi* (tamanduá bandeira).

Os nossos *Wawẽ* (anciãos) sempre estão incentivando o povo *Xerente* para preservar a natureza. Os conhecimentos culturais dependem muito do conhecimento que nosso povo tem da natureza, das plantas medicinais, das caças e dos peixes. Os *Akwẽ* extraem da natureza os alimentos para o consumo das famílias. Por isso, o povo *Akwẽ* está sempre buscando preservar o território contra invasão de caçadores e pescadores não indígenas.

### Capítulo 3– O ritual de nomeação feminina e masculina

Os rituais de nomeação feminina são muito importantes para o povo *Xerente* e, por isso, eles são sempre organizados pelos anciãos juntamente com os homens participantes da festa cultural.

A nomeação das meninas (*tarê*) se inicia com a preparação da primeira semana do *Dasipê*.

Antes de fazer abertura do ritual de nomeação feminina, a *tarê* (menina) é preparada para receber o nome com pinturas e enfeites muito bonitos: penugem de aves de periquito, pintura preta de carvão e vermelha de urucum, fitas de buriti. Os nomes são escolhidos de acordo com os nomes que pertencem aos clãs do pai de cada uma das meninas. As meninas são nominadas em dupla. Por exemplo, se for uma criança *tarê* do clã *Īsake/Krozake tdêkwa*, a outra menina que receberá o nome junto terá que ser do clã parceiro que é clã *Kbazi tdêkwa* e assim por diante. Os anciãos demoram umas duas semanas até colocarem todos os nomes nas crianças. E a partir dos nomes que elas recebem, elas passam a ser identificadas ao clã que pertencem.

Segundo Valteir Tpêkru *Xerente* que fez a sua etnografia sobre nomeação feminina, o fim desse ritual acontece quando os nomes de *Wakedi* e *Brupahi* são colocados nas últimas meninas nominadas.

Alguns nomes femininos vêm dos pássaros ou dos peixes. No povo *Akwẽ* o nome *Wakedi* pode ser dado ao menino ou a menina. Mas o nome *Brupahi* só as meninas podem receber. Alguns nomes próprios do povo *Akwẽ/Xerente* vêm dos animais e dos pássaros.

[...] As nomeações das meninas são encerradas com os nomes “Wakedi” e “Brupahi”. O nome ‘Wakedi’ pode ser nome masculino e também feminino e não tem tradução. ‘Brupahi’ é nome feminino. Esse nome vem do pássaro “andorinha”. [...] (Valteir Tpêkru *Xerente*, ano 2019, pg, 26).

Os anciãos são muito incentivadores para que os jovens valorizem os rituais de nomeação para nós *Akwẽ* não perdermos a nossa identidade como povo indígena no futuro. Os anciãos sempre orientam as *Pikõ* (mulheres) para preparem os alimentos para seus esposos que participam do ritual e para fazer as novas pinturas neles mesmos, como também nos seus filhos e filhas.

Os anciãos pedem para os pais e mães para incentivar os seus filhos e filhas a participarem de todas as atividades que acontecem na festa cultural, principalmente, nas corridas de tora pequena e corrida de taquari. Essas atividades acontecem na parte da manhã e de tarde durante toda a festa cultural.

Durante a festa cultural, os *Wawẽ* escolhem alguns homens para caçar no mato durante o dia ou de noite para poder trazer alimentação tradicional para os participantes da festa. Por exemplo, os homens ficam na espera segurando um pé de mirandiba ou um pé de pequi florando para matar algumas caças.

Os homens também vão pescar no rio para pegar muitos peixes para alimentação de todos que participam do *Dasĩpê*. A carne de caça e os peixes são distribuídos para as famílias presentes na festa cultural. Depois de receber as carnes e os peixes muitas mulheres começam a prepará-los para depois comerem conjuntamente com os filhos e o marido.

Essa carne de caça e os peixes são distribuídos pelos homens mensageiros que fazem parte da organização ritual da festa cultural. Muitas vezes os peixes são assados na brasa no pátio da *aldeia* para os anciãos comerem na hora. Os anciãos pedem para os mensageiros avisarem as mulheres para moquear a carne e os peixes na brasa. Esses alimentos depois de moqueados podem ser comidos com a farinha por todas as pessoas participantes.

A valorização da cultura através da nomeação feminina é importante porque todas as mulheres a partir de então vão ter um nome próprio em *Akwẽ*.

Quando os anciões percebem que os jovens não estão participativos, eles falam na festa cultural *Dasĩpê*: - “Olha vocês tenham cuidado! Procurem nos ouvir para aprender senão daqui uns tempos vocês só vão colocar nomes dos seus filhos em português (Joaquina, Maria, Antônia)!”

Assim que os anciões se manifestam com firmeza, valorizando os nomes indígenas que são uma das garantias da permanência da identidade *Akwẽ*.

A nomeação masculina sempre acontece no último dia da festa cultural *Dasĩpê*.

Os dois mensageiros fazem uma clareira na mata que fica mais ou menos a uns quinhentos metros fora da *aldeia*, onde vai se iniciar os preparativos da nomeação masculina. A maior parte do ritual de cantoria acontece com os homens participantes da festa cultural. Eles ficam na mata durante cinco dias fazendo o ensaio de cantoria para a nomeação masculina.

Após de ensaio de cantoria, os mensageiros começam os preparativos de materiais que vão ser utilizados na festa ritual, como por exemplo: jenipapo, urucum, carvão de taboca, as cordas para fazer colares para colocar nos pescoços e outros materiais. Os homens se pintam ali mesmo.

Depois da pintura corporal chega o momento muito importante antes da saída da mata: o discurso tradicional dos anciões de cada clã parceiro. Esses discursos dos anciões são direcionados aos jovens *Akwẽ* para que eles respeitem os membros dos clãs parceiros. Na hora que todos os anciões das duas metades terminam os discursos, inicia-se a saída dos homens da

mata. Todos homens saem com um bastão na mão fazendo sons de gemidos em direção ao centro da *aldeia* onde as pessoas estão esperando pela chegada deles. Nesse ritual com bastões os homens participantes cruzam o caminho, um do outro, em vários momentos. Ainda na mata, os anciãos orientam por três vezes a maneira correta dos homens fazerem o cruzamento dos bastões. Isso porque não é permitido que um homem toque no bastão do seu companheiro: se isso acontecer, esse homem estará em risco de adoecer e pode até morrer.

Depois de finalização do cruzamento dos bastões, os homens se dividem entre eles novamente em duas fileiras. Em seguida são chamados os nominadores para se posicionarem entre as duas fileiras. Tudo, então, está preparado para começar a nomeação masculina na festa *Dasîpê*, sempre com a orientação dos anciãos.

[...]O nome feminino Akwê, tem sua organização um pouco diferente dos nomes masculinos. Como, por exemplo, o ritual da nomeação feminina é mais doméstico, e os anciãos e os homens não saem da aldeia, esse ritual é realizado somente dentro da aldeia para realizá-lo. Indicando que, na cultura Akwê, as atividades das meninas são mais domésticas, é mais dentro da aldeia. Especialmente no momento da dança e da cantoria de casa em casa, na qual chamamos de *baktõ nîsize/batismo* [...] (Valci Sinã 2011, pág. 15).

O pesquisador Valci Sinã pesquisou sobre a origem dos nomes femininos e percebeu que muitos vem da natureza e dos animais que vivem no cerrado no território Xerente e Funil. Ele também percebeu que os nomes femininos *Wakedi*, *Tpêdi* e *Krkodi* são considerados especiais na cultura do povo *Xerente*.

[...] A nomeação de Wake e Wakedi, faz parte dos nomes biformes, ou seja, o homem e a mulher podem ter esse nome. Esse é o único ritual que pode ser realizado pelos homens e pelas mulheres. Quando um menino for receber esse nome, são as mulheres que realizam o ritual, e se for algumas meninas são os homens quem realizam o ritual. O ritual de nomeação de Wake (*mêkwa*) e Wakedi pode durar vários dias no decorrer da festa. Wake, é um nome feminina, Wakedi é um nome masculina;  
O ritual de *Tpêdi* é um dos rituais que nos lembram da importância dos nossos rios e de tudo que nele existe. Esse ritual pode durar, mais ou menos dois de dois ou três dias, qual duas meninas são batizadas, recebendo o nome de *Tpêdi*. *Tpêdi* é um nome feminina. Esse nome venha de peixes.  
O ritual do *Krkodi* é um dos rituais mais animados e engraçados da nomeação feminina, do Povo Akwê Xerente, pois esse nome simboliza um dos animais mais espertos da natureza, o macaco. Após a realização do ritual, as duas meninas já estão batizadas e conhecidas como *Krkodi*. E, assim, termina o ritual mais alegre e animado do nosso Povo Akwê Xerente. *Krkodi* – e um nome feminina. Que venha da natureza[...] (Valci 2011, pg. 21, 22, 23).

A nomeação feminina com o nome *Wakedi* acontece assim: se a tarê (menina) receber o nome de *Wakedi* são os homens que organizam e realizam o ritual de nome *Wakedi*. No final de nomeação de *Wakedi*, o tio da menina prepara o almoço para vender ou trocar pelo colar de

tirica. Cada pessoa participante da festa cultural tem que ter o colar de tirica para comprar uma comida para ela. Todo mundo participa do almoço. E quando a *turê* (menina) é batizado com o nome *Wakedi pelas* mulheres, elas é que fazem o ritual de nome *Wakedi e* podem participar da cantoria de nome *Wakedi*.

O ritual de nomeação feminina *Tpêdi* dura mais o menos quatro dias. Nesse ritual, os anciãos organizam e orientam os homens no para – peixes e ali é simbolizado a tingujada que o povo *Akwê* fazia no passado. O para-peixes são feitos de palha de babaçu e pedaço de madeira e são amarrados com a fita de buriti, e nessa hora os anciãos escolher uma pessoa para representar o *Kuihá* (jacaré), para deitar-se na porta do para-peixe esperando os cardumes de peixes passarem na porta do para-peixe. As pessoas que participam de ritual de nome *Tpêdi* representam os peixes cardumes. Os homens usam o arco e flecha na simulação para flechar o jacaré. O nome *Tpêdi* vem dos peixes dos rios.

Hoje em dia o povo *Akwê* não pratica mais a tingujada porque agora prefere preservar os rios para que possam ter mais peixes. Quando as tingujadas eram feitas no rio antigamente, muitos peixes morriam.

A nomeação feminina de *Krkodi* é um ritual muito animado e muito engraçado. Os anciãos escolhem alguns homens mais engraçados para imitar os macacos e eles andam de casa em casa na aldeia onde acontece a festa cultural fazendo essas imitações. No dia da nomeação de ritual *Krkodi*, muitas pessoas escondem as coisas da casa porque esse grupo de pessoas que estão imitando o macaco pode quebrar as coisas que estão na frente. Todos os homens participantes do ritual acabam por gritar, cantar, assobiar, pular, ou seja, ficam imitando o macaco mesmo. Esse é um ritual muito engraçado de um dos animais mais inteligentes da natureza. E sempre duas meninas são batizadas com esse nome de *Krkodi*. *Krkodi* significa macaco.

Segundo pesquisador Silvino Sirnãwê Xerente que fez o levantamento de alguns cânticos de nomes femininos, o nome *Brupahi* só pode ser dado para as meninas. Os homens participantes desse ritual se organizam e se pintam fora da aldeia, na mata. Á eles se enfeitam com o algodão colado no corpo com o pau de leite e ficam prontos para fazer essa cerimônia de batismo de nome indígena feminino. Os homens usam o talo de buriti e amarram o cabelo. Depois os homens andam em círculo fazendo barulho igual ao cântico de andorinha. Anda de casa em casa e os mensageiros sempre estão juntos andando na frente dos outros homens que estão fazendo o batismo de nome *Brupahi*.

Cada nome feminino tem seus cânticos próprios. Se uma menina *Akwê* receber o nome de *Brupahi*, os anciãos podem cantar o cântico de *Brupahi* durante o ritual de nomeação feminina:

[...]Brupahi, Brupahi, bătôprê, bătôprê, bătôprê, bătôprê sãmri.  
 Brupahi, Brupahi, bătôprê, bătôprê, bătôprê, bătôprê sãmri.  
 Brupahi, Brupahi, bătôprê, bătôprê, bătôprê, bătôprê sãmri.  
 Brupahi, Brupahi, bătôprê, bătôprê, bătôprê, bătôprê sãmri.  
 Brupahi, Brupahi, bătôprê, bătôprê, bătôprê, bătôprê sãmri.  
 Brupahi, Brupahi, bătôprê, bătôprê, bătôprê, bătôprê sãmri[...]  
 (Silvino Sirnãwê Xerente, pag. 54)

O pesquisador Valci Sinã fez o levantamento dos nomes femininos e masculinos pertencentes a cada um dos seis clãs.

Abaixo a relação dos nomes femininos que pertence aos clãs.

*Figura 23 - PIKÕI NĪSIZE – nomes femininos*

01	Aptudi = Abdu
02	Arbodi = Arbo
03	Asakredi = Asakre
04	Asatedi = Asate
05	Azâdi = Azâ
06	Brudi = Bru
07	Brunsîdi = Brunsî
08	Brupahi
09	Brutudi = Brudu
10	Duiti = Du, Wadu.
11	Hêsmrîkwadi = Hêsmrîkwa
12	Hirêki
13	Hmôdi
14	Kakkmêkudi = Kakkmêku
15	Kêti
16	Kêtwawê
17	Krattudi = Kratdu
18	Krawadi = Krawa
19	Krêdi = Krê
20	Krênkêdi = Krênkê
21	Krêtididi = Krêti
22	Krêttêrêdi = Krêttêrê, Krêrê
23	Krikpidi = Krikbi
24	Krkodi = Kkodi, Kro
25	Krtadi = Ktadi, Kda

26	Krtidi = Kditi, Kdi
27	Krtipre = Kdi
28	Krukwanē
29	Ktâkuptidi = Ktâkupti
30	Kubadi = Kuba
31	Kudi
32	Kukâdi = Kukâ
33	Kukawdi = Kukawi
34	Kukedi = Kuke
35	Kukrēdi = Kukrē
36	Kupârdi = Kupârī
37	Kupkrtâdi = Kupknâ
38	Kupredi = Kupre
39	Kuzadi = Kuza

40	Kuzêidi = Kuzê
41	Kwapredi = Kwapre

42	Mhōdi
43	Mrāītidi = Mrāīti
44	Mrōrtōdi = Mrōrnō
45	Nāmnādi = Nāmnā
46	Nēprerê = Nēpre
47	Pikumdi = Piku
48	Pirkodi = Piro
49	Pizadi = Piza
50	Popradi = Popra
51	Predi
52	Sdupudi = Sdupu
53	Sekwahidi = Sekwahi
54	Sibādi = Sibā
55	Sibakadi = Sibaka
56	Sidi
57	Sikadi = Sika
58	Sikuptidi = Sikupti, Siku
59	Sikwatkadi = Sikwata
60	Simnāītedi = Simnāīte
61	Sinōkrzakadi = Sinōkzaka
62	Sinōskēdi = Sinōse
63	Sipredi = Sipre
64	Sipriki = Sipri
65	Sirtudi = Sirdu
66	Skrāzasedi = Skrāzase
67	Smīkadi = Smīka
68	Smīkidi = Smīki
69	Ssuti = Ssu
70	Stukrāīpredi = Stukrāīpre, Stukrēpre
71	Tkadi
72	Tkazāpti
73	Tkidi
74	Tokidi = Toki
75	Tpēdi
76	Waikwadi = Waikwa
77	Waitidi = Waiti
78	Wakedi = Wake
79	Wakepre = Wake
80	Wakezaknē / Wake
81	Wakōdi = Wakō
82	Wakrārê

83	Wakrtadi = Wakda
84	Wakrtidi = Wakdi
85	Waretí = Ware
86	Warídi = Warĩ
87	Wasidi = Wasi
88	Wíkidi = Wĩki
89	Wredi = Wre
90	Zârêki = Zârê

O pesquisador Valci Sinã também fez o levantamento de nomes masculinos de cada clã do povo *Akwě Xerente*.

*Figura 24- WAHIRÊ SNĪ AMBĀ NŌRAI SISIZE - NOME MASCULINO DO CLÃ WAHIRÊ*

01	Ainãkre
02	Ainãsiwě
03	Ainãto
04	Amnñ
05	Azâwě = Aza
06	Dakmãnãrkwa
07	Krumsa=Kumsa
08	Kuiroměkwa
09	Kumnkawě
10	Kwatêpoměkwa = Kwatêpo
11	Mãkrãwěkõ
12	Mmĩrkopte = Mmĩro
13	Pikõiwaka
14	Prordo
15	Rkopê
16	Romkrã
17	Sahêmbaikõ
18	Saĩpisi
19	Saparzuze
20	Sapturê
21	Simnãwě
22	Simrãmĩ
23	Sipkuze
24	Siprã
25	Sitmõru
26	Sitomnñ
27	Siwêpisdu
28	Sizapi

29	Sizdazê
30	Skrawê
31	Smîrêzanê
32	Sôpre
33	Spîprã
34	Srêkbupre
35	Srêkrurmê
36	Srêmse
37	Srêpawê
38	Srêwakmôwê
39	Suzawre
40	Waïkarnãse
41	Waïkazdaite
42	Wairokrã
43	Wdêkruwê
44	Wakrêro

Segundo a pesquisa de Valci Sinã, a atribuição de nomes masculinos é organizada pelos anciões de cada clãs. A preparação de nominação masculina sempre acontece fora da aldeia, o ensaio de cantoria de nomeação é feito na mata, onde só os homens participam da cantoria.

“A atribuição de nome masculino é realizada já no final do ritual de nomeação de nomes. A maior parte da cantoria do ritual da nomeação masculino é cantado dentro do mato, os homens ficam acampados dentro da mata mais ou menos 5 dias. Os homens fazem o seu ensaio ainda na mata formam duas fileiras cada clã na sua metade, *Īsapdo/Īsiptu tdêkwai nôrĩ* e *Īsake tdêkwai nôrĩ*. O ritual ou cerimônia de nomeação de meninos é mais fora da aldeia, indicando que a atividade masculina é mais pra fora da aldeia, na caça, na pesca e nas roças. Por isso, os homens entram na mata e ficam acampados lá” (Valci Sinã., 2011: Pág: 18).

A nomeação masculina sempre acontece no centro da *aldeia*. O pai leva o seu filho ou filha juntamente com os anciões para ser batizado com nome escolhido por ele mesmo.

Figura 25- Batismo de nomeação masculina na Aldeia Salto Kripre no ano de (2021)



Fonte; Silvino Simnãwê Xerente (2021)

Para fazer a abertura da nomeação masculina tem que ter dois nomes de cada clã ou metade. Por exemplo:

*Srêmtôwê* ou *Waĩkainê* – *Īsaptô/Īsiptu tdêkwai nôrĩ* - metade do círculo

**Wazase** ou **Prase**, do *Īsake tdêkwai nôrĩ* – metade de listra.

A preparação de cânticos duram mais ou menos cinco dias e quando os anciões acharem que os participantes estão prontos para a nomeação, eles saem da mata e vão até o pátio juntos com os mensageiros (*dakmahakwa*). Os mensageiros são responsáveis por gritar os nomes a partir daqueles nomes do clã do pai do menino nominado. Os anciões anunciam o nome para o *dakmãhrákwa* que, com os seus acompanhantes, repetem o nome em voz alta e os grupos de *dazazêikwa*, que respondem e confirmam os nomes de batismo da nomeação masculina. Os *batizadores* da nomeação masculina são posicionados do lado onde o sol nasce, e o *dazêikwai nôrĩ* (confirmadores) ficam ao lado de onde o sol se põe (oeste). Em seguida todos os clãs podem dar os nomes aos seus filhos ou mudarem de nome de acordo com o estoque de nomes disponíveis no seu clã.

Segundo Valteir Tpêkru Xerent antes de começar a abertura de nomeação masculina, as últimas duas meninas de cada clã parceiro recebem o nome de *Waikwadi* e *Brupahi*.

O nome próprio *Waikwadi* vem dos rio e o nome *Brupahi* (andorinha) vem da natureza. O nome próprio vem dos animais, dos pássaros e dos peixes. Esses nomes são muito bonitos e muitos *Akwê* gostam muito desses nomes. Muitas jovens meninas *Akwê* gostam desses nomee bonitos.

Só depois dessas duas meninas receberem os nomes em *Akwẽ* é que se inicia a nomeação masculina.

[...]Para a introdução da festa de nomeação dos meninos costuma-se sair os nomes “Waikwadi” e “Brupahi”. O nome ‘Waikwadi’ vem do peixe “pacu” e ‘Brupahi’, do nome “andorinha”. Ambos os nomes, são “abertura” para todos os outros nomes[...] (Valteir Tpêkru Xerente, ano 2019, pg, 22).

Depois da finalização de nomeação masculina os anciãos comunicam os mensageiros para recolher todos os materiais usados no ritual de batismo *Akwẽ*: o bastão e colares feito de cipó. Esses materiais são jogados fora da aldeia para que ninguém possa pegar e ter acesso.

O *Dasîpê* (festa cultura) não termina com a nomeação masculina, pois a noite continua a cantoria ao som de maraca. E no outro dia pela manhã acontece a corrida de tora grande entre os grupos de corredores que pertencem aos grupos *Htâmhã* e *Stêromkwa*.

Segundo pesquisador Valci Sinã, os nomes masculinos são marcados por um sufixo - *mẽkwa*, para serem identificado como pessoas. Por exemplo: *Pizumẽkwa* – *Pizu* = *buriti* e *mẽkwa* é sufixo/marcador de pessoa. E alguns nomes masculinos em *Akwẽ* não têm sufixo.

Como pesquisador indígena *Akwẽ* quero compreender e entender porque que alguns nomes próprios do povo *Akwẽ* não tem sufixo como marcador. No povo Xerente a maioria dos nomes femininos são marcados por sufixo – *di*, porque *di* é um sufixo marcador de nome das pessoas. Mas alguns nomes femininos não têm sufixo. Futuramente quero me aprofundar mais no nome que tem sufixo e o nome que não tem sufixo no povo *Akwẽ Xerente*.

[...]A maioria dos nomes masculinos é marcada de um sufixo – *mẽkwa*, para identificar pessoa, como por exemplo: *Pizumẽkwa* – *Pizu* = *buriti* e *mẽkwa* é sufixo/marcador de pessoa. Já o nome feminino a maioria dos nomes é marcada por um sufixo – *di*, como por exemplo: *Wakõdi* – *Wakõ* = *quati* - *di* é um sufixo/marcador de pessoa. [...] (Valci Sinã 2011, pg. 14).

Na cultura do povo *Akwẽ Xerente* cada clã tem o seu conjunto de nomes próprios. Na regra dos anciãos não é permitido pegar os nomes de outros clãs. Para isso poder acontecer, os pais que quiserem batizar os seus filhos com os nomes de outros partidos, precisam sentar-se com os anciãos para dialogar e pedir para que o empréstimo do nome desejado seja autorizado.

### 3.1 - “No povo *Akwẽ* alguns nomes próprios femininos são específicos”

No dia 20 de fevereiro de 2025, eu entrevistei o professor Silvino Sirnãwẽ Xerente trabalho na Escola Estadual Indígena Waikarnãse. Ele mora na Aldeia do Salto no município de

Tocantínia/TO. A minha entrevista com o professor Silvino Sirnãwê Xerente foi sobre a nomeação feminina e alguns nomes femininos específicos. Eu fiz a entrevista com o pesquisador Silvino Sirnãwê Xerente as 10:30 da manhã na Escola Estadual Indígena Waĩkarnãse. A fala dele foi gravada com o celular e depois escrevi na língua portuguesa. E o Silvino Sirnãwê pertence ao clã *kbazi* que tem o círculo médio como pintura corporal específica.

O pesquisador Silvino Sirnãwê Xerente contou que gosta muito de participar da festa cultural juntamente com os anciãos (*wawê nõrĩ*). Ele contou que gosta muito de cantar e muito de pintura corporal. Ele falou que já tem muito conhecimento tradicional sobre o *Dasĩpê* (festa cultural).

O ritual de nomeação feminina sempre é realizado na festa cultural do povo *Akwẽ*. A fala do Sirnãwê é que o ritual de nomeação feminino se inicia no primeiro dia da festa cultural. A cantoria de nomeação feminina *Akwẽ* é realizada dentro da aldeia, e os participantes passam de casas em casa.

Figura 26- Silvino Sirnãwê Xerente



Foto: Davi Samuru, janeiro de 2025

O ritual de nomeação feminino acontece na parte da manhã e a tarde. Quem faz a cantoria de nomes femininos são os anciãos (*Wawê nõrĩ*) e os homens (*Ãmbâ nõrĩ*). Toda manhã, por volta das cinco e meia, um ancião começa a cantar no centro da *aldeia* chamando as pessoas que estão participando da festa cultural para se pintarem com o jenipapo e misturado com carvão de taboca.

E durante a festa cultural os anciãos pedem para as pessoas renovarem as pinturas corporais todos os dias. Todos os dias os anciãos chamam as pessoas os homens e as mulheres

e os jovens para o *Warã* ou Centro da *Aldeia* para se organizar e se preparar para começar a nomeação feminina de manhã cedo.

### 3.2 - *Krkodi* é ritual de nomeação feminina – *Bakrtõnĩsize*

Esse homem que está pulando na foto está imitando o macaco durante a cantoria de nomeação *krkodi*. Esse ritual *krkodi* faz muita alegria para as pessoas que estão participando da festa cultural.

Figura 27- Ritual de *Tpêdi* (Aldeia Recanto Krite – julho de 2007)



Fonte: Procambix, – julho de 2007

*Krkodi* é o nome significa macaco. *Krkodi* é um nome específico que as meninas (*tarê nõrĩ*) são batizadas durante a festa cultural. Quando os pais de duas meninas (*Tarê*) querem que elas recebam o nome de *Krkodi*, as duas meninas são pintadas com o jenipapo misturado com o carvão de taboca e são enfeitadas. Depois são levadas para o *Warã* para se apresentarem para os anciãos que comandam a festa cultural *Dasĩpê*.

Chegando no *Warã* as duas meninas acompanham os anciãos e os *ãmbã nõrĩ* (os homens e os jovens). Os mensageiros vão na frente guiando o caminho dos participantes. Eles vão em direção às casas e em fileira. Chegando na primeira casa, os homens fazem o círculo e começam a cantoria de nomeação *Krkodi*. Durante a cantoria alguns homens fazem a imitação igual macaco: eles gritam, pulam, coçam igual macaco, entram e mexem dentro de casa. Esse ritual

de nomeação *Krkodi* é muito engraçado e as pessoas que acompanham esse nomeação feminina ficam muito felizes e alegres. Os macacos pregos são muito engraçados e inteligentes.

E nessa hora as famílias que participam da festa cultural da nomeação feminina *Krkodi* já começam a se organizar e esconder os objetos dentro de suas casas para ninguém mexer. Os *Akwẽ* jovens que imitam os macacos podem pegar comida, farinha ou carne dentro das casas e carregar tudo para a mata ou para as casas deles. Eles imitam o macaco que é um bicho que vive na natureza.

A cantoria de nomeação feminina *Krkodi* é feita dentro da aldeia, de casa em casa. Esse ritual é muito importante para os anciãos *Akwẽ Xerente*, por isso eles incentivam os jovens *Akwẽ* a participar e se divertir na nominação do nome feminino *Krkodi*.

### **3.3 - *Waikwadi* é um nome feminino que significa peixe piranha**

Qualquer menina pode ter com esse nome *Waikwadi*. Esse nome feminino é dado no final do *Dasîpê*. Os homens (*ãmbâ*) chegam com a tora grande no centro da *Aldeia* e todos os homens cantam em círculo com as mãos dadas mostrando para as pessoas presentes que povo *Akwẽ* são unidos dentro da nossa cultura indígena.

As duas meninas são enfeitadas e pintadas pelas mulheres parceiras de clãs (*dasisdanãrkwa/wasiwaze*). Se a menina é filha do clã *Wahirê* ela é pintada pela mulher *Kuzâ tdêkwa*. Outra menina do clã *Kuzâ tdêkwa* é pintada pela mulher do clã *Wahirê*. As duas meninas sempre têm que ter a presença de mulheres de clãs parceiros na hora que estão sendo batizadas.

A mulher que pintou e colocou o algodão na menina recebe o pagamento pelo trabalho com uma bacia de carne moqueada com a farinha. Essa bacia é feita pelo tio da menina. Essa regra é repassada pelos anciãos. O pagamento é feito com a mulher do clã da metade que fez o trabalho.

No *Dasîpê* o nome *Waikwadi* só pode ser dado no final da festa cultural. É o único nome *Waikwadi* que é dado tendo a dança dos dois *Padi* no meio do círculo. Ou seja, no ritual de nomeação *Waikwadi* sempre tem que ter a dança de tamanduá bandeira.

No dia de nomeação feminina *Waikwadi* os anciãos pedem para os homens pescarem peixes para fazerem a comida típica (peixe assado e beijus feito com a massa de mandioca). Quando os homens pegam muito peixes, eles são distribuídos entre as famílias que estão participando da festa cultural.

### 3.4 – *Tpêdi* significa peixes

O ritual de nomeação feminina *Tpêdi* tem ligação com peixes que vem dos rios que passam dentro de território do povo *Akwê/Xerente*.

O Silvino Sirnãwê Xerente conta que o ritual de nomeação com o nome *Tpêdi* sempre é realizado no *Dasîpê*. O ritual do nome *Tpêdi* dura aproximadamente três dias. Para acontecer esse ritual, os anciãos - que são responsáveis do *Dasîpê* - pedem para os mensageiros tirarem as palhas de babaçu, taboca e o cipó na mata para os homens fazerem um para-peixes que simboliza o tingujada que era antigamente feita no rio. Nesse dia, duas meninas recebem o nome de *Tpêdi*.

Os anciãos que organizam a festa cultural escolhem um homem que possa representar o jacaré (*kuihâ*). O jacaré (*kuihâ*) é enfeitado com palha de pati (*wakro su*) que fica na porta do para – peixes. Quando os peixes cardumes passam perto o jacaré, ele pode pegar os peixes para se alimentar. Os homens que representam os cardumes de peixes ficam rodeando ou correndo em círculo na porta do para – peixes. Nesse ritual de nomeação feminina *Tpêdi* os homens usam também o arco e flecha para fazera assimulação de matar o jacaré (*kuihâ*).

Figura 28- Ritual de *Tpêdi*



In: Valci Sinã (2011) fonte: Procambix – Julho de 2007

No encerramento de ritual *Tpêdi*, os homens, as mulheres e as crianças ficam satisfeitos e alegres porque todo mundo brinca e sorri muito. Ao mesmo tempo, todas essas atividades valorizam a cultura do povo *Akwê Xerente*.

Antigamente o povo *Akwẽ* fazia muito a tinguijada. Os homens tiravam muito cipó de tingui na mata. Depois de tirar o cipó, eles levavam para na beira dos rios. Eles batiam o cipó com um pedaço de madeira pequena em cima da uma pedra para sair o leite de cipó. Esse leite ia para o rio e morriam muitos peixes, grandes ou pequenos. E mais na frente eles faziam um para – peixes onde os peixes caíam. Os pajés viam os espíritos e os donos peixes. Muitas vezes os pajés tinham que pedir ao dono dos peixes para liberar muitos peixes para caírem dentro do para – peixes.

Hoje em dia o povo *Akwẽ* não faz mais a tinguijada porque além de ser proibido por lei, também prejudica muito a natureza.

No dia da nomeação feminina *Tpêdi* tem que ter a comida tradicional do povo *Akwẽ*, como por exemplo, peixes assados e farinha para que todas as pessoas presentes possam saborear a alimentação tradicional.

Os *Akwẽ* sempre cuidaram do meio ambiente onde tem as florestas e os animais que sobrevivem na natureza. Para o povo *Xerente* a natureza é muito importante, onde os homens adquirem os alimentos e os frutos.

Segundo **Ercivaldo Damsökêkwa Calixto Xerente**, que também pesquisou a nomeação feminina, confirma que muitos nomes femininos se associam aos pássaros e animais que vivem no território indígena *Xerente*.

[...]Os cânticos se referem a alguns tipos de animais, dos quais derivam os nomes, que são associados aos clãs. Os nomes femininos podem ser associados aos pássaros, a alguns animais mamíferos ou aos peixes, por exemplo. Na nomeação da menina com o nome *Wakrtidi*, que significa seriema, os participantes realizam uma performance, com cantos gestos e danças imitando o ninho desta ave. Para os nomes *Wakôdi* e *Krkodi*, as cenas do ritual imitam o quati e o macaco. Quando a menina recebe o nome *Tpêdi* (peixe) os participantes realizam uma performance que lembra uma armadilha de pesca, o para-peixe ou *kâ zahbâ/pari* em língua *Akwẽ*. [...] (Ercivaldo, pág. 39, ano 2016).

Segundo **Rui Carlos Brurêwa Xerente**, que pesquisou sobre a nomeação feminina e masculina, a nomeação feminina sempre é realizada no primeiro dia da festa cultural do povo *Xerente* e a nomeação masculina e a corrida de tora grande são realizados no encerramento da festa cultural.

[...] Nas festas acontecem as nomeações masculinas e femininas, de acordo com as divisões clânicas, o que é muito importante para o respeito dos membros de um clã paracom os membros dos outros clãs. Portanto, a organização clânica do povo *Akwẽ/Xerente* é importantíssima. É o que contribui com a afirmação da cultura indígena, que os anciões prezam e querem transmitir para novas gerações, sobre os conhecimentos adquiridos também quando jovens. Então o conhecimento tradicional é repassado de

geração a geração, com algumas modificações, mas ainda muito forte. [...] (Rui Carlos, pag. 48, ano 2023).

Na festa cultural do povo Xerente, os anciões estão transmitindo ou passando os conhecimentos tradicionais para os jovens (*wapte*) para que eles possam conhecer melhor sobre o *Dasĩpê* e os rituais praticado durante essa festa cultural.

Na festa cultural, os anciões são considerados como professores porque são os conhecedores da nossa história. Todos esses conhecimentos está guardado na memória dos nossos *wawẽ nõrĩ* (os mais velhos).

## Capítulo 4- O ritual de Padi - tamanduá bandeira e a corrida de toras

Segundo o pesquisador Alexandre Chaparzane Xerente, o tamanduá-bandeira (*padi*) para os *Akwẽ/Xerente* tem as suas listas de simbologia da chuva na sua costa (Patsiwaikrãmi). Quando a chuva cai e tira esse sinal é que vai ter muita chuva forte com raios e trovões. Os *Akwẽ/Xerente* pintam as crianças com essa pintura simbolizando o *Padi* com as pinturas corporais.

Figura 29- Ritual do Padi Tamanduá na Aldeia Salto Kripre



Fonte: Silvino Sirnãwẽ Xerente (2021)

Também a festa tradicional do *Dasĩpê* é finalizada com apresentação da dança do *Padi*.

Os dois *Padi* acompanham o final da doação do último nome feminino até o pátio central da *Aldeia*, assustando crianças e brincando com todos da comunidade presente na festa cultural do povo *Akwẽ*. Desde tempos antigos, geralmente no verão (tempo seco), realizamos uma grande festa cultural acompanhada de cantoria, as danças, incluindo vários rituais, sendo o mais importante à nomeação feminina e masculina.

No final da festa cultural os indígenas do povo *Akwẽ* sempre parece os dois *Padi* para participar das danças da chegada da tora grande no centro da *Aldeia*. Na chegada da tora grande todos os homens fazem o círculo e nesse momento é que os dois *Padi* participam das danças

junto com os homens corredores. As crianças até por volta de quatro anos são pintadas com a pintura corporais de *Padi* (tamanduá bandeira), pintura de *Krawa* (paca), a pintura de *Huku* (onças).

O *Padi* tem uma ligação com o universo a partir dessa relação com a chuva. E os *Akwê/Xerente* gostam muito de sua carne. Hoje em dia os mais jovens não comem a sua carne e nem o matam.

Alexandre Chaparzanê conta a narrativa de como surgiu o tamanduá-bandeira. Certa mulher chamou o seu neto: - *Krêbdu* (rapaz em torno de 10 anos) - Venha comigo. Vamos buscar pedaços de cupinzeiro para servir de braseiro para fazer moqueado. – Sim - respondeu o menino, o seu neto. Então ela o levou daí, chegando ao lugar próprio, ela começou a quebrar pedaços do cupinzeiro. Então ela começou a comer os cupins. Comeu com voracidade. Comeu, comeu, por muito tempo. Mas, o seu neto, cansado de esperar, chamava: - Minha avó vamos embora. E ela respondia: - Vai embora você, eu ainda estou me alimentando.

Outra narrativa recolhida pelo pastor Rinaldo Matos e gentilmente cedida para minha pesquisa diz assim: - Minha avó, vamos embora. Aí entardeceu. E ele continuava a chamar: Minha avó, vamos embora aí ela começou a cantar: “Tewrê za amõ aimõrĩ. Adu wat krĩsairê” (Vá embora você, eu ainda estou comendo) Com isso, entardeceu mesmo e o menino foi embora.

No outro dia, de manhã cedo, o pessoal da aldeia foi atrás. Eles haviam perguntado ao menino e ele contou que tinha deixado a sua avó lá no cupinzeiro. Assim, de manhã cedo, eles foram atrás. Então eles viram o rasto no chão. Viram o rasto no lugar onde a mulher estava quebrando os pedaços do cupinzeiro e onde ela estava comendo cupim. Perceberam que o rasto dela era diferente. Então foi atrás, rastreando, e descobriram que ela estava dormindo num capão de mato. Então a enxergaram. Ela havia se transformado em tamanduá-bandeira. Daí eles o mataram e o levaram para a Aldeia. Contam que ela não tinha ainda acabado de se transformar direito. Que ainda tinha pele de gente em algumas partes do corpo. Que o seu pescoço era como pescoço de gente. Por isso, dizem, o tamanduá-bandeira tem pelos curtos no pescoço; por isso ele tem duas listas em frente o peito, parecendo a pintura do índio. Assim mesmo eles o levaram para a *Aldeia*. Mas o sangue dele (deixado na mata) agora se tornou em tamanduá-bandeira.

De acordo com as entrevistas com os caçadores *Akwê/Xerente*, no território *Xerente*, o *Padi*, para nós, antes da sua transformação no animal tamanduá-bandeira (*Padi*), vimos que ela era uma anciã.

Esta é a história do tamanduá-bandeira. Para os *Akwẽ/Xerente* e os anciões todos que vivem aqui na Terra eram gentes. Depois é que veio a transformação, como apresentada na história do *Padi*.

E os *Xerente* ainda se alimentam da sua carne, e tudo está ligado ao conhecimento tradicional. Também tem a gordura, que é muito boa como anti-inflamatório. Antigamente os *Akwẽ/Xerente* consumiam bastante a carne do *Padi*, mas hoje os jovens não comem mais a sua carne, e diminuiu bastante a população de tamanduá-bandeira, mas ainda existe. Às vezes, não mata mais. Por isso ainda existem no território *Akwẽ/Xerente*. O tamanduá-bandeira para os *Akwẽ/Xerente* têm a simbologia importantíssima na sua cultura e na ligação com o universo, contribuindo com o conhecimento tradicional do povo *Akwẽ/Xerente*.

#### **4.1 - Kuĩwdê waskuze – a origem de tora de buriti do Povo Akwẽ**

No dia 05 de janeiro de 2025, eu entrevistei o pesquisador o professor Afonso *Tikwa* Xerente, que trabalha no CEMIX *Warã* e mora na Aldeia Salto no município de Tocantínia/TO. A minha entrevista com o professor Afonso *Tiikwa* Xerente foi na casa dele às 10:00 da manhã. Conversamos sobre a origem ou surgimento de tora de buriti no povo *Akwẽ* Xerente. *Tiikwa* faz parte do clã *Kbazi* que se pinta com círculo.

Ele contou a seguinte narrativa. Um dia um indígena *Akwẽ* saiu para caçar no mato para matar alguns animais para comer com a sua família. Chegando no mato esse rapaz avistou um buraco de tatu canastra. Chegando no buraco esse *Akwẽ* averiguou se ali tinha tatu canastra mesmo. O *Akwẽ* decidiu entrar nesse buraco para encontrar com o tatu canastra. Chegando mais no fundo do buraco, o indígena *Akwẽ* decidiu voltar, mas na verdade o tatu canastra tinha se escondido.

Quando o indígena *Akwẽ* estava voltando o tatu canastra apareceu na frente do indígena *Akwẽ* tomando a saída dele. E, então, o tatu canastra falou para ele: - Vamos voltar e seguir em frente. Mas na frente eles chegaram no brejo onde estava um pé de buriti, E no pé de buriti tinha uma cobra sucuri grande. Muitas caças passavam ali debaixo do pé de buriti. E nessa hora tinha passado muitos caititus correndo da sucuri. Nessa época os animais falavam igual as pessoas humanas. O indígena *Akwẽ* estava em cima do pé de buriti e ele ficou no máximo dois ou três dias por ali. Quando viu a caititu passando correndo, o indígena *Akwẽ* gritou para os caititus: - Eu quero descer! E um caititu respondeu para ele: - Você tem que pular no seco. Se você cair no brejo a sucuri pode pegar você.

O indígena *Akwẽ* pulou no seco e seguiu o caminho em uma estrada que ia de novo para casa do tatu canastra. Na casa do tatu canastra tinha muitos tatus. O *indígena Akwẽ* passou um ano na casa do tatu canastra. A casa do tatu canastra ficava numa aldeia que e tinha muita gente do povo do tatu morando nesse local.

Figura 30- Afonso Tiikwa Xerente



Foto: Davi Samuru, fevereiro 2025

Quando esse indígena chegou nessa aldeia estava acontecendo a festa cultural. Esse *Akwẽ* presenciou a festa cultural. O tatu canastra ensinou todos os rituais que estava acontecendo na festa cultural para indígena *Akwẽ*. E nessa festa cultural ele viu a corrida de tora de buriti. Eles corriam com a tora inteira que era carregada por dois tatu0canastra. E nesse tempo que o *indígena Akwẽ* ficou na casa do tatu canastra que ensinou para ele todas as regras sobre a corrida de tora de buriti. Um dia, o *indígena Akwẽ* pediu para o tatu canastra para acompanhar a corrida de tora de buriti, e o tatu canastra respondeu: - Sim, você pode ir para você ver como que é a corrida de tora de buriti.

O tatu canastra pediu para o *Akwẽ* não correr com a tora de buriti. O *Akwẽ* não ouviu, ou não obedeceu ao conselho do tatu canastra. Durante a corrida de tora de buriti o *Akwẽ* entrou para carregar a tora de buriti. Ele colocou a tora de buriti no ombro e não correu nem cinco metros e a tora caiu no chão. Quando a tora de buriti caiu no chão, quebrou em dois pedaços. Se a tora de buriti não tivesse caído no chão, o povo *Akwẽ* corria com o pé de buriti inteiro. Mas

como um Akwê deixou cair, hoje em dia os homens correm com a tora de buriti que é cortada em pedaços. Muitos *wapte* correm com a tora pequena e tora grande. Quando o indígena *Akwê* voltou para sua *Aldeia* ele ensinou tudo que ele aprendeu sobre o ritual da corrida de tora de buriti e, também, sobre pintura corporal. Quando ele chegou na aldeia ele chamou toda a comunidade para repassar o conhecimento adquirido para o seu povo *Akwê*. Assim é contado o surgimento da tora de buriti pelos anciãos.

O povo *Akwê* tem ainda as pinturas que enfeitam a tora grande com os padrões das equipes *Htâmhã* e *Steromkwa*. O ritual de tora grande é feito depois da nomeação masculina no encerramento do *Dasîpê* (festa cultural). A corrida de tora de buriti sempre fez parte da festa cultural. Sem o ritual de corridas de tora não pode ser realizado o *Dasîpê*.

A história do nosso povo é muito linda e é contado pelos nossos anciãos. Como pesquisador indígena *Akwê*, aprendi muitas coisas sobre o surgimento ou origem de tora de buriti, de onde vieram as divisões dos clãs, como os clãs organizam nossa sociedade e a importância de toda essa cultura para manter o respeito entre nós indígenas *Akwê Xerente*.

O pesquisador Afonso Tikwa Xerente contou que antigamente também tinha a corrida de tora grande das mulheres. Era igual a corrida dos homens na atualidade: tinha dois partidos esportivos, *Htâmhã* e *Stêromkwa* e as toras eram preparadas pelos mensageiros na festa cultural do povo *Akwê Xerente*. No ano de 2023 do mês de julho aconteceu a festa cultural do povo *Xerente* na região Brejo Comprido na Aldeia Morrão. Lá os anciãos *Akwê* resgataram a história de quando aconteceu a corrida de tora grande das mulheres.

Segundo Rui Carlos Brurêwa Xerente, que também pesquisou sobre a corrida de tora grande, na festa cultural os mensageiros sempre cortam um pé de buriti para eles preparem a tora grande para os homens dos partidos *Htâmhã* e *Stêromkwa*. Depois disso, os corredores correm com as toras grandes que são carregados por dois homens durante toda a corrida. Os homens sempre vão se reveesando até que chegam na aldeia. Quem chega primeiro com a tora grande no *warã* é considerado vencedor. No final, os dois partidos comemoram juntos a participação desse ritual tão importante que encerra a festa do *Dasîpê*.

[...]A corrida de tora grande *Īsitro* que é um tronco de buriti, sempre constitui o encerramento da festa. Na grande festa, as toras que devem ter o mesmo tamanho e peso são preparadas com muito cuidado na véspera pelo mensageiro e são pintados de modo diferente para os dois grupos *Htâmhã* e *Stêromkwa*. De manhã bem cedinho os homens divididos em dois grupos, cantam no pátio e se dirigem ao mato onde estão as toras. [...] (Rui Carlos, pág. 50, ano 2023).

Antes da corrida de tora grande, logo pela manhã os anciãos convidam todos os homens dos partidos *Htâmhã* e o *Stêromkwa* para o centro da aldeia para que eles possam ser pintados por representantes dos clãs parceiros (*Sisdanãrkwa/Siwaze*). Depois dos homens se pintarem, eles se dividem em dois grupos e saem em direção do local onde as duas toras grandes foram colocadas pelos mensageiros. Chegado no local os homens já se posicionam para levar as toras de buriti para aldeia onde as plateias aguardam a chegada das equipes carregando a tora grande. Assim que acontece o encerrado da festa cultural do povo *Xerente*.

#### 4.2 - Tora Pequena - *kuĩwdê ktõrê/krtõrê*

A corrida de tora pequena também faz parte da cultura do povo *Akwẽ* e da festa *Dasîpê*. Os dois mensageiros vão no brejo todos os dias da festa cultural para cortar o pé de buriti, para tirar dois pedaços de tora de buriti pequena para os homens e mulheres correrem. A preparação de tora pequena é responsabilidade dos mensageiros que fazem parte da organização da festa cultural do povo *Akwẽ*.

Figura 31- Corrida de tora pequena



Fonte - desconhecida - grupo de whatsapp comunidade Akwẽ In: SIRNÃWÊ (2015)

A corrida de tora pequena é feita todos os dias de manhã e à tarde. Na chegada da tora pequena todo os homens e mulheres comemoram a chegada dos corredores no centro da *aldeia*. Todos os homens fazem o círculo em volta de tora pequena para fazer as danças de comemoração por conta da corrida da tora de buriti.

A tora pequena sempre é colocada fora da aldeia a uma distância aproximada de 150 metros. Os corredores mais jovens, os *Wapte mnõrĩ* (os jovens *Xerente*) chegam no local onde

as duas toras pequenas foram colocadas pelos mensageiros. Os jovens Xerente formam dois grupos para que eles possam correr até o pátio da aldeia onde está acontecendo o *Dasîpê* do povo *Akwê*. Quem chegar primeiro é *considerado* o time vencedor. E no pátio da aldeia, a comunidade local fica aguardando para comemorar a chegada dos corredores.

O peso de tora pequena de buriti das meninas é bem menor do que dos meninos. Elas pesam entre 30 e 40 quilos. As masculinas são bem mais pesadas, entre de 80 a 110 quilos. A competição de tora de buriti pequena sempre acontece durante a festa cultural *Dasîpê*.

O papel das mulheres é muito importante no *Dasîpê*. As mulheres são responsáveis pela preparação da comida típica, participam das cantorias, das corridas de toa pequenas e são especialistas nas pinturas corporais.

#### 4.3 - *Htâmhã kâtô* e *Stêromkwa* (dois partidos)

Na organização da corrida de tora grande - chamada em nossa língua de *îsitro* -, é muito importante entender a presença de dois partidos esportivos: *Htâmhã* e *Stêromkwa*. Na organização do povo *Akwê*, o partido *Htâmhã* acolhe os filhos mais velhos de um homem que tem mais de dois filhos homens e o partido *Stêromkwa* acolhe os filhos mais novos.

Há ainda outra divisão de grupos *Akwê* na organização da corrida de tora grande, que chamamos de associação. Essas associações chamam *Krêrêkmô* e *Akemiahã* e fazem parte do partido *Htâmhã*. E também têm ainda outras duas associações que fazem parte do partido *Stêromkwa*, *Krara* e *Anãrowa*.

A tora de buriti grande é preparada pelos mensageiros. Silvino Sirnãwê Xerente (2022) fez sua etnografia sobre a organização social, as crenças, os rituais e território *Akwê*.

Segundo ele, hoje em dia os *wapte* estão deixando a prática das festas tradicionais do povo *Akwê*. Os jovens *Akwê* estão cada vez mais envolvidos na cultura dos não indígenas. Isso tem feito com que entrem costumes muito ruins nas *aldeias*. Por isso, os *wawê* (anciãos) sempre estão incentivando os jovens para não deixar de valorizar a identidade e as festas tradicionais do povo *Akwê*.

[...]A festa *dasîpê* acontece no povo *Akwê* a cada dois a três anos. Os anciãos contam que antes durava de um mês a três meses e agora, no século XXI, está acontecendo de dois a três anos mais menos e durando de 15 a 30 dias. Ela acontece para poder nomear (batizar) as *tarê nôrî* (meninas) e os *turê nôrî* (meninos)[...] (Silvino, pág. 22, ano 2022).

Segundo Silvino Sirnãwê Xerente, no final do *Dasîpê* são realizados os rituais de nomeação masculina e a corrida de tora grande. Nesse momento final também acontece o ritual

do *Padi* (tamanduá). Somente nesse final do *Dasîpê* que todas os meninos até cinco anos são batizados. Antes de acontecer a nomeação masculina, os mensageiros vão à mata escolher o local para fazer a limpeza, onde os anciãos fazem o ensaio de cantoria em círculo. Todos os homens e os jovens participam da cantoria. A nomeação masculina acontece na parte da tarde, aproximadamente entre 2 e 3 horas. Os homens fazem duas fileiras para irem em direção ao *warã*. Lá dois homens e duas mulheres de clãs diferentes estão posicionados para fazer o grito de nomeação masculina.

[...] Na final da festa dasîpê, são batizados os meninos. Todos os meninos que foram levados na festa *dasîpê* pelos pais são batizados pelas pessoas que foram escolhidos naquele dia para batizar os meninos (*turê nôri*) [...] (Silvino, pag. 65, ano 2022)

Nesse dia todos os pais apresentam os nomes dos seus filhos para o ancião de cada clã para ser batizado no centro da aldeia pelos anciãos que são muito valorizados e respeitado entre o povo *Akwê*. Na festa cultural são os *wawê* (anciãos) que comandam todas as atividades porque são eles que conhecem a tradição dos *Akwê Xerente*. Por isso, a participação das comunidades, principalmente dos jovens, é muito importante para que possam adquirir o conhecimento tradicional repassado pelo *wawê*.

Figura 32- Preparação de Tora grande na Aldeia Traira



Fonte: Levi Srêzasu Xerente (2023)

Os anciãos escolhem dois pajés para passar a noite ao lado de tora grande. Nesse dia, o papel dos pajés é muito importante porque eles são responsáveis pela proteção das toras contra o espírito do mal. Só os pajés podem ver esses espíritos. Por isso, eles passam a noite no local em que a *Îsitro* (tora grande) foi deixada depois de sua preparação para garantir a segurança. É

uma tradição do povo *Akwê* que é passada dos nossos *wawê* para *wapte* que serão a futura geração do povo *Akwê*.

Todas as regras são repassadas antes da corrida de tora grande para os homens casados: eles não pode dormir com suas esposas e devem passar a noite com todos os demais corredores no pátio central da aldeia (*warã*) porque isso vai garantir que eles terão muita resistência durante a corrida. E essa disputa é sempre muito acirrada pelos membros dos partidos entre *Htâmhã* e *Stêromkwa*.

A corrida de tora grande de buriti acontece no final do *Dasîpê*, ou seja, no último dia da festa. Após a chegada das toras grandes os homens formam um círculo, cantam e dançam no centro da *aldeia*. Depois vem o discurso de um ancião que determina o final da grande festa cultural.

#### 4.4 - Kuĩwdê nĩtro – Corrida de tora grande

O pesquisador Valci Sinã estudou as associações *Akwê* com os anciões do povo *Akwê*. Nós temos quatro associações (chamadas *Dakrsu*) que são: *Krara*, *Anãrowa*, *Krêrêkmõ*, *Akemhã*. Também chamamos os dois partidos de tora grande - *Htâmhã* e *Stêromkwa* – de associações ou *Dakrsu*.

Essas associações também organizam o batizado de nomeação das *Tarê* (menina):

[...]As associações- *Dakrsu/Daksu* são mais uma das organizações na cultura *Akwê* Xerente, conhecidos por nomes de *Krara* e *Anãrowa*, *Krêrêkmõ* e *Akemhã*. Assim como temos a organização na corrida de tora grande – *ĩsitro* que são dos dois partidos: *Htâmhã* e *Stêromkwa*. *Htâmhã* acolhem os filhos mais velhos – *dazdekba nõrĩ* e o *Stêromkwa* acolhem os filhos mais novos – *dapnãĩ nõrĩ*. *Krara* e *Anãrowa* são associações que acolhem os filhos mais velhos. *Krêrêkmõ* e *Akemhã*, por sua vez, são associações que acolhem os filhos mais novos.

Dessa qualquer forma, o *Dakrsu/Daksu* e os partidos de tora grande – *ĩsitro*, estão ligados uns com os outros, pois ambos são semelhantes na organização. A diferença que há entre *Dakrsu* e os partidos de tora grande (*Htâmhã* e *Stêromkwa*) são apenas na nomeação das meninas, pois, a organização das associações – *Dakrsu/Daksu* está relacionada com os batismos de nomeação feminina. Como, por exemplo, o *Krara* e o *Anãrowa* que são responsáveis por realizar ambos rituais de nomes: batizam à noite, de uma vez só, sem ensaio, ou seja, não há preparação, neste caso a realização de rituais de nomes, principalmente da cantoria e da dança. [...] (Valci Sinã, 2011 pg. 16).

No final do *Dasîpê* acontece a corrida de tora grande entre os homens. A tora grande (*ĩsitro*) é feita com dois pedaços do tronco de buriti que devem ter o mesmo tamanho e o mesmo

peso. E essas duas toras devem ser são preparadas com muito cuidado pelos mensageiros e são pintadas de modo diferente para diferenciar os dois partidos ou grupos: *Htâmhã* e *Stêromkwa*.

Antes de acontecer a corrida de tora grande, os homens que vão correr se pintam usando o jenipapo e carvão de taboca: os corredores do grupo *Htâmhã* usam a pintura do jaboti e os corredores do grupo *Stêromkwa* usam a pintura da sucuri. Com essas pinturas os dois grupos são identificados também como outros tipos de partidos diferentes dos partidos clânicos.

De manhã, bem cedinho, os homens guerreiros se dividem em dois grupos, cantam no pátio e se dirigem para o mato onde estão as toras. No sinal dado por um ancião, dois corredores de cada grupo pega uma das toras e saem correndo em direção à aldeia. Os restantes dos corredores correm juntos com seus partidos e vão revezando no carregando da tora grande de dois em dois. Quem chegar primeiro no pátio é o grupo vencedor.

O povo *Akwê* ainda pratica a corrida de toras de buriti com muita força. Toda a corrida de tora grande possui muitos ritos. Por exemplo, os corredores devem sempre estar pintados com a pintura específica (forma do jabuti ou da sucuri) de cada um dos dois grupos *Htâmhã* e *Stêromkwa* e essas pinturas específicas também devem estar presentes nas duas toras grandes. No final da corrida os homens, as mulheres e as crianças cantam em volta do pátio da aldeia e das toras grandes.

Figura 33- Tora grande na Aldeia Traíra (Foto: Levi Srêzasu Xerente 2023)



Por isso os anciãos incentivam os jovens *Xerente* a participar das corridas de tora grande porque é mais uma maneira de valorizarmos as tradições do nosso povo *Akwê*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pesquisador acadêmico Akwẽ consegui aprofundar o conhecimento etnográfico e etnológico sobre muitos aspectos da nossa cultura ancestral. Antigamente, o *Dasĩpê* durava por volta de três meses, o que quer dizer que naqueles tempos os Xerente não tinham muita pressa em terminar a festa. Naquela época o povo *Xerente* tinha muita fartura de caça e peixe em nosso território.

Na festa cultural do povo *Akwẽ* era fornecida bastante quantidade de carne de caça e muitos peixes. Os anciãos sempre escolhiam homens para caçar e pescar durante a festa cultural. Quando os homens caçadores chegavam na *aldeia*, a carne de caça e peixes eram distribuídas entre as famílias que estavam participando da festa cultural do povo *Xerente*. Quando os homens chegavam, os anciãos pediam para os mensageiros fazerem fogueira para moquear a carne de caça e a comiam com a farinha. Nesse tempo os *Akwẽ* se alimentavam somente de comida tradicional, que era muito saborosa e sadia. Por isso, antigamente nosso povo era muito mais sadio do que hoje em dia. Os *Akwẽ* viviam sem tanta doença porque todos se alimentavam de comida natural e eram muito fortes.

Hoje em dia, o *Dasĩpê* tem a duração de dez a quinze dias. Quase que não tem mais caça e peixes no território *Xerente* por causa da construção de usinas no Rio Tocantins e da invasão de caçadores e pescadores não indígenas em nosso território. Essas barragens acabaram com os peixes e as vazantes na beira do rio Tocantins onde nós *Akwẽ* plantávamos melancia, feijão, milho, mandioca, banana. Essas vazantes eram muito importantes para o povo Xerente porque dali os *Akwẽ* tiravam muita variedade de alimentos para suas famílias.

Mesmo com essas dificuldades, os anciãos ainda conseguem nos ensinar muito dos conhecimentos tradicionais dos *Akwẽ*, como acontece na festa cultural *Dasĩpê* com os rituais de nomeação feminina e masculina, de corrida de tora e do Padi.

Nós *Akwẽ*, temos que valorizar o *Dasĩpê* e praticar os rituais que são ensinados nele. Nessas ocasiões, os anciãos repassam o ensinamento dos saberes tradicionais para os *Wapte Xerente*, para que possam adquirir o conhecimento sobre a organização social e cultural *Akwẽ*.

Entre as principais coisas que aprendi nessa pesquisa é que quando os anciãos percebem que já tem um número suficiente das crianças para receberem os nomes masculinos e femininos, eles se reúnem para decidir em qual lugar e data vão ser realizada a festa cultural *Dasĩpê*.

Assim, o *Dasĩpê* é momento de oportunidade de aprendizagem sobre a nomeação feminina e masculina, da história do povo *Xerente* e outros costumes tradicionais. No *Dasĩpê*

os participantes observam como funciona na prática o sistema clânico, as diferentes identidades de cada clã, a importância dos clãs parceiros (o *sisdanãrkwa*), o modo como cada clã se pinta e a importância dessas pinturas para a organização do casamento e da corrida de tora grande.

Aprendi também que a nomeação feminina sempre acontece no *Dasîpê*. O ritual de nomeação feminina acontece na parte da manhã e começa às 7 horas da manhã vai no máximo até às 10 horas da manhã, quando o sol já começa esquentar. Nessa hora, os anciãos decidem parar o ritual para continuar na parte da tarde. Às 15 horas, os anciãos recomeçam os rituais de nomeação feminina. Os pais levam a seus filhos e filhas para o centro da aldeia para apresentar para os anciãos.

Depois de apresentar para os anciãos, já se começa a fazer as fileiras das crianças que receberão os nomes indígenas. Antes da menina receber o seu nome, a esposa do tio de amarração dela faz a sua pintura corporal clânica. Depois o tio acompanha a menina durante a cantoria de nomes junto com os anciãos. Eles cantam em círculos em cada casa e na terceira casa, o tio tira a menina do círculo porque nesse momento ela já foi batizada com o nome indígena *Akwẽ*. Se a menina do clã *Wahirê tdêkwa* recebe o nome ela pode ser pintada pela pessoas do clã *Kuzâ tdêkwa*. Se a menina do clã *Kuzâ tdêkwa* recebe o nome indígena, quem pode pintá-la é a mulher do clã *Wahirê*. Isso acontece porque eles são os clãs parceiros. Dentro da organização social do povo *Akwẽ* os clãs parceiros são muito importantes. No final do batismo da menina, o tio de amarração prepara a comida típica para fazer o pagamento para uma mulher que fez a pintura corporal na menina. Esses pagamentos são feitos entre pessoas pertencentes aos clãs parceiros.

O jenipapo é uma planta nativa e os homens vão na mata para tirar o seu fruto que é ralado e, em seguida, colocado numa vasilha. O pau de leite também é retirado da mata e é misturado com o carvão. Depois, os homens usam essas misturas para fazer a pintura corporal. Isso mostra a importância na natureza para o povo *Akwẽ*. Ela é usada não só para coletar material para as pinturas corporais, mas também é o lugar onde fazemos a roça de toco e onde plantamos vários tipos de alimentos para sustentar nossas famílias. (mandioca, milho, feijão, batata doce e etc.).

No encerramento da festa cultural acontece o ritual de nomeação masculina. Antes acontecer a nomeação masculina os anciãos pedem para os mensageiros para fazerem a limpeza na mata, fora da *aldeia*, onde os anciãos e os homens vão ensaiar as cantorias de nomeação masculina. E nessa mata onde foi feita a limpeza os homens ficam durante cinco dias ensaiando a cantoria de nomeação masculina (*Turê/Kwatbremi*). O ensaio de cantoria é feito em círculo, indo para frente e para traz. Todos os homens usam um bastão que é retirado da natureza. No

ensaio de cantoria de nomeação masculina são os anciãos que também comandam a organização de cantoria nos dias de ensaio. Antes de sair para o centro da *Aldeia*, os anciãos pedem para os homens fazerem as fileiras de cada clã parceiro do povo *Xerente*. Depois dos homens fazerem as fileiras de cada clã, os anciãos pedem para os participantes de cada clã parceiro se pintarem antes de saírem para o centro da *Aldeia*. E em seguida os anciãos pedem para os homens fazerem duas fileiras em direção para o centro da *Aldeia* e os homens vão em fileira até chegar no centro da aldeia onde os demais participantes estão aguardando para verem a nomeação masculina.

Chegando no centro da *aldeia* os homens fazem o cruzamento das fileiras três vezes e eles não podem tocar no bastão do outro. Os anciãos avisam antes dessa parte do ritual que se os bastões se tocarem poderá acontecer uma tragédia com os dois homens em algum momento da vida deles. E nesse dia são batizados só as crianças do sexo masculino: cada pai apresenta o seu filho para o ancião e o ancião leva a criança para os nomeadores que gritam o nome indígena da criança escolhido pelo seu pai.

Depois de finalizado o ritual de nomeação masculina, dois participantes enfeitados de tamanduá-bandeira aparecem da mata para o centro da *aldeia* onde eles brincam com as pessoas que está participando do *Dasîpê* do povo *Xerente*. Quando os dois tamanduás-bandeiras (*Padi*) entram no círculo onde os homens estão cantando, eles ficam ali dançando também. Na hora que os dois *Padi* saem do círculo, eles vão ganhar bacias de carne moqueada com a farinha. Suas esposas aguardam para pegar as bacias de comida para levar para suas casas. Essas regras são orientações dadas pelos anciãos que contam a história do *Padi* para os jovens *Wapte*.

Ante de fazer o encerramento da festa cultural os anciãos pedem para os mensageiros tirarem uma tora de buriti na mata. Eles cortam em dois pedaços compridos e começam preparar neles a pintura dos dois partidos *Htâmhã* e *Stêromkwa* antes de levar para o local onde vai começar a corrida de tora grande. Os filhos mais velhos são pintados com o desenho do partido *Htâmhã* e os filhos mais novos são pintados com o desenho do partido *Stêromkwa* com o jenipapo e carvão de taboca. Os anciãos chamam os homens para o círculo para que eles possam cantar antes de buscar a tora grande. Cada tora grande é carregada por dois pessoas durante toda a corrida e os corredores vão se revezando durante a corrida até chegar no centro da aldeia.

Os anciãos contam que antigamente, antes da corrida de tora grande, os homens dormiam no *Warã*, separados das mulheres. Se os homens não cumprissem essa regra, eles poderiam prejudicar o grupo de corrida deles. Os anciãos sempre falam que é muito perigoso porque quando a tora grande cai no chão, porque pode machucar os corredores.

A corrida de tora pequena e tora grande faz parte da história do povo Akwê *Xerente*.

O povo *Xerente* sempre fez a preservação da natureza no território Xerente/Funil onde os *Akwẽ* caçam para alimentar as suas famílias. Antigamente, quando um caçador *Akwẽ* matava um animal grande, por exemplo, a anta ou o veado, a carne deles era distribuída entre as famílias que mora na mesma aldeia do caçador. Ainda hoje acontece a distribuição de carne de caça entre as famílias.

Essas foram as principais coisas que aprendi estudando a festa cultural *Dasîpê*.

Os anciãos são os conhecedores da nossa história e guardam em suas memórias os conhecimentos tradicionais. Os *Wawẽ* sempre estão preocupados com a manutenção dos costumes, língua materna e tradições culturais.

A cultura e a arte do povo *Akwẽ* estão sempre presentes nos eventos culturais do nosso povo. Os nossos *wawẽ* sempre estão preocupados em valorizar a nossa cultura, costumes, língua materna e as tradições culturais.

Ainda nos dias de hoje a nossa cultura, cânticos e danças ainda estão muito vivas em meio do povo *Akwẽ*.

E isso se deve ao fato de que nossa tradição cultural é passada pelos anciãos aos jovens. Ou seja, o papel dos mais velhos é sempre o de cultivar a nossa memória e a nossa história para deixar viva a cultura do povo *Akwẽ*.

Através dessa pesquisa consegui compreender bem melhor como os anciões (*wawẽ*) estão preocupados em manter os ensinamentos ancestrais da nossa cultura e valorizar esses ensinamentos para serem repassados ao jovem *Akwẽ*.

Aprendi que todos os clãs têm a sua forma própria de contar a história do povo *Akwẽ* e passar o conhecimento tradicional para os jovens dos seus clãs.

As crianças (*Aikrde/Aikde*) e os jovens são educados com os instrumentos e espaços pedagógicos tradicionais que estão intimamente ligados a forma de organização da sociedade *Akwẽ*. Além de educação familiar tradicional do povo *Akwẽ*, as gerações de crianças e jovens passam também por um processo de educação formal nas escolas que ajuda nosso povo a entender melhor o mundo dos não indígenas.

Nessa pesquisa sobre o *Dasîpê* do povo *Akwẽ* percebi também que, embora ainda existam as memórias sobre estas práticas tradicionais, em algumas ocasiões elas não estão sendo praticadas e isso pode abrir espaço para a entrada de outras práticas sociais que podem não ser boas para nosso povo, principalmente, para as jovens gerações.

Por isso é tão importante a participação de todos *Akwẽ* nesses momentos rituais. As oportunidades de aprendizagem dos nossos costumes ancestrais são dadas para todos os participantes, pois todos nós observamos os outros clãs diferentes e aprendemos a identificar

os nossos *sisdanãrkwa* (parceiros) e com isso reforçamos o respeito recíproco que deve existir entre todos *Siwadi* (parente).

A pintura corporal que é distinta em cada clã, é de grande importância para todos nós, pois o conhecimento do significado da pintura corporal clânica ajuda muito a fortalecer a identidade do nosso povo *Akwẽ* tanto para nós hoje, como para as gerações futuras.

Aprendemos também a importância da patrilinearidade na organização do sistema clânico, dos nomes indígenas e das pinturas corporais. E também a importância dessa organização para resolver as situações problemáticas que surgem no dia a dia da vida nas aldeias.

Os *wawẽ* são muito importantes para o povo *Akwẽ Xerente* porque são profundos conhecedores da nossa história e repassam oralmente esses conhecimentos de geração em geração.

Por isso é que dizemos que quando nós perdemos um ancião, é como se perdêssemos uma biblioteca de conhecimentos do nosso povo. Os anciãos são considerados como professores porque estão sempre levando o conhecimento tradicional para os jovens e para todo povo *Akwẽ*.

Para nós, jovens *Xerente*, é muito importante procurar conversar com os anciãos e perguntar sobre os conhecimentos tradicionais da nossa história.

Os anciãos sempre estão preocupados com os jovens *Akwẽ* porque muitas coisas ruins do mundo dos não indígenas estão entrando para dentro do território *Xerente*. Por exemplo, bebida alcoólica, tecnologia como celular, tv. Com isso, muitas pessoas da comunidade estão deixando de praticar as nossas tradições como, por exemplo, nossos cânticos e mesmo as corridas de tora de buriti. Hoje em dia muitos jovens *Xerente* têm vergonha de praticar as danças culturais do nosso povo.

Isso é motivo de muita preocupação para os mais velhos do nosso povo *Akwẽ*.

Por isso, os mais velhos estão sempre incentivando os jovens *Xerente* a não deixar de praticar os nossos conhecimentos tradicionais do povo *Akwẽ*.

Com a pesquisa consegui compreender melhor de que maneira os *Wawẽ* mantêm os ensinamentos ancestrais da nossa cultura, valorizando e repassando esses ensinamentos para os *Wapte Akwẽ*.

A pesquisa com o meu povo *Xerente* sobre como funciona a organização dos nomes próprios me trouxe muita aprendizagem acadêmica. Mas fez também eu amar mais ainda a cultura do meu povo *Akwẽ*. Como pesquisador *Akwẽ* foi muito interessante vivenciar e conviver com as riquezas culturais do meu povo *Akwẽ*.

Adquiri muitos conhecimentos tradicionais do povo *Xerente*, principalmente, sobre as festas culturais, as histórias tradicionais, as crenças cosmológicas, a língua materna, enfim, a cultura do povo *Xerente* que é nossa identidade cultural.

Como pesquisador eu tive que entrevistar os anciãos para entender quais são as regras presentes na festa cultural durante a nomeação feminina que acontece no *Dasîpê*. Isso foi um processo de aprendizagem muito rico para mim como pesquisador da identidade indígena *Xerente*.

Foi muito importante também conhecer os trabalhos de autores não indígenas e indígenas *Akwê* que já pesquisaram e escreveram sobre o *Dasîpê* e outros rituais *Akwe*. Ler esses trabalhos ajudou muito na minha pesquisa de campo que foi realizada principalmente na Aldeia Salto no Território Indígena e Funil no município de Tocantínia, do estado do Tocantins.

Os acadêmicos do povo *Akwê* que estão estudando em universidades federais devem continuar a fazer pesquisa de campo com nossos velhos. Temos que escrever, gravar, fazer filmagem dos rituais que são ensinados na festa cultural do nosso povo *Xerente*. Temos que passar esses conhecimentos tradicionais para livros que possam ser instrumento pedagógico para serem utilizados pelos professores indígenas em sala de aula nas escolas indígenas que ficam no território *Xerente*.

Pesquisas como essa que eu fiz, e também outros *Akwê* acadêmicos, podem ajudar na reflexão da comunidade indígena *Akwê* e servir como subsídios para reforçar as soluções tradicionais e reconhecer a importância dos costumes tradicionais dentro das escolas formais e diante do mundo não indígena.

Nossa cultura será assim guardada não só através da oralidade que é passada pelos anciãos de geração à geração, mas também através da escrita em livros.

Todos os *Wapte* (jovens) poderão cada vez mais acessar esses conhecimentos sobre os nomes próprios do povo *Xerente* e sobre tantos outros rituais que mantêm nossa identidade cultural ainda muito forte.

## REFERÊNCIAS

- DE PAULA, Luís Roberto. A dinâmica faccional Xerente: esfera local e processos sociopolíticos nacionais e internacionais. 2000. 287 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- FARIAS, Agenor José Teixeira Pinto. Fluxos sociais Xerente: organização social e dinâmica das relações entre aldeias. 1990. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- FARIAS, Agenor José Teixeira Pinto. Os rituais de nomeação xerente e o contexto de contato. In: PEIRANO, Mariza G. S. (org.). Análises de rituais. Brasília: UnB, 2000. p. 63-80. (Série Antropologia, 283).
- FARIAS, José Agenor. Ritual e parentesco na sociedade Xerente contemporânea. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 37, p. 309-331, 1994.
- NIMUENDAJU, Curt. Carta ao Major Alencarliense. Piabanha, 4 de abril de 1930. In: BRASIL. Relatório da Inspectoria de Goyas do SPI, do ano 1930. Rio de Janeiro: Museu do Índio/Serviço de Arquivos, 1930. Filme 342, Fotograma 78.
- NIMUENDAJU, Curt. The associations of the Šerente. American Anthropologist, [S. l.], v. 41, n. 3, p. 408-415, 1939.
- NIMUENDAJÚ, Curt. The Serente. Los Angeles: The Southwest Museum, 1942.
- RAPOSO, Clarisse Marina dos Anjos. Sobre voragem e fertilidade: parentesco, nomeação e alteridade nos modos Akwe-Xerente de composição da vida. 2019. 361 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- SCHOEREDER, Ivo. Políticas e parentesco nos Xerente. 2006. 303 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- WEWERING, Silvia Thêkla. Povo Akwê Xerente: vida, cultura, identidade. Belo Horizonte: Rona, 2013.
- XERENTE, Afonso Tiikwa. A corrida de toras curtas e longas entre o povo Akwê/Xerente no Dasipê: Festa Cultural. 2020. 110 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- XERENTE, Silvino Sirnãwê. Dasipê Akwê Xerente Waskuze: história do Dasipê Xerente. 2022. 107 f. Dissertação (Mestrado em História das Populações Amazônicas) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2022.
- XERENTE, Valci Sinã. Akwe Xerente nisizem re hã hêsuka: nomes próprios do povo Xerente. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural em Educação Superior Indígena) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

XERENTE, Valteir Tpêkru. Os substantivos em Akwẽ mrmẽze: uma proposta lexicográfica na perspectiva da identidade Xerente. 2021. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2021.